UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

ANA GABRIELA ALVES MEDEIROS

VALORES EM JOGO: CERIMÔNIAS ESPORTIVAS COMO RITUAIS SECULARES DE EMULAÇÃO DE VALORES

VITÓRIA
2012

ANA GABRIELA ALVES MEDEIROS

VALORES EM JOGO: CERIMÔNIAS ESPORTIVAS COMO RITUAIS SECULARES DE EMULAÇÃO DE VALORES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física, na área de concentração Estudos Pedagógicos e Sócio-Culturais da Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Otávio Guimarães Tavares da Silva

VITÓRIA
2012

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

Medeiros, Ana Gabriela Alves, 1988-
M488v Valores em jogo : cerimônias esportivas como rituais seculares de emulação de valores / Ana Gabriela Alves Medeiros. – 2012.
152 f. : il.

Orientador: Otávio Guimarães Tavares da Silva.
Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos.

1. Rituais. 2. Ritos e cerimônias. 3. Jogos Olímpicos. 4. Valores. 5. Escolas - Exercícios e jogos. I. Silva, Otávio Guimarães Tavares da. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de Educação Física e Desportos. III. Título.

CDU: 796

ANA GABRIELA ALVES MEDEIROS

VALORES EM JOGO: CERIMÔNIAS ESPORTIVAS COMO RITUAIS SECULARES DE EMULAÇÃO DE VALORES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação Física, na área de concentração Estudos Pedagógicos e Sócio-Culturais da Educação Física.

28 de março de 2012.

COMISSÃO EXAMINADORA

_____

Prof. Dr. Otávio Guimarães Tavares da Silva
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

_____

Prof. Dr. Carlos Nazareno Ferreira Borges
Universidade Federal do Espírito Santo

_____

Prof. Dr. Nelson Schneider Todt
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

DEDICATÓRIA

À minha mãe, Enilda, uma mulher “multifuncional” (mãe, pai, amiga, irmã...) que é o alicerce da minha vida.

À minha avó, Enedina, que me tem sempre em suas orações.

À “razão do meu destino ser raro e ter um gosto sincero de amor”.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por todas as graças que me concede todos os dias.

A minha mãe, pelo incentivo, amor, zelo e por me possibilitar a realização deste objetivo.

Aos meus familiares (primos, primas, tios, tias, em especial a minha tia Iraci) pelo apoio e por acreditarem em mim, e nos momentos cruciais, às vezes até sem saber, renovarem as minhas forças.

A minha irmãzinha e afilhada Maria Fernanda, que em inúmeras ocasiões foi forçada a compreender que eu não podia brincar e precisava de silêncio.

À professora doutoranda Doiara, pela co-orientação, paciência, incentivo, pelo apoio mais que operacional, e, sobretudo, pela amizade, cumplicidade e companheirismo verdadeiro.

A Papau e Bruno, um pai e um irmão que Deus me presenteou, pelo laço eterno de amor.

Às minhas queridas e inseparáveis amigas Mi, Paulinha, Nanda, Cá, Lore, Laly, Tici, Robertinha, Isis e Irá (irmã de coração), que ultrapassaram a distância e se fizeram presentes durante todo o processo.

Aos meus irmãos Vange, Alexandre e Vanessa, e meus sobrinhos, que inesperadamente entraram em minha vida, dando uma tonalidade diferente a ela.

Ao NUBES (Núcleo de Baianos no Espírito Santo), formado por Doiara, Dirceu, Marcel e Kleide, pelo companheirismo e amizade, e por juntos diminuirmos a distância dos familiares e da Bahia.

Aos meus colegas do CESPCEO, que marcaram minha vida de maneira ímpar durante este processo: Jú Saneto, Ana Carolina, Fabiano, Guilherme, Grece, Keni, Noelle, André Roeldes, Thaise e Fernanda (minhas orientandinhas) e Isabelle e Lenildo (pela ajuda na coleta em Curitiba).

Aos meus colegas de turma, pelo conhecimento e formação compartilhada, em especial ao Michel Beccalli, que se tornou um grande amigo.

Aos professores da UESC, que contribuíram significativamente na minha formação inicial, em especial, a Marcia Morel, Cristiano Bahia, Joslei Viana, Anne Almeida, Regina Marchesi e Micheli Venturini (que, apesar de não compor o quadro de docentes da UESC, tem participação ativa na minha jornada).

Ao professor Carlos Nazareno (Naza), pelas contribuições acadêmicas na

qualificação, e, principalmente, pelos momentos de descontração e alegria compartilhados.

Ao professor José Luiz dos Anjos, pelas contribuições durante a banca de qualificação e por me proporcionar o crescimento e desenvolvimento profissional durante a docência supervisionada.

Ao meu orientador, Otávio Tavares, por me fazer compreender que entre o branco e o preto há uma escala de cinza.

Aos professores e funcionários do CEFD, em especial a Suziane, Dan e Dona Iraní.

Ao professor Nelson Todt, pelas contribuições ao trabalho.

À prefeitura de Vitória-ES pelo financiamento a esta pesquisa através do Fundo de Apoio a Ciência e Tecnologia (FACITEC).

Aos organizadores dos jogos escolares que me permitiram realizar a coleta de dados em seus eventos.

Aos organizadores dos Jogos na Rede 2011, pela atenção, entrevistas concedidas e permissão de acesso ao evento.

Aos organizadores das Olimpíadas Escolares 2011, em especial ao Edgar Hubner, a Paula Hernandez, a Nira Lima e a Beatriz Kipf, por permitirem a realização deste trabalho.

A todos vocês, muito obrigada.

“Para ser grande, sê inteiro: nada
Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
Brilha, porque alta vive.”

Fernando Pessoa

RESUMO

A proposta deste estudo é elaborar uma análise que envolve a emulação de valores a partir de rituais em um contexto específico: o esportivo. Para isto, partimos da compreensão de que as cerimônias esportivas possuem uma dimensão ritualística que se constitui como um palco privilegiado para a celebração de valores (MORÁGAS, MacALOON e LLINÉS, 1995). Os Jogos Olímpicos como referência central de competição é evidente na esfera esportiva, de forma que a quantidade de 'olimpíadas' se expande, abrangendo competições poliesportivas desde níveis comunitários até mundiais. Torna-se perceptível que, direta ou indiretamente, estas competições baseiam-se no modelo cerimonial olímpico. Baseando-se nesse pressuposto, buscamos identificar e analisar os valores que orientam diferentes jogos escolares bem como os sentidos e significados atribuídos às cerimônias de abertura e ao esporte por alunos-atletas e organizadores de quatro jogos escolares (selecionados intencionalmente). Para tanto, combinamos os dados advindos da observação direta das cerimônias, das entrevistas guiadas realizadas com alunos-atletas e organizadores, bem como da aplicação de questionários. Seguindo às hipóteses do estudo, percebeu-se que os 'jogos' e 'olimpíadas' escolares analisados emularam as cerimônias olímpicas e seus valores ao mesmo tempo em que promoveram sua identidade e valores específicos. Entretanto, constatou-se a partir das falas dos organizadores que as especificidades valorativas dos seus eventos não são claramente distinguíveis em relação aos Jogos Olímpicos e/ou aos valores associados ao esporte como um todo. Verificou-se também que à medida que os jogos escolares apresentam características mais "locais" (com menor dimensão e população), a "forma" das cerimônias parece configurar-se de maneira mais flexível, sobretudo, no que se refere a como e em que ordem os elementos protocolares são dispostos ao longo da cerimônia. No que se refere às representações valorativas dos elementos e símbolos olímpicos, percebe-se que o caráter ritual da cerimônia esportiva é objetivamente pouco compreendido em termos de significados pelos entrevistados, mas, temos subsídios para pensar que a cerimônia parece manter sua eficácia social situada na produção das crenças.

PALAVRAS-CHAVE: Rituais. Cerimônias de abertura. Jogos Olímpicos. Valores. Jogos escolares.

ABSTRACT

The current study is aimed to elaborate an analysis on the emulation of values through rituals in a specific context: sports. To this end, we start from the comprehension that sport ceremonies – such as the Olympic ceremonials – embrace a ritualistic dimension which figures as a privileged stage to celebrate values (MORÁGAS, MacALOON and LLINÉS; 1995). The Olympic Games as central reference to other competitions is evident in the sport field in such a way that the quantity of 'olympics' is increasing embracing sport competitions from the community level until the world context. It is noticeable that these competitions, directly or indirectly, are based on the Olympic model (as they have a symbolic "flame", parade of delegations, oaths, hymns, among other elements). Based on this hypothesis, we tried to identify and analyze the values which orient different school games as well as the meanings and senses attributed to the opening ceremonies and sport by students-athletes and organizers who took part on four different school games. To do so, we combined the data that came from direct observation of the ceremonies, guided interviews with athletes and organizers, as well as questionnaires. Based on the previous hypothesis, it was noticeable that these school Olympics emulated the Olympic ceremony and its values and at the same time the promoted their own identity and specific values. However, through the organizer's speeches, the specific values of the events they promoted were difficult to distinguish from the Olympics and/or the values associated to sports in general. It was also perceptible that as more "local" the school games were (with smaller size and population), the "shape" of the ceremonies were featured in a more flexible way, specially, in regards to how and in which order the protocol elements were presented during the ceremony. In regards to the valuing representations of Olympic elements and symbols, it is clear that the ritual aspect of the sport ceremonies are objectively slightly comprehended on their meanings, but, we are subsidized to argue that the ceremony seems to keep its social efficacy in the production of beliefs.

KEYWORDS: Rituals. Opening Ceremonies. Olympic Games. Values. School games.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 11

2. CERIMÔNIAS ESPORTIVAS COMO RITUAIS SECULARES 19

2.1 CERIMÔNIAS OLÍMPICAS: ASPECTOS GERAIS 20

2.2 O UNIVERSAL E O LOCAL NA CERIMÔNIA DE ABERTURA DOS JOGOS OLÍMPICOS 23

2.3 A CERIMÔNIA OLÍMPICA E O GÊNERO PERFORMATIVO “RITUAL” 26

2.3.1 O ritual como gênero olímpico: especificidades 30

2.3.2 A cerimônia olímpica: forma e conteúdo 32

2.4 RITUAIS: ANÁLISES ANTROPOLÓGICAS 34

2.4.1 Perspectivas conceituais 37

3. ESPORTE E VALORES 44

3.1 UM OLHAR NEOMARXISTA... 45

3.1.1 ...Sobre o esporte 46

3.2 UM VISÃO PLURAL DO ESPORTE 52

3.3 O ESPORTE EM FACE DO RELATIVISMO AXIOLÓGICO 61

4. APONTAMENTOS METODOLÓGICOS 66

4.1 OS JOGOS ESCOLARES INTERNOS 68

4.2 OS JOGOS INTERESCOLARES 69

4.3 OS JOGOS NA REDE 2011..... 70

4.4 AS OLIMPÍADAS ESCOLARES 2011 71

5. A EMULAÇÃO DE VALORES NAS CERIMÔNIAS ESPORTIVAS ESCOLARES..... 73

5.1 A CERIMÔNIA DE ABERTURA DAS OLIMPÍADAS ESCOLARES 2011..... 74

5.1.1 Elementos protocolares: representações e significados 80

5.1.2 Olimpíadas Escolares, esporte e valores 98

5.2 A CERIMÔNIA DE ABERTURA DOS JOGOS NA REDE 2011 107

5.3 A CERIMÔNIA DE ABERTURA DOS JOGOS INTERESCOLARES 116

5.3.1 A relação entre esporte e valores nos Jogos Interescolares 124

5.4 A CERIMÔNIA DE ABERTURA DOS JOGOS ESCOLARES INTERNOS 126

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS 131

7. REFERÊNCIAS 136

APÊNDICES 141

1. INTRODUÇÃO[1]

A sociedade é organizada por um conjunto de categorias, classificações, formas e valores que é relativamente definido e compartilhado. A teoria sociológica aponta que estes aspectos que compõem a identidade de um grupo são celebrados e ritualizados através de formas específicas desenvolvidas pelo mesmo.

A proposta deste estudo é elaborar uma análise que envolve a emulação de valores a partir de rituais em um contexto específico: o esportivo. Para isto, partimos da compreensão de que as cerimônias esportivas possuem uma dimensão ritualística que se constitui como um palco privilegiado para a celebração de valores.

Reconhecidamente, os Jogos Olímpicos (JO) – um dos eventos de maior dimensão mundial – estão entre as formas de ritualização de valores da modernidade mais conhecidas e influentes (DaCOSTA, 2000; MacALOON, 1984). Em face disso, observa-se com frequência um elevado número de 'jogos' e 'olimpíadas'. Com efeito, os Jogos Olímpicos como referência central de competição é tão evidente que o termo 'olimpíada' denomina, inclusive, competições sem relações com o esporte, como as competições de conhecimentos (olimpíadas de matemática, física, soletração e etc.).

Na esfera esportiva, a quantidade desses 'jogos' se expande, abrangendo competições poliesportivas desde níveis comunitários até mundiais. Torna-se perceptível que, direta ou indiretamente, estas competições baseiam-se no modelo cerimonial olímpico. Nota-se, por exemplo, a presença de uma chama "simbólica", desfile de equipes ou delegações, hasteamento de bandeiras, juramentos, hinos, dentre outros elementos.

De fato, o cuidado de enfatizar a presença das cerimônias e solenidades atreladas a elementos simbólicos nos JO modernos, sobretudo pelo seu idealizador, Pierre de Coubertin, se constituiu como uma das estratégias para atribuir a tal evento distinção em relação aos demais. Sendo assim, as cerimônias olímpicas caracterizam-se

[1] As citações bibliográficas apresentadas neste trabalho foram traduzidas para o português pela autora.

como um ‘culto secular’, no qual valores são ritualizados (MacALOON, 1984), passíveis de serem ressignificados em práticas que tomam tais cerimoniais como referências.

Tal fato pode ser compreendido a partir da concepção de Hall (2000), a qual alega que as sociedades contemporâneas lidam de forma múltipla e flexível com valores. Assim, se considerarmos a pluralidade e a diversidade características destas sociedades desconstrói-se a possibilidade de uma pretensa universalidade normativa de valores, estabelecendo então relações que tendem a respeitar as singularidades subjetivas.

Estudos[2] neste sentido têm demonstrado que há complexas relações entre a emulação de valores da modernidade ocidental – tidos como valores universais – e as apropriações dos mesmos no contexto de sociedades cada vez mais plurais.

Esta investigação faz parte de um projeto mais amplo que envolveu pesquisas de iniciação científica e de pós-graduação com o objetivo de analisar os valores atribuídos às práticas esportivas a partir de seus rituais. Tal projeto foi financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e foi desenvolvido no período de 2007 a 2011.

Para esta pesquisa, elegemos quatros jogos esportivos escolares, com diferentes graus de institucionalização, como eventos que possibilitam a análise de singularidades valorativas a partir das suas cerimônias de abertura e seu caráter ritual. Sendo assim, estamos diante de contextos que nos permitem pensar os valores que permeiam a relação entre esporte e educação, uma vez que são eventos de cunho pretensamente pedagógico que, concomitantemente, estão parcialmente sujeitos às lógicas que orientam o esporte de rendimento.

Deste modo, uma das problemáticas que motivam este trabalho circunda os valores que são celebrados nas cerimônias de abertura dos jogos esportivos escolares. Assim, questionamos: quais os sentidos e significados atribuídos por diferentes atores sociais (alunos e organizadores) a estas competições esportivas? Que

[2] Pesquisas de iniciação científica e pós-graduação do Centro de Estudos em Sociologia das Práticas Corporais e Estudos Olímpicos (CESPCEO), da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

valores estas competições e suas cerimônias de abertura celebram? Como se estabelecem suas especificidades valorativas?

Sob essa perspectiva podemos aludir o trabalho de Queirós (2004), que discute a participação de crianças e jovens no esporte diante da labilidade axiológica em que vivemos atualmente. Para a autora, um conjunto de fatores tornou as sociedades contemporâneas ocidentais axiologicamente plurais e heterogêneas, em que o efêmero, o transitório e a carência de ideologias sólidas são características marcantes.

Porém, não se pode alegar que os valores estão ausentes, uma vez que estes são intrínsecos a vida do homem e da sociedade, pode-se dizer que há uma coexistência dos mesmos devido à enorme diversidade de referenciais sociais e culturais. Dessa forma, a reflexão acerca dos valores torna-se indispensável no sentido de se constituir uma referência para a existência humana, principalmente em atividades onde existe um aspecto normativo implícito, como a educação e o esporte.

Outros questionamentos que embasam esta pesquisa referem-se a dois momentos marcadamente distintos das cerimônias de abertura: o universalista e solene e o particularista e festivo. Estes momentos estão presentes nas cerimônias olímpicas e foram estudados pelo antropólogo Roberto DaMatta (2006).

Analisando a elaboração do elo entre o universal e o local em dois eventos esportivos internacionais – os Jogos Olímpicos e o Campeonato Mundial de Futebol –, DaMatta (2006, p. 191) identificou que

> [...] os Jogos Olímpicos reúnem ritos universalistas (as cerimônias de abertura e encerramento), ritos cívico-nacionalistas (todas as vitórias são marcadas pelo "direito" de celebração dos símbolos do país vencedor, quando a bandeira é hasteada ao som do seu hino nacional); além de ser também um festival folclórico e uma festa popular nos quais valores locais (do país hospedeiro) são apresentados.

A esta proposição acrescentamos a ideia de que na própria cerimônia de abertura dos JO podemos perceber um momento mais formal (universalista) constituído, dentre outros elementos, pelo desfile das delegações, hasteamento de bandeiras, acendimento da pira e juramento dos atletas, e uma parte festiva (particularista) que

é composta pelo programa artístico, que, termina por ser, uma narrativa e uma celebração da identidade do país que recebe os Jogos. Contudo, é importante salientar que estes momentos (universalista e particularista) não são isolados, eles coexistem e oscilam durante a cerimônia.

Logo, tendo as cerimônias esportivas escolares como celebrações que emulam o modelo olímpico, podemos indagar: como se estabelecem os momentos estruturais, universal e local, nas cerimônias de abertura dos jogos esportivos escolares?

Em face das questões apresentadas, para orientar as discussões da presente investigação, mobilizamos autores para tratar dos aspectos ideológicos e protocolares da cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos, tais como Morágas, MacAloon e Llinés (1996), DaMatta (2006) e Todt (2009). Uma obra de referência neste escopo é MacAloon (1984), na qual se apresenta a Teoria do Espetáculo que permite analisar a cerimônia olímpica como um ritual secular.

Para expandirmos a compreensão acerca do termo ‘ritual’ e suas manifestações, aprofundamos a discussão a partir da teoria antropológica contemporânea utilizando autores como Turner (1974), Peirano (2002; 2003) e Segalen (2002). Também compõem o quadro teórico deste estudo as teorias sobre esporte moderno e a diversidade de valores que este permeia, sobretudo, a partir de Bracht (1992), Vaz (2003), Bento (2004), Gaya e Torres (2004) e Queirós (2004).

Diversas abordagens teóricas demonstram a vitalidade do estudo sobre os rituais, como ferramenta conceitual, para auxiliar a compreensão de uma determinada sociedade, seus valores pensados e vividos. Porém, constatamos que análises que inter-relacionem a tríade cerimônias esportivas, rituais e valores parecem incipientes, tanto no campo das Ciências Sociais quanto no campo da Educação Física.

Nesse sentido, buscaremos realizar uma articulação entre os seguintes pressupostos:

- A ideia de que cerimônias esportivas são constituídas por momentos rituais (MacALOON, 1984);

- Que os rituais revelam o que está presente no cotidiano de um determinado grupo, realçando e ampliando um arcabouço de ideias e valores que lhes são comuns (PEIRANO, 2003; SEGALEN, 2002);

- Que o esporte é permeado por valores, os quais regem atitudes e comportamentos dentro de uma comunidade (BRACHT, 1992; VAZ, 2003; BENTO, 2004; GAYA; TORRES, 2004).

Desta forma, estabelecemos como objetivo geral analisar os sentidos, significados e valores envolvidos na realização dos jogos e olimpíadas escolares para alunos-atletas e organizadores, a partir de suas cerimônias de abertura. A potencialidade destes *lócus* reside nas suas diversas dimensões (nacional, estadual e local) e na pluralidade das instituições envolvidas (por exemplo, escolas confessionais, não confessionais, instituições particulares e públicas, etc.).

Assim, delimitamos como objetivos específicos para este estudo: (1) identificar e analisar os valores que orientam os jogos esportivos escolares; (2) identificar e analisar os momentos universal e local nas cerimônias de abertura dos jogos; (3) analisar e discutir os sentidos e significados atribuídos por alunos-atletas e organizadores às cerimônias de abertura e ao esporte; bem como, (4) discutir as aproximações e deslocamentos entre as concepções dos alunos e dos organizadores.

Diante disto, dada a literatura mobilizada, partimos de uma estrutura epistemológica que compreende polaridades interdependentes alocadas em um *continuum* no conjunto de sentidos dos atores sociais, tais como concepções plurais e singulares sobre um mesmo evento, a prática de esporte relacionada ao dever e ao prazer, dentre outras.

O esporte está presente no nosso cotidiano de tal forma que muitas vezes as interpretações acerca dele nos parecem totalmente claras e acabadas. No entanto, como um fenômeno social moderno e complexo, remanescem elementos que carecem de análises aprofundadas que considerem a amplitude de suas articulações e manifestações.

Nesse sentido, entendemos que investigar rituais na especificidade do contexto esportivo pode demonstrar momentos de intensificação e/ou diminuição do que é usual para determinado grupo, evidenciando nos rituais signos que detectam traços comuns a outros momentos e situações sociais. Assim, dentro dos limites desta análise, será possível reunir elementos que permitam reconhecer e compreender a pluralidade de valores a partir de representações sociais.

Obras como Morágas, MacAloon e Llinés (1996) e MacAloon (1984) analisaram as cerimônias olímpicas e seu poder simbólico. A primeira obra apresenta resultados de investigações sobre a transmissão televisiva das cerimônias olímpicas, abrangendo a promoção e seleção de valores dentro de um complexo processo comunicativo. A segunda inaugura a Teoria do Espetáculo, indicando que a cerimônia olímpica é constituída por diversos 'gêneros performativos', dentre eles: o espetáculo, o festival, o ritual e o jogo.

Como gênero olímpico, o ritual parece estar bem definido quanto às suas manifestações e expressões. Entretanto, no plano geral, os processos de definição e caracterização parecem dispersos. Assim, embora não haja uma compreensão fixa e canônica sobre ritual, utilizaremos a definição apresentada por Peirano (2003, p. 11)[3]:

> O ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica. Ele é constituído de seqüências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas seqüências têm conteúdo e arranjos caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). A ação ritual nos seus traços constitutivos pode ser vista como "performativa" em três sentidos: 1) no sentido pelo qual dizer é também fazer alguma coisa como um ato convencional [como quando se diz "sim" à pergunta do padre em um casamento]; 2) no sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação [um exemplo seria o nosso carnaval] e 3), finalmente, no sentido de valores sendo inferidos e criados pelos atores durante a performance [por exemplo, quando identificamos como "Brasil" o time de futebol campeão do mundo].

Ressaltamos que as elaborações sobre o conceito de ritual são amplas e que, *a priori*, estavam restritas a uma perspectiva religiosa, como as análises de Durkheim, Mauss, Lévi-Strauss, Malinowski, dentre outros. Contudo, é válido pontuar que, tendo em vista a conjuntura da presente pesquisa, adotaremos abordagens

[3] É importante ressaltar que Peirano (2003) fundamenta-se nas ideias do antropólogo Stanley Tambiah e acrescenta exemplos do cotidiano para operacionalizar tal conceito.

contemporâneas acerca do termo, as quais se distanciam do âmbito religioso das concepções antecedentes.

No contexto dos rituais, os valores podem ser expressos nos elementos simbólicos, nas ações dos atores sociais e até mesmo nas narrativas durante os atos performáticos. Nessa perspectiva, “[...] os valores se convertem em cada sujeito em critérios que permitem julgar a realidade, em predisposições que orientam sua conduta e em normas que a pautam” (PUIG, 1993 apud CAPARROZ, 2006, p. 4). Em outras palavras, podemos dizer que os valores regem as atitudes e comportamentos de indivíduos dentro de uma comunidade e representam características da dinâmica social na qual são gerados[4].

Partindo deste pressuposto, os valores que permeiam o esporte no contexto escolar são alvo de diversos questionamentos e investigações. Segundo a Teoria Crítica do Esporte (TCE), por exemplo, o esporte educa em um sentido funcional, pois, transmite valores e atitudes para a manutenção e o desenvolvimento do sistema (capitalista) (BRACHT, 1987, 2005; VAZ, 2001, 2003).

Em contrapartida, há autores que trabalham na perspectiva de que os valores adquiridos e cultivados no esporte devem ser analisados a partir de outros prismas, não apenas em sua dimensão funcional. Para estes autores, há de se considerar que tais valores ultrapassam os limites do palco esportivo e podem servir como princípios básicos para a educação em seu sentido lato (BENTO, 2004; GAYA; TORRES, 2004). Vale salientar que não utilizaremos estas correntes para um confronto teórico, mas sim para balizar as diversas possibilidades de análises decorrentes dos valores difundidos no esporte.

Após esta breve apresentação dos pressupostos teóricos que subsidiam nosso trabalho, apresentamos no capítulo segundo a estrutura, os objetivos e a ideologia que orientam a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos, enfatizando a dimensão ritual das cerimônias esportivas a partir da Teoria do Espetáculo de MacAloon (1984). A partir daí, discutimos os aspectos conceituais e as características do ritual na perspectiva contemporânea, amparados na antropologia.

---

[4] Entretanto, vale salientar que somos detentores de um mundo pessoal de valores e estes se encontram interligados com um mundo coletivo.

No terceiro capítulo, apresentamos a discussão sobre esporte e valores a partir dos estudos de Bracht (1992), Vaz (2001; 2003), Bento (2004), Gaya e Torres (2004), Queirós (2004), dentre outros. Neste debate, buscamos mapear as contribuições e os limites que se estabelecem em tais teorias, destacando que nessa discussão acerca da relação educação, valores e esporte perpassam divergências e complementaridades.

Posteriormente, no capítulo quatro, descrevemos os procedimentos metodológicos, indicando o tipo de estudo, os instrumentos e as etapas/dimensões que envolveram o trabalho, bem como as características dos jogos analisados.

No quinto capítulo elaboramos as análises e discussões dos dados coletados nos jogos escolares a partir dos referenciais teóricos explanados. Por fim, pontuamos as considerações finais apontando proposições conclusivas e possíveis desdobramentos para futuras pesquisas.

2. CERIMÔNIAS ESPORTIVAS COMO RITUAIS SECULARES

O fato de as cerimônias olímpicas servirem como ‘modelo’ para diversas competições torna indispensável entender como elas se configuram. Neste capítulo, apresentaremos teorias que auxiliam a compreensão acerca da estrutura, objetivos e ideologia que orientam a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos. Concentraremos a articulação entre tais elementos sobre a dinâmica processual da dimensão ritual, que servirá de base para esta investigação no contexto dos jogos escolares.

Faz-se necessário pontuar que os termos ‘cerimônia’ e ‘ritual’ compõem uma relação complexa, mas, são distinguíveis. Antecipamos que há uma convergência teórica interna que se manifesta concretamente, sobretudo, em termos estruturais. Porém, a cerimônia tende a ser mais abrangente, envolve ‘rituais’ (gestos, símbolos, atos, etc.) e, ao mesmo tempo, pode possuir outras dimensões, tais como o espetáculo, o festival e o jogo[5]. Sendo assim, seria um equívoco tratá-los como sinônimos. Ao longo deste capítulo buscaremos demarcar essa distinção, servindo-nos de autores que trabalharam com estas ferramentas teóricas tanto no contexto esportivo quanto fora dele.

Nesse sentido, principalmente a partir de apontamentos realizados por Morágas, MacAloon e Llinés (1996) observaremos alguns aspectos gerais da celebração olímpica. Em complementaridade, baseados nas proposições de DaMatta (2006), situaremos a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos segundo seu caráter dialético (ritual universalista e cívico-nacionalista).

Em perspectiva mais específica, apresentaremos as principais interpretações de MacAloon (1984) sobre as cerimônias olímpicas segundo sua dimensão ritualística, que tem estreita relação com alguns pressupostos ideológicos do Movimento Olímpico (MO)[6]. Na sequência, apresentaremos como os elementos protocolares

---

[5] Como abordaremos adiante, espetáculo, festival, ritual e jogo são categorias trabalhadas por MacAloon (1984) a partir da noção de ‘gênero da performance cultural’.

[6] “O Movimento Olímpico segundo a Carta Olímpica (1997, p. 8) ‘engloba organizações, atletas e outras pessoas que concordem ser guiadas pela Carta Olímpica. O critério para pertencer ao

dos Jogos Olímpicos se conciliam com seus pressupostos ideológicos (forma e conteúdo).

Tendo em vista que a análise de MacAloon (1984) sobre rituais restringe-se à concepção de ‘gênero olímpico’, aprofundaremos a compreensão contemporânea de rituais, principalmente, a partir de Peirano (2002, 2003) e Segalen (2002).

2.1 CERIMÔNIAS OLÍMPICAS: ASPECTOS GERAIS

> [...] Nenhum outro momento dos Jogos Olímpicos, nenhum outro festival esportivo, evento cultural, performance artística, igreja, movimento político, organização internacional, incluindo as Nações Unidas, tem sido capaz de organizar performances programadas, regularmente agendadas que chamam a atenção de todo o globo como as Cerimônias Olímpicas (MacALOON, 1996, p.33).

Muitos eventos cerimoniais estão presentes no nosso cotidiano, tais como aqueles relacionados ao nascimento, casamento, formatura, etc. Cada cerimônia pode reunir uma variedade de jogos simbólicos, de formalidades, atos solenes, danças, competições, crenças, dentre outros fatores.

Para a compreensão das cerimônias olímpicas e suas configurações, é preciso antes entender: do que estamos falando quando nos referimos ao termo ‘cerimônia’? Optamos por abordar esse questionamento apresentando uma concepção advinda diretamente de análises que tem como contexto os Jogos Olímpicos.

Durantez (2000, p. 17) pontua que uma cerimônia pode ser definida como “um conjunto de atos formais e regulados que acompanham eventos humanos de grande significância [...] atos regulados por lei, estatuto ou costume, que expressam o valor

---

Movimento Olímpico é o reconhecimento pelo COI’. Adicionalmente, é importante informar que as atividades do Movimento Olímpico não se cingem à realização dos Jogos Olímpicos, se estendendo também a programas de educação olímpica, apoio ao treinamento de atletas, atualização de técnicos e dirigentes esportivos, promoção e apoio à atividades de esporte para todos, assim como o financiamento de estudos e a realização de seminários voltados para questões relativas ao esporte em seus mais diferentes aspectos” (TAVARES, 1998, p. 15).

de ‘entidades divinas’ ou a honra e orgulho de seres humanos”. Podemos somar a essa definição à ideia de que as cerimônias são ocasiões nas quais se estabelecem relacionamentos entre instituições, grupos e/ou pessoas construindo a possibilidade de se consolidar determinados conceitos, valores e/ou identidades.

Ao analisar especificamente a cerimônia olímpica e a história do Movimento Olímpico, Diem (1964 apud CARRARD, 1996, p.23) pontua:

> A cerimônia dá forma a um evento, enfatiza-o, constrói o clímax, e conduz o público com simpatia, reflexão, leveza e, finalmente, harmonia [...] **Apenas dessa maneira os eventos isolados dos Jogos Olímpicos podem ser combinados em forma de uma celebração** [...] **Atos cerimoniais chamam a atenção para um determinado evento** [...] **A cerimônia atesta a importância de um evento**; **ela o reveste com espírito e alma**[7].

Nota-se, a princípio, que há um caráter funcional atribuído às cerimônias. Ou seja, elas servem aos propósitos de um determinado evento. Tendo em vista a importância e destaque atribuído ao papel da cerimônia nos Jogos Olímpicos desde a sua idealização, entendemos que a perspectiva de Morágas, MacAloon e Llinés (1996), contribui para o entendimento do que constitui o cerimonial de abertura. Tal perspectiva apóia-se sobre a ideia de que as cerimônias, em geral, têm uma dupla referência: (1) uma forma predefinida (ou seja, elementos protocolares); (2) e uma espécie de ‘religião’ (trata-se de uma mensagem específica a ser expressa).

A análise de cerimônias requer a articulação entre a forma e o conteúdo, uma vez que se trata de um processo sociocultural dinâmico. Quanto à forma, menciona-se que esta deve ser preferivelmente identificável pelas pessoas que participam da cerimônia, com momentos bem demarcados; quanto aos conteúdos da mensagem a ser expressa, espera-se que sejam minimamente reconhecidos e/ou compartilhados pelos participantes (MORÁGAS; MacALOON; LLINÉS, 1996).

Pode-se inferir que nos Jogos Olímpicos a ‘forma’, ou seja, os seus elementos estruturais/protocolares conciliam-se aos conteúdos propostos pelo Movimento Olímpico. Em outras palavras, os princípios fundamentais da ideologia olímpica são inseridos em uma estrutura bem demarcada, momentos bem definidos que potencializam a ‘mensagem’.

---

[7] Grifos nossos.

Pierre de Coubertin[8] sempre enfatizou a importância das cerimônias para os Jogos Olímpicos, justificando que "[...] é, sobretudo a partir das cerimônias que os Jogos Olímpicos devem distinguir-se de meros campeonatos mundiais" (COUBERTIN, 1910 apud MacALOON, 1996, p. 29).

Há na concepção de Coubertin a influência do pensamento social francês, sobretudo, a partir de Durkheim que menciona a necessidade de uma 'religião secular' para 'guiar' a humanidade. Nesse sentido, como indica Tavares (2003, p. 124-125), Coubertin "tinha clareza em seu objetivo de aproximar a 'Ideia Olímpica' da forma paradigmática de ideologia, *a religião*[9]". Essa concepção funda-se na noção da própria prática esportiva como uma "religião com igreja, dogmas, culto [...] mas, acima de tudo, com emoção religiosa" (TAVARES, 2003, p. 125).

Amparando-se nesta perspectiva, as cerimônias e os símbolos olímpicos devem ser percebidos como elementos de função 'quasi-religiosa', destinados a "criar um sentimento de envolvimento e compromisso que eleve os Jogos ao nível de uma experiência singular para todos aqueles que dele participam" (TAVARES, 1998, p. 54-55). De tal modo, a ideologia Coubertiniana projeta para os Jogos e para o atleta olímpico a função de 'modelos educacionais ideais'.

Segundo Durantez (2000, p. 18), o conteúdo pedagógico das cerimônias foi bem fundamentado na ideia *coubertiniana* de que "um novo mundo requer um novo tipo de homem, que deveria experimentar um novo tipo de educação" [10]. Isso, no entanto, não é uma consequência simples e espontânea do esporte. Nesse sentido, podemos observar na proposição e fundamentação da cerimônia olímpica um meio de atingir objetivos educacionais.

Morágas, MacAloon e Llinés (1996, p. 345), ao abordarem a importância da cerimônia olímpica para o Movimento Olímpico, apontam quatro principais dimensões:

> 1. O cerimonial **é o meio principal por meio do qual o Comitê Olímpico Internacional torna-se 'visível' e significativo para a audiência de**

[8] Barão francês idealizador dos Jogos Olímpicos Modernos.
[9] Grifo do autor.
[10] Nota-se que o constructo ideológico do Movimento Olímpico foi construído tendo como contexto o final do século XIX e início do século XX.

> **massas**, distinguindo-se de outras importantes instituições relacionadas ao esporte e, portanto, **ajudando a manter sua autoridade e liderança no movimento esportivo**;
>
> 2. **A cerimônia é a principal via para o intercâmbio intercultural** no sistema mundial hoje e, assim, **contribui para a missão do olimpismo de promover o entendimento internacional e a paz**;
>
> 3. **As cerimônias mantêm continuidades históricas no Movimento Olímpico**, e poderosamente expressa esses fatores no contexto atual da realidade global;
>
> 4. Estas cerimônias apresentam **uma oportunidade para a educação popular e realização de pesquisas sobre as instituições e dinâmicas do Movimento Olímpico** bem como de um sistema global mais amplo.[11]

Nestas dimensões estão presentes elementos educacionais da meta ideológica do Movimento Olímpico. Identifica-se nesta lógica – sobretudo na promoção do entendimento e paz internacional – o caráter universalista da cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos que, porém, tem assumido uma perspectiva dialética no que se refere ao local e ao global.

2.2 O UNIVERSAL E O LOCAL NA CERIMÔNIA DE ABERTURA DOS JOGOS OLÍMPICOS

Ao buscar as razões pelas quais os brasileiros identificam-se mais com a Copa do Mundo do que com os JO, o antropólogo brasileiro Roberto DaMatta (2006) analisou a maneira como o elo entre o local /global (e/ou singular/universal) são elaborados nos dois eventos. O autor considera que este é um dos pontos mais salientes da distinção entre as duas competições.

A ideia central de DaMatta (2006) é que tanto os campeonatos mundiais de futebol quanto os JO são ocasiões nas quais o ideal de igualdade universal é dramaticamente elaborado e celebrado, porém, na prática, cada um dos eventos apresenta isso de modos diferenciados. Tais diferenciações são exploradas pelo

[11] Grifos nossos.

referido autor, principalmente, a partir dos cerimoniais de abertura dos dois eventos. Nesta seção, interessa-nos pontuar como essa dialética se configura no modelo cerimonial olímpico para redimensioná-la à perspectiva de análise das cerimônias de abertura dos jogos escolares.

Os Jogos Olímpicos foram 'reconstituídos'[12] no contexto do final do século XIX e início de século XX a partir da experiência 'moderna e individualista'. Não por acaso, o evento dramatiza essa relação. Para DaMatta (2006) o componente individualista é notável no evento olímpico, que valoriza as conquistas individuais (o 'atleta-herói') associadas estreitamente à imagem do indivíduo moderno que é autônomo e livre, globalizado e, portanto, cuja identidade é descentrada e instável. Esse indivíduo, pretensamente, representa uma comunidade internacional e não um país.

Entretanto, outros momentos estruturais da cerimônia de abertura enfatizam exatamente o oposto dessa noção individualista quando, por exemplo, os atletas desfilam sob suas bandeiras nacionais. O viés nacionalista está presente de tal modo que

> [...] para alguns observadores, os jogos são torneios entre países, como indica o facto de cada delegação ser nacional, dotada de um hino nacional do país e de uma bandeira nacional atrás da qual desfila durante a cerimônia de abertura, enquanto para outros, os jogos são internacionais [...]. Este aspecto permitiu que alguns indivíduos denunciassem os jogos como sendo um terreno propício às paixões patrióticas e nacionalistas, defendendo à supressão das bandeiras e dos hinos nacionais (MARILLIER, 2000, p.95).

Soma-se a tais expressões do nacional na cerimônia de abertura o fato de a cidade anfitriã utilizá-la como um momento para valorizar aspectos da cultura e valores locais, principalmente a partir da programação artística[13]. Segundo DaMatta (2006) é dessa forma que o 'país' anfitrião[14] comumente busca enfatizar sua 'posição' dentro

---

[12] Originalmente, os Jogos Olímpicos consistiam em competições realizadas em pelo menos quatro diferentes cidades da Grécia Antiga, com destaque para Olimpia. As competições reuniam atletas das cidades-estado e caracterizavam-se por rituais de celebração aos deuses. Estes Jogos da Antiguidade datam do período de 776 a.C. à aproximadamente 394 d.C., quando, por questões religiosas, foram banidos por um imperador romano. Cerca de 1500 anos depois, os Jogos Olímpicos foram redimensionados pelo barão francês Pierre de Coubertin e a cada edição foram adquirindo o formato atual. Os primeiros Jogos da Era Moderna ocorreram em Atenas, no ano de 1896. Ver: YOUNG, D. **The Modern Olympics:** A Struggle for Revival. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1996.

[13] Podemos citar outros momentos cerimoniais nesse sentido como as de premiação em que o hino e as bandeiras relembram a nacionalidade dos vencedores.

[14] Embora, oficialmente, apenas uma cidade é anfitriã dos Jogos.

da comunidade internacional. A cerimônia de abertura é um momento profícuo para isso tendo em vista que todas as atenções (incluindo a cobertura midiática) estão concentradas em sua realização, diferentemente dos demais eventos olímpicos, que acontecem em paralelo a muitos outros.

DaMatta (2006) indica que os Jogos Olímpicos – pela forma como se organizam e se fundamentam – realizam uma mediação entre as 'reais' diferenças sociais e políticas existentes entre os países que são representados na competição e, ao mesmo tempo, salientam o ideal de igualdade, de universalidade. O autor analisa que

> De certo modo, eles [os Jogos Olímpicos] fazem mais uma mediação entre um universalismo internacionalista, fundado na ideia do indivíduo como representação da Humanidade, e as forças locais e regionais do nacionalismo que, paradoxalmente, o próprio individualismo desperta, provoca, estimula e mantém (DaMATTA, 2006, p.197).

Por isso, a consolidação do ideal de igualdade não ocorre de maneira tão simples e direta, pois, nos Jogos Olímpicos o viés universalista estabelece uma oposição crítica, ou seja, uma tensão com o singular:

> No plano ideal (ou oficial)[15], os jogos seriam um concurso de países e de modalidades esportivas equivalentes – de unidades absolutamente dotadas das mesmas oportunidades. Mas mesmo no plano oficial sabemos que há intromissão indesejada de hierarquia [...] (DaMATTA, 2006, p.190).

Tais hierarquias apresentam-se tanto como diferenças estruturais quanto estruturantes, por exemplo: a conciliação de modalidades individuais e coletivas; a culminância de modalidades tradicionais (como, por exemplo, o atletismo) e contemporâneas em que se valoriza mais um determinado evento em detrimento de outros; a disputa pela disputa e o desejo individualista pela vitória, pela glória (DaMATTA, 2006).

Em suma, DaMatta (2006) sugere que os Jogos Olímpicos reúnem rituais universalistas no cerimonial de abertura que enfatizam a coletividade, a igualdade, embora esta seja relativizada em outros momentos rituais que enfatizam a individualidade, a singularidade.

A dimensão ritual no cerimonial da Copa, por sua vez, é bastante reduzida, e tem uma perspectiva especialmente nacionalista (são poucos os elementos rituais, tais

[15] Aquilo que é endossado pelo Comitê Olímpico Internacional.

como o hasteamento de bandeiras e a execução de hinos nacionais). DaMatta (2006) reitera que Campeonato Mundial de Futebol também articula o nacional com o universal, porém, privilegia a comunidade que pratica o esporte. O autor analisa que dessa forma, a Copa do Mundo permite um ‘enraizamento dramático’ no nível local a partir da equipe, do ‘time’. Por outro lado, não só nas cerimônias de abertura,

> [...] se o localismo surge em eventos importantes durante o decorrer das competições olímpicas, ele se dissipa dentro das ritualizações universalistas que a todo momento colocam o disputante (e o espectador) tanto como membros de uma nação mas também como indivíduos livres e autônomos [...] no caso da Copa de Futebol, tudo muda. O universal também existe, mas ele se atualiza englobado pela experiência da singularidade dada por uma única modalidade esportiva (DaMATTA, 2006, p. 198).

Assim, o autor conclui que o evento olímpico enfatiza uma espécie de ‘universalismo esportivo abstrato’ que se orienta para a competição pela glória do esporte. Na Copa do Mundo, o individualismo e o holismo se relacionam de modo mais complexo, de tal maneira que ao participar do Mundial de Futebol nos tornamos universalistas justamente por termos uma representatividade nacional (DaMATTA, 2006).

Verifica-se que a dialética local/global, universal/singular nos Jogos Olímpicos lhes confere uma dada peculiaridade em relação a outros eventos. Esta relação compõe um complexo arcabouço estrutural e ideológico para o qual mobilizamos como ferramenta teórico-metodológica a teoria de MacAloon (1984), que compreende os Jogos Olímpicos como uma performance cultural.

2.3 A CERIMÔNIA OLÍMPICA E O GÊNERO PERFORMATIVO “RITUAL”

Na antropologia trabalha-se a noção de ‘performance cultural’ para expressar a multiplicidade de ‘formas’ que estruturam e permeiam a vida social, tais como: os cultos religiosos; os rituais seculares e/ou as formas de entretenimento (teatros, circos, festivais, festas, espetáculos, jogos e esportes); como também os processos

políticos (atos judiciais e estaduais, manifestações étnicas, etc.).

Nesta seção, pontuaremos aspectos gerais da teorização de MacAloon (1984) que, especificamente, apropriou-se da teoria antropológica da Performance Cultural[16] para desenvolver uma análise sobre os Jogos Olímpicos e as suas diversas dimensões (espetáculo, festival, ritual e jogo). Interessa-nos, sobretudo, as interpretações do autor acerca de uma das 'facetas' que compõem o 'mosaico' da cerimônia olímpica: o ritual secular.

MacAloon (1984) inaugurou a compreensão de tais 'facetas', entendendo-as como gêneros da performance olímpica. O gênero da performance refere-se ao tipo de comunicação simbólica que se estabelece em momentos específicos. O referido autor faz uma analogia com os gêneros literários para explicar tal relação e, assim, identifica quatro principais gêneros performativos nos Jogos Olímpicos: espetáculo, festival, ritual e jogo.

Tais dimensões são coexistentes e oscilam durante os vários momentos dos Jogos Olímpicos: o espetáculo é uma referência à ideia de grandeza e exibição, de emoções variadas; o festival refere-se à atmosfera eminentemente alegre; os rituais são compostos pelos momentos solenes, são os momentos em que elementos do cotidiano são ritualizados; e o jogo – quando se ressalta os elementos que remetem à disputa, aos jogos simbólicos, à competição em si.

Llinés (1996) sugere que o show, ou seja, a dimensão espetacular tem ocupado maior destaque na cerimônia de abertura dos JO e, apenas 'subliminarmente', ela tem sido celebrada como uma forma de comunicação e culto. Segundo a autora, a progressiva influência da televisão e o uso das cerimônias dos Jogos como estratégia para a promoção da cidade-sede e do país que hospeda os Jogos transformam estas cerimônias em um 'mero' espetáculo. A autora, porém, não apresenta uma análise das consequências deste processo para além dos impactos econômicos e midiáticos.

Alkemeyer e Richartz (1993), por sua vez, analisam que o 'espírito geral' dos Jogos Olímpicos em seu cerimonial de abertura foi se transformando de um aspecto

[16] A partir de autores como Turner, Malinowski, Gregory Bateson, Radicliffe Brown.

predominantemente solene para uma atmosfera essencialmente profana. Os autores indicam que, as mudanças estruturais ocorridas nos últimos anos levam a um processo de secularização das cerimônias, ou seja, na redução dos elementos rituais. A possível consequência disso, a longo prazo, "é a 'deterioração da ideologia olímpica', do Movimento Olímpico e sua autoridade" (ALKEMEYER; RICHARTZ, 1993, p.87).

Os gestos e atitudes de quem participa das cerimônias também tem sofrido alterações. O cerimonial de abertura de Seul 1988 foi um marco neste sentido. O protocolo olímpico foi 'violado' diversas vezes durante o desfile das delegações. Atletas e dirigentes de vários países carregavam câmeras e saíam da formação de desfile para registrar fotos e filmes. Ao agirem desta maneira, eles desfilaram como pessoas 'privadas' e não como representantes oficiais de seus países. Alkemeyer e Richartz (1993) consideram que, desde então, o aspecto formal das cerimônias diminuiu drasticamente.

Outras análises também apontam para um possível 'enfraquecimento' do conteúdo formal e simbólico na cerimônia de abertura:

> O Simpósio Internacional de Cerimônias Olímpicas mostrou preocupação sobre o perigo de enfatizar o aspecto do entretenimento e do *show* em detrimento do Ritual Olímpico. Neste sentido, o Simpósio acredita que o COI e os Comitês Organizadores dos Jogos Olímpicos devem proteger o aspecto histórico, a natureza intercultural e o valor moral das Cerimônias Olímpicas (HAAS et al., 2008, p. 327).

Amparando-se nessa perspectiva, Haas et al. (2008) ao analisar as cerimônias de abertura dos Jogos Pan-Americanos realizados no Brasil em 2007 a partir de parâmetros olímpicos, identificaram que houve algumas 'quebras' protocolares e uma certa ênfase na dinâmica do show, reclamando uma maior formalidade do cerimonial e conhecimento sobre sua tradição. Os autores apresentam que estes fatores, a partir dos dados obtidos no estudo, representariam uma ameaça à própria candidatura do Brasil aos Jogos Olímpicos de 2016[17] [18].

Em certo sentido, as análises supracitadas convergem na constatação de que as cerimônias olímpicas têm sofrido mudanças estruturais que afetam negativamente a

[17] O que não se concretizou, pois, no dia 2 de outubro de 2009 a cidade Rio de Janeiro foi escolhida sede para os Jogos de 2016.
[18] Ver Haas et al. (2008, p. 327).

maneira como seu conteúdo é expresso e, com isso, coloca em questão o próprio potencial educativo das cerimônias e dos Jogos como um todo.

Porém, constatamos que parece escapar a tais análises outro ‘efeito’ possível provocado pelo caráter espetacularizante das cerimônias. Parece muito relativo se o espetáculo tem um efeito ‘perverso e/ou favorável’ aos ideais educativos das cerimônias e dos Jogos Olímpicos como um todo.

MacAloon (1984), a partir do exame desta questão, buscou examinar como a ‘espetacularização’ pode influenciar ‘positivamente’ os Jogos Olímpicos. Já na década de 1980, MacAloon constata que a dimensão eminentemente alegre e festiva inicialmente pretendida e endossada pelo Comitê Olímpico Internacional estaria, de fato, sucumbindo à espetacularização. O autor menciona, inclusive, a participação da televisão nesse processo bem como a influência da economia e da política internacional nos Jogos.

Entretanto, o que, *a priori*, parece uma ameaça à meta ideológica do Movimento Olímpico e/ou um reducionismo tem funcionado, segundo o referido autor, como um ‘dispositivo recrutador’. MacAloon (1984) explica que a dimensão ‘espetacularizante’ dos Jogos tem um grande potencial de atrair espectadores e telespectadores para as suas cerimônias, inclusive os atletas para uma ‘disputa’ de tamanha visibilidade.

MacAloon (1984) sugere que as pessoas são ‘recrutadas’ por este fator ‘primeiro’, mas, acabam tendo experiências mais amplas quando se deparam com os rituais, os festivais, etc. Tais experiências, portanto, se sobressaem àquela percepção inicial do ‘mero espetáculo’ atingindo, principalmente a partir dos rituais, o momento de *communitas*[19]*.* Contudo, isso não faz um determinado gênero olímpico mais ou menos importante do que outro, afinal, sem a coexistência de tais gêneros, os Jogos Olímpicos estariam descaracterizados em sua essência.

Dada a especificidade do presente estudo, assumindo a ideia de que o ritual é o gênero mais ‘ideologicamente centrípeto’, apresentaremos as características do mesmo como gênero da performance olímpica tendo como foco o cerimonial de

[19] MacAloon (1984) apropriou-se da noção de *communitas* de Turner (1974), que se refere a um momento de comunhão entre as pessoas. Ver seção 2.4

abertura.

2.3.1 O ritual como gênero olímpico: especificidades

Para MacAloon (1984) a dimensão ritual é a menos difusa e mais ideologicamente centrípeta da performance olímpica, isto é, na dimensão ritual a mensagem ideológica do Movimento Olímpico encontra-se mais concentrada.

Embora menos difusa, não se pode considerar a dimensão ritual dos JO menos complexa. Compreendido como uma das ‘formas’ e/ou ‘lentes’ a partir das quais podemos observar e compreender determinada performance cultural, MacAloon (1984) aponta o gênero ritual como ‘genericamente reflexivo’, ou seja, o ritual – por ser o que carrega de maneira mais concentrada os traços ideológicos da performance olímpica – é, em grande parte, responsável por ‘transportar’ os participantes para fora da sua vida cotidiana, ao passo que seus elementos refletem-se sobre o mundo cultural e social do qual emergem.

A reflexividade à qual se refere o autor é a capacidade dos seres humanos de distanciarem-se de suas próprias experiências subjetivas e posicionarem-se a respeito delas. É fato que isto ocorre em situações diárias diversas, mas, para MacAloon (1984) apenas até certo ponto. Nesse sentido, o autor reitera a importância das performances culturais para proporcionar esse momento de contar histórias de si mesmo para si mesmo e, ao mesmo tempo, analisá-las.

A partir desse pressuposto, MacAloon (1984) analisa a dimensão ritual da performance olímpica a partir do esquema universal dos ‘ritos de passagem’[20]. Compreende-se nessa perspectiva, que cada edição dos Jogos Olímpicos é um grande rito de passagem. Neste, milhões e milhões de pessoas são levadas a uma espécie de ‘viagem’, afastadas de suas rotinas em condições de tempo e espaço

[20] Conceito trabalhado por Van Gennep. Ver seção 2.4

‘especiais’(extraordinários), que depois são retomados.

Nas apropriações que fez da literatura antropológica, MacAloon (1984) identificou três fases mais ou menos definidas dos Jogos Olímpicos. Nesse sentido, o autor opera com o conceito de ‘liminaridade pública’[21] em que demarca momentos das cerimônias de abertura, premiação e encerramento e suas respectivas representações, como sintetizado no Quadro 1.

Quadro 1 – As cerimônias olímpicas e suas representações segundo MacAloon (1984)

CERIMÔNIAS		REPRESENTAÇÕES
CERIMÔNIA DE ABERTURA	Revezamento e acendimento da tocha	Rito de separação da vida cotidiana que evidencia a justaposição de símbolos nacionais e símbolos do ‘transnacional’, da comunidade humana, Olímpica
	A bandeira e o hino Olímpico	Símbolos da comunidade olímpica são posicionados hierarquicamente acima de qualquer símbolo nacional.
	Programação artístico-cultural	Espetáculo, atmosfera festiva é dominante
CERIMÔNIA DE PREMIAÇÃO	Premiação e execução do hino nacional	Rito de intensificação (para o público) Rito de seleção e iniciação (para os atletas)
CERIMÔNIA DE ENCERRAMENTO	Os atletas entram no estádio sem suas bandeiras nacionais, uniformes, etc.	Uma expressão simbólica do sentido de ‘humanidade’; Enfatizam-se os laços de amizade e respeito

Destaca-se que cada ‘ator’ vive diferentemente essa experiência de acordo com a posição e/ou papel que desempenha na performance. A partir destes delineamentos, MacAloon (1984) demonstra que nas cerimônias olímpicas coexistem as identidades estruturais do indivíduo, da nação e da humanidade. No entanto, estas identidades não se sobrepõem umas às outras, sendo ora enfatizadas, ora diminuídas.

Para uma análise mais aprofundada do ‘ritual’ como gênero olímpico e como ele está presente na cerimônia de abertura é preciso pontuar os elementos protocolares que estabelecem a dialética ‘forma e conteúdo’. Morágas, MacAloon e Llinés (1996, p.

[21] Ou seja, um estado de transição coletiva.

18) enfatizam que

> [...] as cerimônias são cruciais para compreender as lutas e alianças entre o patrimônio histórico e as aspirações morais do olimpismo [...] oferecem uma oportunidade única para explorar a globalização e diversificação em um contexto mais amplo [...] **Além disso, por serem globalmente familiares, as cerimônias olímpicas despertam interpretações específicas** [...].[22]

Portanto, identificamos na dialética forma e conteúdo (elementos protocolares e mensagem ideológica) contribuições importantes para a análise das olimpíadas e jogos escolares e suas especificidades.

2.3.2 A cerimônia olímpica: forma e conteúdo

Compreendidas como performances culturais, as cerimônias olímpicas são realizadas a partir de uma espécie de 'roteiro' pré-definido, são os seus elementos protocolares. Neles estão contidos símbolos e representações que ajudam a potencializar o conteúdo, neste caso, a mensagem ideológica do Movimento Olímpico.

O objetivo desta seção é articular os elementos protocolares da cerimônia de abertura olímpica com o conteúdo ideológico que envolve seus símbolos, solenidades, representações, etc. Embora os JO modernos aconteçam desde 1896, a cerimônia de abertura do evento e também o programa de esportes foram sendo 'moldados' e consolidados ao longo do século XX. Com isso, o protocolo olímpico que hoje faz parte da cerimônia de abertura foi construído gradativamente a partir de uma série de apropriações/ressignificações que, em muitos casos, tem como referências os acontecimentos dos Jogos Olímpicos da Antiguidade.

Em outras palavras, as cerimônias de abertura são produto de um complexo processo histórico e estrutural que perpassa mudanças em contextos mais amplos.

[22] Grifo nosso.

De fato, ao longo dos anos os organizadores de cada edição dos Jogos foram combinando os elementos do protocolo da cerimônia de abertura com as inovações tecnológicas, as exigências relacionadas à cobertura televisiva, as referências culturais da cidade/país sede, etc.

A cerimônia de Munich 1972 é geralmente apontada como aquela que inovou em relação ao protocolo. Embora tenha mantido as regras estipuladas pelo Comitê Olímpico Internacional, houve uma clara mudança do sentido chauvinista e solene da cerimônia, tornando-se mais 'civil' do que 'militar'. Segundo Alkemeyer e Richartz (1993), a abertura se apresentou como um cerimonial menos rígido em que se criou uma comunicação entre os participantes na arena e o público que assistia[23].

Importantes abordagens históricas do desenvolvimento das cerimônias olímpicas apontam sua elaboração como forma de representação cultural que faz com que os ideais do Olimpismo transcendam o cenário esportivo dos Jogos, tornando os Jogos grandes eventos culturais (KLAUSEN, 1999).

Embora cada cerimônia seja diferente em muitos aspectos, os elementos protocolares para a organização dos cerimoniais na cidade sede dos Jogos são previstos pela Carta Olímpica[24]. A regra 58 menciona 12 elementos que compõem o protocolo olímpico das cerimônias de abertura: desfile das delegações participantes, discurso do presidente do Comitê Organizador, chefe de Estado declara abertos os Jogos, hino dos Jogos, entrada e hasteamento da bandeira dos Jogos, chegada da tocha ao estádio, acendimento da pira, pombos simbolizando a paz, juramento dos atletas, juramento dos árbitros, hino nacional do país sede e programa artístico.

Como constatado no estudo de Todt (2009), os elementos protocolares da cerimônia de abertura dos Jogos representam os ideais olímpicos propostos por Pierre de Coubertin. Dentre eles podemos destacar os ideais: (1) de fortalecimento das relações internacionais, valorizando aspectos como a tolerância, a paz e o entendimento entre os países; (2) de excelência e esforço na atividade esportiva

---

[23] Nota-se que pela primeira vez a bandeira olímpica não foi carregada por uma autoridade militar e sim, por um atleta. Houve uma ruptura em relação a uma série de outros elementos militares das cerimônias tais como as marchas, uniformes e equipamentos (ALKEMEYER; RICHARTZ, 1993).

[24] A Carta Olímpica é a codificação dos princípios fundamentais, leis e regulamentos adotados pelo Comitê Olímpico Internacional (COI). Ela governa a organização e a operação do Movimento Olímpico e estipula as condições para a celebração dos Jogos Olímpicos (TAVARES, 2003).

competitiva; (3) de respeito mútuo, equidade e justiça; (4) de criação de relações de amizade; (5) de desenvolvimento global e harmonioso; (6) de alianças culturais através do programa artístico.

Vale salientar que tais ideais encontram-se inter-relacionados em diferentes momentos do ritual, ou seja, não estão representados exclusivamente em determinado elemento do protocolo olímpico.

Além dos elementos supracitados, podemos perceber nas cerimônias olímpicas símbolos próprios, como os cinco anéis, bandeira, emblemas, hino, chama e tocha que buscam frisar o sentido peculiar dos JO.

Como mencionado anteriormente, os símbolos e ideais olímpicos estão concentrados na esfera ritualística da cerimônia de abertura. Embora MacAloon (1984) tenha utilizado autores clássicos para desenvolver sua análise, esta não é suficiente para uma compreensão aprofundada da perspectiva contemporânea sobre rituais. De certa forma, MacAloon (1984) explora o ritual mais como uma categoria analítica do que como uma forma de comunicação simbólica.

Em face disso, apresentaremos uma síntese dos aspectos históricos e conceituais em torno da temática a partir de autoras que fizeram leituras minuciosas dos mesmos: Peirano (2003) e Segalen (2002).

2.4 RITUAIS: ANÁLISES ANTROPOLÓGICAS

A ideia de ritual que transita entre o senso comum o aponta como algo definido e imutável, realizado para celebrar momentos especiais, desprovido de conteúdo. De fato, algumas características distintas das atividades cotidianas fazem do ritual um evento sem uma racionalidade aparente.

Outro aspecto presente nas representações sociais sobre os rituais diz respeito à

sua vinculação à esfera religiosa. Contudo, aos poucos a noção de ritual foi secularizada e este fenômeno passou a ser analisado independentemente de critérios de racionalidade, religiosidade e misticismo (PEIRANO, 2003).

No livro *Rituais ontem e hoje* (2003), a antropóloga Marisa Peirano tem por objetivo desmistificar estas concepções "negativas" sobre os rituais e apontar uma compreensão mais ampla e menos sociocêntrica dos fenômenos contemporâneos. Para isto, a autora traz a historiografia dos estudos sobre rituais, na qual percorre desde os trabalhos de Malinowski e Boas sobre o *kula* e o *potlach*[25], respectivamente, até a definição operativa de Stanley Tambiah.

Nesta seção, pretendemos apresentar um sumário dessa historiografia pontuando aspectos gerais de seus principais autores. Para tanto, utilizamos as obras de Peirano (2003) e Segalen (2002), na tentativa de situar a perspectiva contemporânea acerca deste conceito, a partir da qual analisaremos as cerimônias de abertura dos quatro jogos escolares.

Inicialmente, os cientistas sociais partilhavam da visão de que o ritual seria uma ação fossilizada e definitiva. Porém, a partir da percepção de que havia uma racionalidade dentro dos rituais, alguns estudiosos se distanciaram desta abordagem e consideravam que o ritual como parte da magia e religião era algo superado (James Frazer e Edward Tylor). Outros inovaram a concepção estabelecida entre ritual, magia e religião, percebendo-a como um auxílio para elucidar formas elementares de sociabilidade, tais como Marcel Mauss e Émile Durkheim, clássicos da literatura antropológica.

Em *As formas elementares da vida religiosa* (1989), Durkheim analisa sociologicamente a religião, sua ligação com as estruturas sociais que explicam o seu desenvolvimento. Para este autor, a essência da sociedade se localiza na consciência coletiva, esta expressa em atos rituais. Desta forma, é através dos atos rituais que a sociedade toma consciência de si, se recria e se afirma, criando um

---

[25] Fenômenos que ocorriam em grupos na Melanésia e no noroeste dos Estados Unidos, respectivamente, e contestavam o senso comum sobre a racionalidade econômica, diante do desperdício de bens do Potlatch e da troca de objetos inúteis no Kula, eventos estes 'estranhos' à lógica ocidental.

corpo de valores socialmente partilhados, que adquirem uma conotação religiosa[26]. Nesse sentido, os ‘atos de sociedade’ (rituais) são determinantes da vida social, e necessita de uma comunidade moral relativamente unida em torno de determinados ideais.

Segalen (2002) analisa que assim como Durkheim, Arnold van Gennep também se dedicou em seus estudos, à relação entre o rito e a estrutura social apoiando-se em uma etnografia ‘exótica’. Van Gennep foi um dos primeiros autores a adotar os rituais como objeto de estudo em si, propondo uma classificação dos rituais segundo o papel que desempenhavam na sociedade e analisando as partes constitutivas do ritual.

Van Gennep realizou um estudo sobre os ‘ritos de passagem’ (título de seu principal livro), os quais foram definidos como “[...] aqueles momentos relativos à mudança e à transição (de pessoas e grupos sociais) para novas etapas de vida e de status” (PEIRANO, 2003, p. 22).

Para Van Gennep os rituais possuíam uma ordem comum, as quais ele classificava em três estágios: separação, transição (ou margem) e (re)agregação. Estas fases poderiam ser observadas nos mais diversos ritos de passagem como a gravidez, o casamento e os funerais. A dinâmica da mudança realçada pelo ritual – estado liminar – foi uma discussão inaugurada por este autor.

Entretanto, o estado de liminaridade foi o foco dos estudos do antropólogo Victor Turner, o qual retomou a teoria dos ritos de passagem denominando-os: pré-liminares (separação), liminares (transição) e pós-liminares (agregação). Em síntese, Turner (1974) investigou os rituais *ndembos* africanos, utilizando a ideia de drama social para analisá-los. Para ele cada tipo de rito instaura um drama social, ou seja, um “conjunto de comportamentos que constituem unidades sociotemporais mais ou menos fechadas sobre si mesmas” (TURNER, 1974, p. 76).

Desta forma, os dramas sociais, presentes no processo da vida em sociedade, demarcam a relação dialética entre estrutura e antiestrutura. O primeiro termo

[26] Durkheim não relaciona a religião, necessariamente, aos deuses e ao sobrenatural, mas à sociedade.

representa a regularidade cotidiana, um conjunto de classificações e padrões para ordenar a vida pública. A antiestrutura relaciona-se com momentos de suspensão da realidade, onde os laços podem ser criados fora das hierarquias e das relações sociais habituais, ou seja, os elementos sociais são pensados de maneira alternativa, diferente do que são no cotidiano. Com isso, admite-se que só é possível pensar a antiestrutura a partir da existência da estrutura.

Neste sentido, a liminaridade corresponde a um estado de transição entre a estrutura e a antiestrutura, em que as pessoas e/ou espaços

> furtam-se ou escapam às classificações rotineiras [...] não possuem status ou posições sociais [...] são ambíguos [pois,] passam por um domínio cultural que tem poucos, ou quase nenhum, dos atributos do passado ou do estado futuro (TURNER, 1974, p. 116-117).

A liminaridade presente nos rituais irrompe em um tipo de relação social a qual Turner (1974) denominou de *communitas*, isto é, as pessoas em certo momento compartilham um universo social e simbólico. Esta é uma relação de igualdade, é a ideia de comunidade e comunhão que passa a balizar as relações. Segundo Turner (1974, p. 154-155), “a *communitas* consiste em uma multidão de pessoas que não estão mais lado a lado, mas umas com as outras”.

Ao longo da história, os conceitos e análises sobre os rituais tinham como contexto, em sua maioria, as sociedades denominadas ‘primitivas’ e/ou ‘exóticas’. Mas, aos poucos, eles tornaram-se ‘lentes’ de análise das sociedades contemporâneas, o que reforça a sua potencialidade analítica e heurística.

2.4.1 Perspectivas conceituais

A difusão massificada do termo ‘ritual’ através, principalmente, da mídia corrobora para a crença de que todo comportamento repetitivo é um ritual. Para Segalen (2002) tal consideração pode incorrer em um dano para a eficácia semântica do

termo, associado ao fato de que os rituais apresentam-se como manifestações diversificadas.

A autora destaca também a plasticidade dos rituais, ou seja, sua capacidade de assumir formatos adequados às novas circunstâncias sociais, pois considera que estes deixaram de ocupar um lugar central na vida contemporânea. Segundo Segalen (2002, p. 36), atualmente os rituais "[...] são encontrados no domínio dos esportes, do extralaboral (ou na dimensão extralaboral do trabalho, como festas de aposentadoria, aniversários, nascimentos de filhos de funcionários etc.)".

Entendemos que há continuidades e rupturas estabelecidas nas elaborações conceituais sobre rituais. Portanto, o propósito deste tópico é apontar uma definição utilitária de ritual, a qual fundamentará o nosso estudo.

Sendo um dos mais antigos tópicos de reflexão sobre as sociedades humanas, as primeiras formulações conceituais sobre ritual são oriundas da análise de sociedades muito distintas das atuais. Nisto reside uma grande dificuldade teórico-metodológica nos estudos sobre tais manifestações, pois, como indica Segalen (2002, p.14) "[...] o problema com o ritual e os conceitos maiores da antropologia no final do século XX é que não existe para eles uma definição reconhecida, canônica, fixada".

Entretanto, na literatura antropológica, as elaborações conceituais de Stanley Tambiah parecem desvincular a definição de ritual de suas limitações essencialmente temporais. Diferente de seus predecessores, Tambiah evita definir o ritual em termos absolutos, uma vez que este pode variar, tanto numa mesma sociedade, quanto entre sociedades, no que se refere ao grau de formalidade, ao uso de meios, à atribuição de significados e ao nível de vinculação para com diferentes contextos em que tem lugar (PEIRANO, 2003).

Todavia, o referido autor identificou traços em comum nas definições de ritual dos cientistas sociais: (1) uma ordenação que os estrutura, (2) um sentido de realização coletiva com propósito definido, e (3) uma percepção de que os rituais são eventos não-cotidianos. Peirano (2003) alega que as características identificadas por Tambiah apresentam aspectos fundamentais para uma definição operativa de ritual.

Ao apresentar tal definição, Peirano (2003, p. 11) acrescenta-lhe exemplos do cotidiano:

> **O ritual é um sistema cultural de comunicação simbólica**[27]. Ele é constituído de seqüências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios. Estas seqüências têm conteúdo e arranjos caracterizados por graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). A ação ritual nos seus traços constitutivos pode ser vista como "performativa" em três sentidos; 1) no sentido pelo qual dizer é também fazer alguma coisa como um ato convencional [como quando se diz "sim" à pergunta do padre em um casamento]; 2) no sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação [um exemplo seria o nosso carnaval] e 3), finalmente, no sentido de valores sendo inferidos e criados pelos atores durante a performance [por exemplo, quando identificamos como "Brasil" o time de futebol campeão do mundo].

O aporte conceitual heurístico e não-absoluto desenvolvido por Tambiah embasa os estudos contemporâneos sobre rituais. De fato, Peirano (2003, p. 9) ressalta que a definição de ritual é relativa, assim, "[...] ela precisa ser *etnográfica*[28], isto é, apreendida pelo pesquisador em campo junto ao grupo que ele observa". Cabe ao pesquisador a percepção daquilo que é considerado um evento especial, crítico e não cotidiano para os nativos.

Embora os rituais não sejam eventos rotineiros, eles revelam o que está presente no cotidiano de uma sociedade, realçando e ampliando um arcabouço de ideias e valores que lhes são comuns. Essa concepção orienta a discussão dos rituais como domínios que não podem ser divorciados da vida social, considerando-os como eventos críticos de uma sociedade.

Sendo os rituais momentos de intensificação daquilo que é usual em determinada sociedade, estes partilham de alguns traços formais e padronizados. Entretanto, estes traços são variáveis, uma vez que o ritual não é algo imutável, pois, funda-se também em constructos ideológicos singulares.

Assim, abandona-se a visão de que os rituais são sempre harmônicos, sendo necessário considerar, para a análise destes processos, características como: a heterogeneidade, as relações de hierarquia, de poder, os jogos de identidade, dentre

---

[27] A partir deste conceito Tambiah introduz a ideia de "ação performativa", isto é, "um atributo intrínseco tanto à ação quanto à fala, que permite comunicar, fazer, modificar, transformar" (PEIRANO, 2003, p. 40).

[28] Grifo do autor.

outras. Essa perspectiva aponta para a mobilidade das pessoas, dos rituais e das crenças que o fundamentam, fator este que passa a ser cada vez mais reconhecido à medida que se investiga nos rituais dramatizações da vida cotidiana.

Diante disto, os rituais não podem ser classificados de acordo com a lógica instrumental entre meios e fins, sua racionalidade se caracteriza por aspectos inerentes a eles. Deste modo, designações como falso ou errado em uma acepção causal não devem ser utilizadas na análise de rituais (PEIRANO, 2003).

De acordo com Segalen (2002), o ritual faz sentido para todos que dele compartilham e sua essência consiste em mesclar o tempo individual com o tempo coletivo. Assim,

> [...] os ritos devem ser considerados sempre como um conjunto de condutas individuais ou coletivas relativamente codificadas, com suporte corporal (verbal, gestual e de postura), caráter repetitivo e forte carga simbólica para atores e testemunhas (SEGALEN, 2002, p. 32).

As ações simbólicas manifestadas por emblemas sensíveis, materiais e/ou corporais expressam as propriedades morfológicas e a eficácia social do ritual. Nesse sentido, um ritual não pode ser realizado de qualquer forma, pois, precisa apoiar-se em símbolos reconhecidos coletivamente[29].

Diante deste aspecto, Turner (1974, p. 42) afirma que “[...] aquilo que se torna sensorialmente perceptível na forma de um símbolo passa a ser, desse modo, acessível à ação propositada da sociedade.” Por isso, os símbolos ritualísticos como o canto, o vestuário e as imagens são vistos como uma linguagem específica que afirma a identidade coletiva, uma cultura própria e reafirma a estrutura social. Assim, esta dimensão simbólica faz do ritual uma linguagem eficaz na medida em que atua sobre uma realidade social.

Os símbolos desempenham a função de condensação, unificação e polarização dos significados. Contudo, um único símbolo pode apresentar, simultaneamente, múltiplos sentidos, dependendo do contexto. Assim, os símbolos utilizados nos rituais tendem a se caracterizar por sua natureza polissêmica (SEGALEN, 2002; TURNER, 1974). Desta maneira, para compreender a mensagem transmitida pelos

[29] A exemplo dos símbolos olímpicos (os anéis, bandeiras, lemas, emblemas, hinos, chama e tocha).

rituais, é necessário apropriar-se dos significados, dos símbolos e signos que os permeiam.

Os elementos constitutivos do ritual não se encerram, porém, nos símbolos e elementos protocolares. Assim, apresentaremos a noção de mitos e ritos que permitem demarcar diferenciações importantes para o exame da esfera ritual das cerimônias esportivas.

A exegese[30] do ritual indica que "[...] ele é constituído de sequências ordenadas e padronizadas de **palavras e atos**[31], em geral expressos por múltiplos meios" (PEIRANO, 2003, p.11). Assim, entendemos que as palavras (mitos) e os atos (ritos) estão profundamente relacionados como partes constitutivas dos rituais.

A definição de mito encontra-se, muitas vezes, associada a algo irreal, a devaneios da consciência coletiva ou a 'divinização' de personagens históricos baseados em elementos da natureza, com estreita relação com o sagrado. Entretanto, a eficácia do mito é o que deve ser levado como critério para pensá-lo e não sua relação com a 'verdade'. Os mitos possuem um sentido, o qual não pode se ater aos elementos isolados que entram em sua composição, mas à maneira pela qual estes elementos se encontram combinados.

Para Lévi-Strauss (1985, p. 238-239),

> [...] de qualquer modo que se encarem os mitos, parecem-se reduzir todos a um passatempo gratuito, ou a uma forma grosseira de especulação filosófica. [...] Alguns pretendem que cada sociedade exprime, nos mitos, sentimentos fundamentais, tais como o amor, o ódio ou a vingança, que são comuns a toda a humanidade. Para outros, os mitos constituem tentativas de explicação de fenômenos dificilmente compreensíveis: astronômicos, meteorológicos, etc. Mas as sociedades não são impermeáveis à adoção de interpretações positivas, mesmo quando falsas.

Desta forma, embora difícil de definir, podemos compreender o mito como uma narrativa, um discurso ou fala especial que produz uma eficácia na vida social, e estabelece uma ligação entre o passado, o presente e o futuro.

Peirano (2002), ancorada nas ideias de Lévi-Strauss (1985), aponta a correlação

---

[30] Segundo o dicionário Houaiss exegese significa "comentário ou dissertação que tem por objetivo esclarecer ou interpretar minuciosamente um texto ou uma palavra" (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2007).

[31] Grifo nosso.

entre mito e representação, e entre rito e realidade, assim, o mito encontra-se atrelado à mente humana, ao pensamento, enquanto o rito refere-se a gestos, a manipulação de objetos.

Diante destas relações, Segalen (2002) corrobora afirmando que o rito vincula-se a recorrência das formas, estruturas ou sentidos, aspectos estes necessários para fortalecer uma moldura à experiência e para atribuir, à força de repetição, o esboço de uma linguagem de que todos compartilhem os símbolos. Nesse sentido, os ritos, enquanto dramas sociais rotinizados, combinam atos – como significantes –, e 'crenças', ou seja, seus significados simbólicos que expressam e organizam a sociedade.

Salientando que mitos e ritos são elementos complementares e interdependentes que formam uma unidade complexa, tais considerações contribuem para que haja uma associação entre ritual e tradição. É através da tradição que os ritos e mitos são transferidos de geração a geração.

A tradição é apresentada por Tambiah (1997 apud PEIRANO, 2002) como uma característica que aproxima o ritual de um caráter sagrado, uma vez que atitudes e comportamentos 'inquestionáveis' são adotados. Porém, apesar da concepção da tradição como uma mera reprodução, retomamos a ideia de que o ritual é uma forma de ação flexível e criativa, com conteúdos diversos, utilizada para várias finalidades. Sendo assim, a forma e o conteúdo do ritual não são imutáveis, portanto, são favoráveis a mudanças e transformações.

Esta potencialidade do ritual encontra-se aliada à sua capacidade de intensificar e celebrar os valores de uma determinada sociedade, que também sofrem mutações ao decorrer do tempo. A partir desta perspectiva, salientamos que

> O princípio básico da eficácia social do ritual é a sua qualidade como modelo ou a sua capacidade de 'sublimar' as relações hierárquicas entre um conjunto de relações ambíguas ou até mesmo conflituosas, em função de algum princípio de mais 'alto' nível que serve, pelo menos, aos propósitos do ritual, como o seu mecanismo gerador ou seu 'terreno transcendental' (MacALOON, 1984, p. 251).

Nesse sentido, podemos fazer alusão aos rituais olímpicos, cujo 'terreno transcendental ou mecanismo gerador' é a ideia de comunhão entre as pessoas

(*communitas*), baseando-se em uma ideologia que busca perpetuar valores tidos como universais. Desta forma, o cerimonial olímpico torna-se passível de ser emulado por diferentes comunidades.

3. ESPORTE E VALORES

> O esporte, esse fenômeno social tão marcante do século passado, e que continuará sendo, ao que parece, uma das expressões deste nosso tempo, foi e continua sendo alvo de reflexão, análise e questionamento, tanto no campo mais restrito da educação física/ciências do esporte, quanto, em um âmbito mais geral, nas ciências humanas e sociais (VAZ, 2001, p. 87).

O propósito deste capítulo não é discutir a legitimidade do esporte no ambiente escolar, tampouco seu lugar dentro da Educação Física. Interessa-nos debater a relação esporte e valores, bem como suas implicações sociais a partir de autores da Educação Física, para então situarmos como essa relação se expressa nos jogos e olimpíadas escolares a partir da análise das cerimônias de abertura e das entrevistas com organizadores e alunos-atletas.

No Brasil, a década de 1980 é marcada pela reflexão e por questionamentos, principalmente no âmbito acadêmico, acerca do papel da Educação Física e do esporte dentro da escola. Advém deste contexto epistemológico uma das principais elaborações teóricas sobre a questão da legitimidade da Educação Física escolar e da influência do esporte nesse processo (BRACHT, 1992). Esta análise culminou em discussões sobre o conteúdo educativo do esporte e, consequentemente, sobre os valores que o permeiam.

Nesse sentido, “cabe-nos ressaltar que os valores não são essencialmente do esporte, mas se refletem no esporte e são também gerados a partir dos significados que os indivíduos e grupos sociais dão à prática esportiva” (DaCOSTA et al., 2007, p. 15). Em outras palavras, o esporte é um fenômeno moderno que se configura como uma prática corporal construída, vivenciada e modificada na relação entre os sujeitos, transmitindo seus valores e gerando novos.

A partir destes apontamentos, balizaremos a discussão sobre esporte e valores perpassando por três momentos (que estão interligados), a saber: (1) apresentação concisa da perspectiva da Teoria Crítica do Esporte, fundamentando-se nos trabalhos de Bracht (1992; 2005) e Vaz (2001; 2003); (2) a partir de outros autores como Gaya e Torres (2004) e Bento (2004) discutir uma corrente que diverge desta

primeira teoria, sobretudo no que tange o sentido do esporte no contexto escolar e os fundamentos epistemológicos utilizados para identificá-lo e compreendê-lo e; (3) o esporte em face das mudanças axiológicas da sociedade contemporânea.

3.1 UM OLHAR NEOMARXISTA...

Referenciados nas teses marxistas, pensadores e cientistas sociais ligados ao Instituto para Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt (Alemanha) – comumente conhecido como Escola de Frankfurt – construíram um aparato teórico denominado Teoria Crítica. Tal teoria buscava analisar a sociedade, desvelando o domínio exercido pelo capitalismo nas instituições sociais, principalmente na cultura, na ciência e nas ações do Estado.

O neomarxismo frankfurtiano tem como principais autores Herbert Marcuse, Theodor Adorno, Max Horkheimer e Jürgen Habermas como um descendente renovador. Entretanto, vale salientar que

> [...] o termo Escola de Frankfurt ou a concepção de uma Teoria Crítica sugerem uma unidade temática e um consenso epistemológico, teórico e político, que raras vezes existiu entre os representantes da Escola (BRACHT, 2005, p. 28).

As críticas radicais ao ‘mundo alienado’, no qual predominaria uma ausência da autonomia do sujeito, uma ênfase na burocratização e nos mecanismos de controle da objetividade social, basearam-se nas principais teses da Teoria Crítica. De acordo com Bracht (2005, p. 28), tais teses, sumariamente, constituem-se em:

> a) a tese da coisificação ou alienação. Essa tese resumidamente propõe que a sociedade e os homens não são aquilo que em função de suas possibilidades e sua natureza poderiam ser. Isso transparece nas sociedades industriais principalmente no mundo do trabalho. Como causa, temos um tipo de pensamento que se efetiva na razão instrumental ou racionalidade técnica. Isto é, as relações sociais em seu conjunto são norteadas por uma razão instrumental, coisificando-as;
>
> b) a tese da repressão e manipulação. De acordo com essa tese, a

> sociedade moderna altamente tecnologizada, industrializada e desenvolvida, representa um sistema de repressão, dominação e manipulação.

A partir destas concepções centrais, outros aspectos da sociedade também foram inseridos nas críticas elaboradas pela Escola de Frankfurt, a exemplo do esporte. Entretanto, as críticas a este fenômeno social apresentavam-se de forma indireta, sobretudo relacionadas à economia, à política e à indústria cultural.

As críticas endereçadas ao esporte pelos teóricos da Nova Esquerda encontraram nas obras de Horkheimer, Adorno e Marcuse bases para o desenvolvimento da Teoria Crítica do Esporte (e por isso, são frequentemente relacionados à Escola de Frankfurt), a qual será foco da nossa próxima seção.

3.1.1 ...Sobre o esporte

A partir da década de 1960, o esporte passa a ser tema primário nos trabalhos da Escola de Frankfurt, inaugurando a Teoria Crítica do Esporte (TCE), tendo como principais representantes Jean-Marie Brohm, Bero Rigauer e Gerard Vinnai (BRACHT, 2005; VAZ, 2003).

As elaborações desta corrente teórica questionam o esporte enquanto um elemento estritamente positivo do ponto de vista pedagógico e social. Nesse sentido, a Teoria Crítica do Esporte se propõe a analisar a “aura pura” do esporte advinda do ideal olímpico, que era pouco questionada (VAZ, 2003, p. 2).

Os ensaios de Jürgen Habermas sobre a afinidade entre trabalho e tempo livre impulsionaram as primeiras críticas ao esporte como expressão da sociedade burguesa, reprodutor de seus valores e um de seus principais legitimadores[32]. Sobretudo, Torri e Vaz (2005, p. 3) esclarecem que

[32] Como resultado desta influência, podemos citar a obra “Esporte e Trabalho” (Sport und Arbeit) de Bero Rigauer (BRACHT, 2005; VAZ, 2003).

> [...] a Teoria Crítica do Esporte não desejava, então, criticar o esporte 'capitalista', ou mesmo ocidental, mas sim as condições que faziam com que ele acontecesse, sua lógica de dominação e repressão, a alienação por ele reforçada.

Nesta perspectiva, tanto o esporte praticado nas sociedades capitalistas quanto aquele praticado no socialismo 'militar' foi alvo de críticas, principalmente quando associado ao alto rendimento e ao espetáculo, a exemplo dos Jogos Olímpicos.[33]

Apesar de possuir raízes alemãs, as produções da Teoria Crítica do Esporte difundiram-se por toda Europa, América do Norte e América Latina. No Brasil, os discursos de superação do tecnicismo pedagógico associados à resistência ao regime ditatorial fizeram com que as ideias críticas em relação ao esporte encontrassem um campo fértil junto à Educação Física nos anos de 1980[34].

Os trabalhos de Cavalcanti (1981) e Bracht (1987) inauguram as discussões brasileiras sobre esporte embasadas na TCE. Motivados por diversas perspectivas críticas, outros autores também compartilharam do aparato político e teórico da TCE, a qual, atualmente, encontra-se bem representada nas produções de Valter Bracht e Alexandre Fernandes Vaz (KIRST, 2009).

Como citado anteriormente, as elaborações de Jürgen Habermas acerca da relação entre trabalho e tempo livre incitou o desenvolvimento da crítica ao esporte enquanto mecanismo de repressão e alienação. Esta relação tornou-se a tese central da TCE, a qual alega que as estruturas que regem o trabalho na sociedade capitalista também determinam o desenvolvimento esportivo, ambos ancorados no princípio do rendimento. Como acentua Vaz (2001, p. 89)

> Em linhas muito gerais, a Teoria Crítica do Esporte procura mostrar a correspondência estrutural e a identificação conceitual entre esporte e trabalho, sobretudo no que se refere aos processos de racionalização. O trabalho junto à linha de produção seria uma imagem correspondente àquele do atleta submetido aos princípios do treinamento esportivo, às repetições coordenadas das calculadas cargas de esforço. Nesse contexto, poderia ser dito que o esporte reproduz a lógica do trabalho, reforçando seu caráter de mercadoria, de reificação e de disseminador de ideologia. Além disso, seria ele repressivo, canalizando energias pulsionais potencialmente libertadoras, para fins que perpetuariam a dominação individual e de classe.

---

[33] Vale salientar que o socialismo 'militar' é o socialismo real, o único que pode ser examinado empiricamente.

[34] Tal fato chama a atenção, pois, nos demais países a TCE foi mais discutida junto ao campo das Ciências Sociais do que da Educação Física (VAZ, 2003). No Brasil, o esporte era tema secundário para as Ciências Sociais.

Para os autores da TCE características básicas da sociedade capitalista – como a competição, a racionalidade instrumental, a disciplina, a burocratização, dentre outras – encontram-se incorporadas no esporte.

Embora seja reconhecida a “multifacitude” deste fenômeno, a prática do esporte de alto rendimento e/ou de espetáculo parece predominar e influenciar as diversas manifestações esportivas, “ou seja, a manifestação do esporte que ainda fornece o modelo para o esporte escolar é o de alto rendimento” (BRACHT, 2005, p.16). O mesmo ocorreria com o esporte praticado no tempo livre como atividade de lazer, o qual, segundo esta visão, também reproduz os aspectos estruturais do esporte de alto rendimento.

Partindo desta concepção, o caráter ideológico do esporte encontra-se atrelado a ideia de um mecanismo atenuador das tensões sociais, que desvia a atenção dos indivíduos das mazelas sociais, exercendo a função de estabilizador do sistema. Segundo Brohm (1989 apud VAZ, 2003, p. 10),

> O esporte é um aparelho ideológico do Estado que cumpre um triplo papel: reproduz ideologicamente as relações sociais burguesas, tais como hierarquia, subserviência, obediência, etc.; em segundo lugar ele propaga uma ideologia organizacional específica para a instituição esportiva, envolvendo competição, recordes e *outputs*; em terceiro lugar ele transmite, em larga escala, os temas universais da ideologia burguesa, como o mito do super-homem, individualismo, ascensão social, sucesso, eficiência, etc.

Como complementar ao caráter ideológico do esporte encontra-se seu processo de mercadorização, avigorado pelo valor atribuído a força de trabalho do atleta, pela busca incessante de superação, pela mecanização dos movimentos e pelos incontáveis produtos comercializados. Para os teóricos da Nova Esquerda, tal fato demonstra a tendência presente na sociedade capitalista de reificação dos fenômenos sociais.

> A redução da força de trabalho à forma mercadoria, abstrata e quantificada, [implica] na concreta reificação da ação humana. As relações humanas baseadas na troca de mercadorias coisificam-se na forma de objetos mensuráveis e formalizados. À reificação do rendimento esportivo corresponderia o trabalho alienado, no qual o trabalhador domina apenas uma parte do processo de produção. (RIGAUER, 1979 apud VAZ, 2003, p. 11)

As críticas empreendidas ao esporte pela TCE inevitavelmente adentraram o contexto escolar. Uma das principais elaborações nesta perspectiva é o livro

Educação Física e Aprendizagem Social (1992) de Valter Bracht. Nesta obra, o autor reuniu artigos que abordam a legitimidade e a função social da Educação Física, perpassando os princípios e códigos do sistema esportivo no âmbito educacional.

Bracht (1992) denuncia que algumas análises buscaram justificar a inclusão da Educação Física nos currículos escolares avaliando como estritamente positiva a contribuição do esporte na socialização de crianças e adolescentes, sendo elas amparadas em uma perspectiva estrutural-funcionalista. O referido autor posiciona-se contrário a essa abordagem, indicando que o esporte praticado na escola cumpre a função de difundir valores burgueses, enfatizando o respeito incondicional e irrefletido às regras como forma de socialização para a sociedade capitalista:

> Assim, podemos dizer que a socialização através do esporte escolar pode ser considerada uma forma de controle social, pela adaptação do praticante aos valores e normas dominantes com condição alegada para a funcionalidade e desenvolvimento da sociedade. Um dos papéis que cumpre o esporte escolar em nosso País, então, é o de reproduzir e reforçar a ideologia capitalista, que por sua vez visa fazer com que os valores e normas nela inseridos se apresentem como normais e desejáveis. Ou seja, a dominação e a exploração devem ser assumidas e consentidas por todos, explorados e exploradores, como natural. (BRACHT, 1992, p. 61)

A crítica apresentada ao papel positivo-funcional do esporte no processo educativo é extensiva à sociedade, uma vez que as atitudes, normas e valores adquiridos na prática esportiva encontram-se associados a sistemas de significados mais amplos. Bracht (1992, p. 64) reforça que

> as características que o esporte escolar apresenta não são geradas no seio do próprio esporte, e sim, são o reflexo mediatizado da estrutura social em que ele se realiza, ou seja, da sociedade capitalista.

O autor reitera, contudo, que a perspectiva teórica que assume não pretende mudar o sistema (capitalista), mas, ‘fazê-lo funcionar melhor’. Em face disso, ele reivindica postura política por parte dos educadores, a fim de concretizar um projeto pedagógico que seja, de fato, questionador e, dessa maneira, possa resultar em transformações sociais, pois, o “educador, quer queira quer não, é um veiculador de valores” (BRACHT, 1992, p.74).

Em suma, o esporte praticado na escola é criticado por Bracht (1992), pois reforça características da sociedade burguesa, como o individualismo e a concorrência, perpetua normas e valores da classe social dominante e desenvolve sujeitos

reprodutores da ordem social vigente. Desta forma, a educação exercida no/pelo esporte se constitui como alienante, como indica o autor,

> [...] como vimos, realmente o esporte educa. Mas, educação aqui significa levar o indivíduo a internalizar valores, normas de comportamento, que lhe possibilitarão adaptar-se à sociedade capitalista. Em suma, é uma educação que leva ao acomodamento e não ao questionamento. Uma educação que ofusca, ou lança uma cortina de fumaça sobre as contradições da sociedade capitalista. Uma educação a serviço da classe dominante. Uma educação que não leva à formação do indivíduo consciente, crítico, sensível à realidade que o envolve (BRACHT, 1992, p. 63)

Tais críticas se estendem às competições esportivas escolares, uma vez que despertam nas escolas uma forma de adquirir prestígio, e para isso desenvolve programas de treinamento para que os alunos possam vencer, gerando uma exclusão em prol dos mais talentosos. Além disso, de acordo com Bracht (1992) estas competições não levam em consideração as condições sociais e econômicas dos participantes.

Contudo, o esporte e as competições no contexto escolar não devem ser extintos, deve-se, porém, modificar suas formas e conteúdos. Assim, o autor sugere

> [...] reorientar esse ensino e esse esporte no sentido do desenvolvimento do coletivismo (entendido como a ação pessoal comprometida prioritariamente com o bem comum), do desenvolvimento da consciência da relatividade das normas e da possibilidade de sobre elas agir, e de reorientar a competição esportiva destituindo-a da finalidade precípua de indicar a supremacia de uns sobre os outros (discriminar melhores dos piores) através da análise crítica do significado da competição (BRACHT, 1992, p. 109).

Essa perspectiva crítica, embasada na Escola de Frankfurt é uma das vertentes que analisa o esporte e suas interligações com os valores sociais. Decerto, as ideias e discussões incitadas por esta corrente obtiveram grande representatividade, principalmente na década de 1980 e, até certo ponto, significaram um avanço nas elaborações teóricas sobre a temática.

Entretanto, algumas interpelações foram elaboradas por Lovisolo (2002) sobre a maneira como os autores neomarxistas consideram os fenômenos sociais, principalmente o esporte. De acordo com Lovisolo (2002), estes teóricos situavam-se de forma distanciada em relação aos efeitos dos fenômenos sociais na formulação dos seus discursos, sendo assim, eles estariam “a salvo” dos efeitos alienantes da dinâmica social.

Lovisolo (2002, p. 3) afirma que

> esse ‘estar a salvo’ do analista exige quer a revelação divina quer o corte ou ruptura epistemológico, gerado na fundação mítica e revolucionária da teoria, que permite atingir a essência ou realidade dos fenômenos sociais.

Em outras palavras, estes autores analisaram criticamente os fenômenos sociais a partir de uma posição superior, eximindo-se de um processo que é construído socialmente.

Em *A arte da mediação*, Lovisolo (1995, p.9) apresentou essa crítica referindo-se à posição de superioridade e/ou iluminada dos “conscientizados” sobre os “não conscientizados”. Nessa obra, Lovisolo (1995, p. 84) descreve a concepção que questiona, sinteticamente, a partir de três axiomas: a) *todas* as regras existentes na sociedade são funcionais para a reprodução da dominação do capital e da ordem social vigente; b) *todas* as regras que regem os esportes e as atividades de educação física compartilham dessa propriedade e, c) portanto, os esportes e seu ensino (em clubes, academias e escolas) desenvolvem competências adequadas ao funcionamento do capitalismo.

O autor posiciona-se em relação a estes axiomas e reitera, por exemplo, que seria impossível pensarmos as mudanças e os conflitos se considerarmos que qualquer coisa seja funcional para a integração do ‘sistema’. Ele pondera que

> De fato, há muitas crenças, hábitos, regras, leis, costumes e usos que são funcionais para alguma instância do social. Entretanto, há crença outras que não possuem nenhuma funcionalidade, sendo afuncionais ou francamente disfuncionais, e que ao invés de integrar ou solidificar sistemas induzem processos desagregativos, de conflito e de mudança social (LOVISOLO, 1995, p. 85)

Lovisolo (1995) denomina de dogmática qualquer posição que afirme que toda regra é ditada pelo capital ou pelos opressores em seu próprio benefício. Com isso, o autor questiona o segundo axioma, o de que as regras dos esportes instauram, ou seja, são funcionais ao capitalismo. Para ele, isso seria ignorar as lutas pela limitação do poder das elites econômicas, sociais e políticas e, ainda mais, seria acreditar no contrário daquilo que aspiram as próprias propostas ideológicas, tais como o marxismo e neomarxismo.

Sobretudo, compreendemos as contribuições e limites da Teoria Crítica para

embasar nosso debate acerca da relação entre esporte e valores. De tal modo, ampliaremos a temática com as concepções de Bento (2004) e Gaya e Torres (2004), os quais abordam o fenômeno esportivo a partir de uma visão plural, enfatizando os sentidos e significados deste para os praticantes.

3.2 UMA VISÃO PLURAL DO ESPORTE

A temática abordada neste capítulo se constitui como objeto de estudo para diversos autores dentro e fora do campo da Educação Física. No entanto, elegemos os trabalhos de Bento (2004) e Gaya e Torres (2004) para enquadrar este corpus teórico devido às complementaridades de análise sobre os valores difundidos no esporte com relação à Teoria Crítica.

Estas produções encontram-se nos dois primeiros capítulos do livro *Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades* (2004), organizado por Adroaldo Gaya, António Marques e Go Tani, em que estão reunidos textos sobre a educação física e o esporte a partir de aspectos fisiológicos, biomecânicos, psicológicos, sociológicos e pedagógicos[35].

Tendo em vista este contexto, explanaremos as principais ideias de Bento (2004) e Gaya e Torres (2004) com o intuito de apresentar outra possibilidade de compreensão sobre o esporte e os valores que lhe são inerentes, como estes são apropriados e projetados por seus praticantes, principalmente crianças e jovens.

De fato, como afirma Bento (2004, p. 38), “[...] o desporto é um lugar pedagógico por excelência”, em que as dimensões motoras e corporais são integradas às dimensões cognitivas, afetivas e sociais. Sendo assim, é relevante pensar como

[35] Esta obra foi produzida em colaboração entre professores de três instituições: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, Brasil), Universidade de São Paulo (USP, Brasil) e Universidade do Porto (UP, Portugal).

tratá-lo para potencializar sua capacidade de formação humana[36].

Nesse sentido, o autor tem como objetivo em seu texto explicitar as possibilidades educativas do esporte para crianças e jovens, enfatizando o seu papel e eficácia para a construção da condição humana, tendo em consideração os problemas e necessidades dos tempos atuais. Para isto, Bento (2004, p. 36) destaca a finalidade da educação em formar “Homens” saudáveis em um estado holístico, aprimorando seus pensamentos e atos, sentimentos e gestos, ideais e palavras, emoções e reações.

Assim, cada indivíduo deve trabalhar na sua formação enquanto Homem, para aumentar a humanidade compartilhada e poder viver através do usufruto da tecnologia, do progresso e dos bens que perfazem seu tempo. Partindo desta perspectiva, o referido autor reconhece no esporte um ambiente fecundo para o exercício da criação da forma humana, que se baseia em esforço, sacrifício, disciplina, renúncia, respeito, obrigações, deveres, normas, princípios e valores morais e universais.

Para os autores da TCE, no entanto, estes elementos (esforço, sacrifício, disciplina, renúncia, respeito, obrigações, deveres, normas, princípios e valores morais e universais) reiteram a formação alienante exercida pelo esporte, ao passo que conduz o indivíduo a adotar normas de conduta e valores da classe dominante para adaptar-se a sociedade capitalista.

Com efeito, o esporte se apresenta como um desafio na busca pela formação do homem. Bento (2004, p. 38) afirma que, “certamente que ele [o esporte] torna evidente as nossas fraquezas, insuficiências, mazelas e contradições, pondo a nu e convidando a cultivar o que em nós falta. Mas, por isso mesmo, é educativo”.

Isso não significa dizer que o esporte seja socialmente positivo por natureza. Essa perspectiva pode incorrer em um essencialismo que, por si só, tende à ideia de perpetuação, reprodução e/ou fortalecimento de um modelo político, econômico e social. Antes, pontuamos que o esporte é uma prática potencialmente educativa

[36] Vale salientar que este é um posicionamento em comum com a concepção crítica dos autores abordados na seção 3.1.1.

tanto como ação em si mesma, quanto como objeto de reflexão.

Em consonância com esta concepção, Bento (2004, p. 54) aponta que

> Ora o desporto é pedagógico e educativo quando proporciona oportunidades para colocar obstáculos, desafios e exigências, para se experimentar, observando regras e lidando correctamente com os outros; quando fomenta a procura de rendimento na competição e para isso se exercita, treina e reserva um pedaço da vida; quando cada um rende o mais que pode sem sentir que isso é uma obrigação imposta do exterior; quando cada um não assume mais do que é capaz, mas simultaneamente esgota as suas possibilidades de empenhamento e rendimento. É educativo quando não inspira vaidades vãs, mas funda uma moral do esforço e do suor, quando se afirma como uma verdadeira escola do auto-rendimento; quando socializa crianças e jovens num modelo de pensamento e vida, assente no empenhamento e disponibilidade pessoais para a correcção permanente do erro; quando forja optimismo na dificuldade, satisfação pela vitória pessoal e admiração pelo sucesso alheio.

De tal modo, a vivência do jogo, da competição, do risco, da comunicação e cooperação, da convivialidade e sociabilidade, possibilita a problematização de aspectos inerentes à conduta humana. É importante ressaltar que, com isso, estamos nos propondo a uma análise do social compreendido como uma ‘totalidade’, e não como fragmentos desarticulados. Desta maneira, perspectivamos o esporte como parte da sociedade tanto quanto a sociedade como parte do esporte. Encontram-se intrínsecos na relação esporte e experiência social a aquisição e desenvolvimento de valores os quais podem influenciar as reações, as atitudes, a observância de princípios e regras e o respeito para com o direito dos semelhantes.

Acrescenta-se a esta ideia a concepção de que o esporte reflete e permite refletir as tensões e contradições da vida, tornando os indivíduos aptos para compreendê-las e/ou modificá-las. Em relação a isso, a presença da competição no esporte, alvo de ferrenhas críticas desde o âmbito esportivo à vida social, Bento (2004, p. 46) assume a proposição de que é necessário aprender a competir, uma vez que “a competição é base e pressuposto para a cooperação. Quem não sabe competir não sabe cooperar. Seja entre pessoas, seja entre instituições, cidades e países.”

Assim, compreende-se a competição como uma característica do esporte que pode ser utilizada como instrumento para a educação. Marques (2004, p. 76) vai além ao afirmar que “a competição é a essência do desporto, sem a qual este próprio deixa de o ser, de existir”. Para Gaya e Torres (2004) a competição é uma categoria

indispensável e presente em todas as manifestações do esporte. Há, sobretudo, um intento de adequá-la aos anseios e necessidades dos mais diversos praticantes, a fim de qualificar a competição a serviço da formação.

Em contrapartida, Bracht (1992) considerando a competição inserida no esporte escolar, afirma que esta característica tende a tornar o esporte um fim em si mesmo, em que a ideia de concorrência fomenta a busca exacerbada pela vitória, às vezes a qualquer custo. Assim, ignoram-se as possibilidades de criação no esporte, uma vez que a execução de técnicas adequadas direciona para o melhor rendimento.

Ao analisar o esporte como um 'sistema aberto', Heinemann e Puig (1991) defendem que contemporaneamente o esporte possui diferentes dimensões constitutivas relacionadas com a organização, a legitimidade, as motivações e os impactos produzidos pelo mesmo.

Desta forma, apresentam quatro modelos que configuram o esporte: (1) o competitivo, que é proveniente do modelo tradicional, e, por isso, mantém uma regulamentação universal e uma uniformidade de valores; (2) o expressivo, o qual acompanha a mudança de valores nas sociedades modernas, englobando práticas escassamente organizadas e sujeitas à inovação e diversificação, que, por sua vez, se legitima através da satisfação individual; (3) o instrumental, cuja preocupação é o cultivo do corpo tendo a saúde e o envelhecimento como componentes importantes para a motivação dos praticantes, e; (4) o espetáculo, regido a partir das leis de mercado e orientado para o entretenimento.

A partir destes modelos, os autores apontam seis dimensões distintivas baseadas em polaridades em que transitam as atividades esportivas, a saber: unifuncionalidade de objetivos/multifuncionalidade de objetivos, performance/não-performance, competição/não-competição, internacional/local, organizado/não-organizado e regulamentação/não-regulamentação. Nesse sentido, pode-se pensar em práticas corporais não-competitivas, mesmo havendo uma atividade competitiva correspondente. Ou seja, embora haja competições de surfe, este também pode ser praticado fora deste contexto a partir de uma dimensão hedonística. Sendo assim, tanto as visões positivas acerca do caráter competitivo do esporte, quanto às negativas estariam sempre sujeitas a reavaliações.

Contudo, é importante ressaltar que Bento (2004) compreende o esporte como um fenômeno social moderno que assume diferentes funções nos diversos ambientes em que está presente e apresenta sentido diferenciado para cada praticante. Deste modo, pode-se ponderar uma pluralidade de sentidos e significados para o esporte, tanto em ambientes escolares, quanto em espaços não-escolares.

Gaya e Torres (2004) convergem com Bento (2004) ao interpretar o esporte como fenômeno polissêmico e polimorfo, isto é, com uma complexidade de sentidos e formas que propulsionam diversas intencionalidades e finalidades para a prática esportiva. Este esporte plurívoco encontra-se expresso, por exemplo, no esporte de rendimento/excelência, no esporte de lazer, no esporte escolar e no esporte de reeducação/reabilitação.

Para estes autores, mesmo reconhecendo a pluralidade de formas e sentidos do esporte, há um conjunto de categorias essenciais que estão presentes em todas as suas manifestações, a saber: o rendimento, os regulamentos e a competição.

Nesta perspectiva, supõe-se uma estrutura singular que é relativizada no âmbito plural dos sentidos atribuídos ao esporte por seus praticantes. Em outras palavras, as categorias rendimento, competição e regulamentos são configuradas ou enfatizadas de diferentes maneiras nas diversas expressões do esporte. Assim, explicam Gaya e Torres (2004, p. 61):

> • o esporte de alto rendimento ou esporte de excelência, onde predominam os aspectos parciais do comportamento corporal e motor, objetiváveis e mensuráveis, aos quais se aplicam os propósitos fundamentais de padronização, sincronização e maximização (COSTA, 1987), onde as categorias rendimento, regulamentos institucionalizados e competição são maximizadas;
> • o esporte escolar, onde se valorizam as possibilidades normativas na formação sobre valores, atitudes, habilidades e conduta humana. Nessa perspectiva as categorias rendimento, competição e regulamentos ficam submetidas a princípios de educação e formação;
> • o esporte de lazer, onde se enfatizam as tarefas higiênicas de saúde e de catarse, minimizam-se a formalidade e o rigor típico dos regulamentos institucionalizados e abre-se oportunidade para a modificação na forma, no espaço, na técnica e na participação;
> • o esporte de reabilitação e reeducação, onde se consideram as diversas possibilidades físicas, motoras e orgânicas dos praticantes, e a partir dessas necessidades se reorganizam formas diferenciadas de regulamentos e competições, conferindo ao esporte a possibilidade de se configurar como coadjuvante de elevado significado nas estratégias de saúde pública e promoção da saúde.

Nesta proposição teórica argumenta-se que não pode haver esporte sem rendimento corporal, sem regulamentos e sem competição. Contudo, as maneiras como estas categorias se configuram nas práticas esportivas são distintas. No esporte de alto rendimento, praticado por uma minoria e onde o talento esportivo é uma exigência, tais categorias são elevadas ao máximo, uma vez que aí também se faz presente questões mercadológicas.

No esporte de lazer, por outro lado, onde a participação e a inclusão são predominantes, o rendimento se apresenta sob a forma de auto-rendimento (rendimento próprio), os regulamentos podem ou não seguir padrões externos, e a competição não assume como finalidade única a vitória. Por sua vez, no esporte escolar, praticado por crianças e jovens, estas categorias (rendimento, regulamentos e competições) devem valer-se como meio de educação e formação, utilizando-se de uma pedagogia que possibilite a todos (independente de suas habilidades motoras) oportunidades de participação e aprendizado.

Contudo, é preciso destacar que Gaya e Torres (2004) se desviam do debate sobre esporte a partir de uma única expressão e desconstroem as alegações de que tais manifestações são excludentes e contraditórias. Sobretudo, advogam que elas são polaridades interdependentes situadas em um *continuum* no repertório de sentidos de seus praticantes.

Como contraponto a esta teorização podemos mencionar o estudo de Stigger (2002), no qual ao apresentar autores que tratam o esporte como um fenômeno heterogêneo faz alusão a Padiglione (1995). Segundo Padiglione (1995 apud STIGGER, 2002, p. 34), os discursos que unificam o esporte, “[...] os quais o apresentam como um fenômeno previsível que tem os seus princípios já identificados” incorrem num equívoco, visto que o esporte possui variações internas e características cada vez mais heterogêneas, “[...] o que dificulta as tentativas de compreendê-los com base em critérios rígidos”.

De tal modo, identifica-se na concepção de Gaya e Torres (2004) uma tensão que envolve a acepção do esporte enquanto polissêmico, polimorfo e plural, ao mesmo tempo em que é determinado por características, *sine qua non*, como rendimento, regulamentos e competição. Da mesma forma, Bracht (2005, p. 16) reconhece a

“multifacitude” do esporte, porém trabalha com um esquema dual que abrange o esporte de rendimento ou espetáculo e o esporte enquanto atividade de lazer. Nota-se, com isso, uma possível resistência dos autores em reconhecer o impacto da noção de polissemia sobre suas proposições teóricas.

No tocante ao esporte escolar, componente do nosso objeto de estudo, os referidos autores defendem a sua inserção como disciplina do currículo complementar, divergindo da educação física escolar e do esporte de rendimento. Isto porque, o esporte, assim como a dança, possui uma relevância cultural e social e devem ser abordados como conteúdo complementar. Entretanto, essa disciplina não deve ter por objetivo a formação de equipes escolares (função dos clubes esportivos na escola), e sim a ampliação da vivência e da aprendizagem das modalidades esportivas.

Para sanar a questão sobre a formação de equipes para competições escolares, Gaya e Torres (2004) consideram como possível e desejável a inserção de clubes esportivos nas escolas. Deste modo, os alunos que tivessem interesse em participar do esporte de rendimento seriam reunidos para representar a escola em competições externas.

Assim, os autores afirmam que

> não há qualquer contradição entre o clube esportivo, o esporte escolar e o esporte enquanto conteúdo da educação física; são instâncias diferentes, mas que se bem planejadas podem constituir-se em práticas pedagógicas complementares (GAYA; TORRES, 2004, p. 68).

Outro tema relacionado ao esporte para crianças e jovens que é abordado por Gaya e Torres (2004) consiste no esporte de rendimento na infância e na adolescência. Sobre esporte de rendimento/excelência, os autores adotam a definição proposta por DaCosta (1987, p. 3)

> É uma expressão na qual predominam aspectos parciais do comportamento corporal e motor, objetiváveis e mensuráveis. Expressão corporal e motora em que se evidencia um fluxo contínuo de ações com comportamentos ordenados e estáveis, aos quais se aplicam os propósitos fundamentais de padronização, sincronização e maximização.

Neste ponto, ocorrem desacordos entre Gaya e Torres (2004) e os autores da pedagogia crítica que direcionam suas análises aos aspectos negativos que esta

prática pode proporcionar aos mais jovens. Além disso, o discurso crítico não demarca claramente o que se assente por esporte de rendimento.

De tal modo, pode-se questionar:

> uma criança ou jovem que participa de uma escolinha esportiva duas ou três horas por semana ou um jovem tenista que pratica seu esporte diariamente podem ser considerados como praticantes de esporte de rendimento ou de alto rendimento? (GAYA; TORRES, 2004, p. 69).

Ou mesmo se “podemos considerar atletas de jogos escolares em geral como atletas participantes de esporte de excelência?” (GAYA; TORRES, 2004, p. 69).

É certo que excessos e desvios éticos acontecem no treinamento de crianças, porém, Gaya e Torres (2004) perspectivam que se deve combatê-los através da produção de conhecimentos que orientem a prática pedagógica dos professores, adequando o esporte as especificidades dos praticantes.

Com isto, destaca-se que, mesmo direcionado para crianças e adolescentes, o esporte de rendimento possui objetivos bem definidos e proporciona aos jovens aspectos de alto sentido formativo e educacional. Porquanto,

> embora se constitua numa prática seletiva sob o ponto de vista do talento esportivo, não se pode negar sua potencialidade em propiciar oportunidades diversas para o desenvolvimento social e moral de seus praticantes (GAYA; TORRES, 2004, p. 73).

Nesse sentido, a prática esportiva – seja para crianças, jovens, adultos, idosos – perpassa múltiplos sentidos, motivações e manifestações – rendimento, lazer, escola, reabilitação – que devem estar voltadas para a (auto) aprendizagem e (auto) realização (GAYA; TORRES, 2004; BENTO, 2004).

No entanto, mesmo reconhecendo a validade das concepções até aqui apresentadas, verifica-se que estas elaborações são resultados de reflexões teóricas, carecendo, assim, de dados empíricos para tangenciar suas assertivas, bem como apreender seus limites.

Em suma, o esporte, enquanto um fenômeno social complexo, é alvo de um amplo e consistente debate, envolvendo pontos de convergência e divergência entre os autores das mais diversas áreas. Destarte, torna-se relevante relativizar o discurso,

uma vez que cada teoria buscando a sua maneira apreender a totalidade deste fenômeno incorre em uma visão parcial, ou seja, é apenas capaz de interpretar uma parte do todo (GAYA, 2000).

Assim sendo, tal como pontua DaMatta (1994, p. 14) a tese do esporte como "atividade derivativa da sociedade deve ser substituída por uma perspectiva capaz de tomar o social como fenômeno total e, ao mesmo tempo, específico". Nesse sentido, enquanto uma atividade *da* sociedade, o esporte *é* a própria sociedade exprimindo-se a partir de certa perspectiva, regras, relações, objetos, gestos, ideologias, etc.

No que se refere especificamente à relação entre esporte e valores, podemos perceber visões opostas sobre um mesmo elemento, entendido por uma corrente como um aspecto positivo e por outra como um fator negativo (a competição, por exemplo). Contudo, é verídica a potencialidade do esporte em transmitir valores[37].

> Isso porque, como afirma Bento (apud GAYA, 1994, p. 10), no esporte podemos encontrar e cultivar os valores da corporalidade, da condição física e saúde, do rendimento, do empenhamento, da persistência, da ação, da dificuldade e da realização, da tensão, do dramatismo e da aventura, é um espaço de expressão e comunicação, de estética, de impressões e experimentações, de cooperação e intenção (GAYA; TORRES, 2004, p. 63).

Alega ainda que "é por tudo isso que enfatizo a necessidade de reafirmar o desporto como um projecto axiológico. São seus princípios e valores que perfazem o teor da sua missão" (BENTO, 2004, p. 54). Diante deste contexto destaca-se que, atualmente, o sentido de realização pessoal alterou a função utilitária do esporte, dando lugar a uma missão secular, em que valores primários (individuais) e valores secundários (sociais) devem ser conciliados em busca de um ideal de "felicidade" (BENTO, 2004, p. 40). Este fato decorre da crise ideológica e axiológica que se tem vivido desde há algumas décadas.

Esta tendência hedonista que acentua as experiências e vivências passageiras e momentâneas, a fruição do presente e o sucesso a todo custo em detrimento à disciplina, o esforço, o dever e a renúncia, converge com a dificuldade em definir um conjunto de valores, especialmente relacionados a princípios humanistas,

---

[37] Mesmo reconhecendo que os valores não são exclusivos do esporte, que transitam para um campo mais *lato* e abrangente.

civilizacionais e culturais.

> [...] estamos a assistir mais ou menos em todo o mundo ocidental ao florescimento de uma *desclassificação ou desordem cultural* e a um ecletismo estilístico, que se traduzem numa competição intensa entre uma ampla variedade de noções de cultura e numa redução da capacidade de impor uma hierarquia de valores. Este fenômeno é referido como uma crise das atitudes em face dos valores (BENTO, 2004, p. 48)[38].

Decerto as sociedades atuais são axiologicamente muito complexas, neste contexto, a preocupação com a educação em valores por meio do esporte torna-se uma importante temática a ser investigada. Ademais, como as mudanças da sociedade e seus valores são refletidas no esporte?

Nesta perspectiva, apresentaremos a elaboração de Queirós (2004) sobre um possível novo quadro axiológico do esporte para crianças e jovens, diante da laboriosa tarefa para encontrar referenciais seguros. Acrescentamos a esta discussão as contribuições de Tavares (2007) oriundas dos estudos sobre os valores olímpicos no mundo contemporâneo.

3.3 O ESPORTE EM FACE DO RELATIVISMO AXIOLÓGICO

Com o passar do século XX e início do século XXI foram percebidas mudanças em diversos aspectos da sociedade, provenientes de um conjunto de fatores que modificaram, essencialmente, as crenças e princípios em que se apoiavam o mundo moderno. Surgiram então, as buscas pela compreensão deste momento, resultando nas mais diversas definições.

Os críticos radicais da modernidade denominaram o período de ‘pós-modernidade’, termo este alvo de grandes controvérsias entre os teóricos, visto que defendia uma ruptura entre os tempos. Todavia, consideramos que as abordagens mais maduras e sofisticadas sobre o tema superam a ideia de ruptura e entendem a situação

[38] Grifo do autor.

contemporânea como uma radicalização da modernidade (Giddens) ou como a incompletude do seu projeto (Rouanet) (TAVARES, 2007).

Destacamos que, independente da terminologia, interessa-nos discutir como as características que pautam a sociedade contemporânea – como pluralismo, heterogeneidade, individualismo, hedonismo, dentre outras – são apropriadas e influenciam as práticas esportivas, assim como os sentidos atribuídos às mesmas por seus praticantes.

Nesse sentido, Queirós (2004, p. 187) afirma que

> em face deste contexto que parece ser de insegurança, ante a um (suposto) relativismo axiológico, a questão da reflexão acerca dos valores assume-se como fundamental no sentido de se constituir como guia e referência para a existência humana.

Enfatiza-se aqui a imprescindibilidade desta reflexão por parte daqueles que conduzem e orientam atividades com aspectos normativos implícitos, como a educação e o esporte.

Ademais, os valores são intrínsecos à vida humana, e não pode haver formação sem um referencial axiológico. Decerto, a construção de um referencial axiológico se estabelece de diferentes maneiras nos diversos âmbitos da sociedade.

Deste modo, não se pode alegar que a sociedade atual esteja carente de valores, e sim que há uma pluralidade dos mesmos devido à diversidade de referenciais sociais e culturais. Partindo desta perspectiva, Gervilla (1997) citado por Queirós (2004, p. 191) acentua que “[...] não vivemos pois numa sociedade cega perante os valores, mas sim numa sociedade com tantos valores que se torna difícil ou impossível diferenciar o valor do antivalor”.

Por isso, o valor da pluralidade, do hedonismo, do respeito às diferenças, do individualismo, outrora depreciados, passam então a configurar um novo modo de orientação e organização. Identifica-se neste contexto, uma sociedade mais flexível com relação às singularidades subjetivas, visto que as necessidades individuais e a realização pessoal tornaram-se centrais.

Direcionando para o esporte, desenvolvido a partir de princípios e com objetivos

claros em suas expressões, podemos encontrar um quadro de valores que o regulariza. Historicamente, a ideologia que envolve os Jogos Olímpicos Modernos se constitui como um marco para a vinculação de valores à prática esportiva. De acordo com Tavares (2007), embora emergido no século XIX, apenas na segunda metade do século XX, com o auxílio do Movimento Olímpico, o esporte se popularizou em uma dimensão global e alavancou enquanto uma prática associada a valores. A expansão do MO conectou o papel educativo do esporte aos valores da sociedade ocidental moderna, inspirado pela ideia do humanismo. Sobretudo, não podemos negligenciar que houve impactos diferenciados e apropriações locais diversas acerca da ideologia olímpica (TAVARES, 2007).

Isso não se aplica somente à ideologia olímpica, mas, estende-se às interpretações sobre os valores que permeiam o esporte em que podem ocorrer tensões e contradições na articulação local-universal.

Em face disso, podemos citar Queirós (2004) que faz referência a um estudo acerca dos valores na sociedade portuguesa onde foram verificados que os principais valores entre os jovens são de teor individualista e hedonista, marcados pela lógica da experimentação. Essencialmente,

> Há uma ânsia de liberdade nas actividades dos indivíduos, de fazer desporto como querem, quando querem, sem estarem limitados a certos lugares, a uma disciplina rígida e coletiva imposta do exterior. Cada um faz desporto acima de tudo para si, seja para manter a forma e a linha, seja para se ultrapassar no esforço, seja para progredir a título pessoal, ou seja simplesmente por prazer. (QUEIRÓS, 2004, p. 192)

Para Tavares (2007, p. 193) pode estar ocorrendo uma “atomização dos valores das práticas esportivas e a predileção dos esportes individuais e alternativos em detrimento dos esportes coletivos tradicionais”. Assim, nota-se a emergência de novos sentidos e significados atribuídos às práticas esportivas. Por exemplo, é crescente a procura por atividades físicas de aventura, desenvolvidas em contato com a natureza e que permeiam um certo risco.

Contudo, podemos questionar: até que ponto as atividades físicas e esportivas se adequam as novas sensibilidades e expectativas dos praticantes? No âmbito olímpico, a introdução de modalidades como mountain bike e snowboard no programa dos Jogos demonstra o anseio em atender essas novas exigências

(TAVARES, 2007).

Certamente, é preciso, antes de tudo, conhecer as mudanças de sentido, de entendimento, de valores e de motivos que determinam o desenvolvimento do esporte, frente à atual conjuntura social axiológica, em que o estável e duradouro foram supridos pelo efêmero e transitório. Retomando as ideias de Bento (2004), os valores atuais são mais humanos e pouco orientados pelo futuro e os sujeitos, assim como seus interesses, necessidades e objetivos, são plurais.

De tal modo, corroboramos com Queirós (2004, p. 190) ao afirmar que,

> Numa época em que vivemos sob os signos da mudança e da incerteza e em que reina o pluralismo cultural, cada uma das crianças, dos adolescentes e dos jovens, carece fundamentalmente de encontrar no desporto (ou na pluralidade dos desportos), acompanhamento e sinais claros para a sua própria orientação, mas num modelo coexistencial de desporto, onde caiba o respeito pela identidade de cada um, pelo diferente e complementar, enfim, pela pessoa de cada um.

Como exposto acima, os sujeitos que praticam esporte atualmente caracterizam-se pela heterogeneidade, associada a uma complexidade de fatores, norteando assim, os sentidos desta prática. A este respeito, devemos destacar a necessidade de uma visão abrangente para todos os tipos de esportistas, afinal, o esporte não existe independentemente de quem o pratica.

De acordo com Queirós (2004), não se pode mais ignorar as mudanças que ocorrem no sistema social e no sistema tradicional do esporte, tendo em vista que o mesmo está inserido em uma mudança de valores, tal como outros sistemas parciais da sociedade contemporânea. Neste contexto,

> Se os valores de cultura física que enaltecem a obtenção dos melhores níveis de performance, veiculados pelo vulgarmente designado "desporto de competição", foram importantes num momento histórico em que se afirmavam os valores da sociedade industrial da modernidade, e onde o corpo era concebido como um instrumento de trabalho, com o passar dos tempos, novos valores de cultura física emergiram, sobretudo nas sociedades mais industrializadas, trazendo novas concepções e mudanças no espaço das práticas desportivas (MARIVOET, 1998 apud QUEIRÓS, 2004, p. 193).

Contudo, não podemos afirmar que não haja valores tradicionais orientando a prática esportiva. Partimos da compreensão que existe uma tensão entre valores tradicionais do esporte e valores hedonistas, que oscila entre aspectos formativos,

como disciplina e esforço, e o prazer, a diversão.

Ao redimensionarmos esta concepção para o ambiente das competições escolares, podemos conceber *a priori* um ambiente em que os valores presentes na prática esportiva variam segundo os códigos e as demandas da instituição que organiza o evento e dos seus praticantes.

De fato, os eventos esportivos são enviesados por perspectivas variadas – que envolve um conjunto de práticas, valores, atitudes, etc. – de acordo com as vinculações institucionais às quais sua organização está sujeita. Nesse sentido, Turini e DaCosta (2002, p. 65) sinalizam que

> a organização do esporte moderno tornou-se cada vez mais complexa operando a partir de diversas formas institucionais que assumem perspectivas políticas, econômicas, sociais, educativas, etc.

Considerando tais argumentações, buscaremos debater a relação que se estabelece entre esporte e valores para os alunos-atletas e para os organizadores dos jogos e olimpíadas escolares analisados, tornando mais tangível as discussões aqui explanadas.

4. APONTAMENTOS METODOLÓGICOS[39]

Utilizamos nesta pesquisa uma abordagem qualitativa de tipo descritiva com métodos de inquirição sob a forma de opinião. De acordo com Goldenberg (2005), a abordagem qualitativa vincula-se diretamente com a sociologia compreensiva. Neste contexto, trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, analisando de forma mais profunda as relações, processos e fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Neste capítulo apresentamos os procedimentos, as principais características, os sujeitos e os instrumentos utilizados em cada um dos quatro eventos que compuseram o *corpus* de análise deste estudo. Vale ressaltar que estes jogos escolares foram selecionados intencionalmente, utilizando como critério a permissão de acesso a cerimônia de abertura, aos organizadores e aos alunos-atletas. O consentimento para a realização da pesquisa foi adquirido em um contato inicial com os responsáveis pelos eventos a partir da Carta de Apresentação (APÊNDICE A).

Dada a natureza das problemáticas que permeiam o presente trabalho, foram combinadas diferentes técnicas e instrumentos para reunir as informações e dados necessários. Em cada evento foi realizada a observação sistemática das cerimônias de abertura com registros em vídeo, fotografias e diário de campo baseados no roteiro de observação (APÊNDICE B).

Com relação à observação Richardson (1999, p. 259) afirma que

> a observação torna-se uma técnica científica à medida que serve a um objetivo formulado de pesquisa, e sistematicamente planejada, sistematicamente registrada e ligada a proposições mais gerais e, em vez de ser apresentada como conjunto de curiosidades interessantes, é submetida a verificações e controles de validade e precisão.

Nesse sentido, há quatro momentos importantes para um resultado positivo da observação: (1) a decisão pela forma de observação; (2) o preparo do seu desenvolvimento; (3) o desempenho de seu emprego propriamente dito, e; (4) seu registro.

---

[39] Este trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Espírito Santo.

Para a observação das cerimônias de abertura dos jogos escolares foram ponderadas duas dimensões básicas: o contexto - suas diversas camadas narrativas (organização dos espaços, decoração, roteiro dos eventos, elementos presentes nos rituais, músicas, coreografias, falas e discursos e etc.) - e os sujeitos (participação, indumentárias, ações e interações).

Considerando como foco da pesquisa as cerimônias de abertura, selecionamos os alunos-atletas que participaram das mesmas, de forma ativa (desfile, apresentações artísticas) ou passiva (espectador). Para a seleção dos professores/organizadores a serem entrevistados utilizamos como critério o envolvimento com as cerimônias de abertura. Destaca-se que todos os sujeitos foram informados sobre a pesquisa e assentiram sua participação a partir da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE C). Ressalta-se também que a cada evento analisado, aprimoramos as questões que compuseram o roteiro de entrevistas, no sentido de torná-las mais objetivas em relação aos propósitos da pesquisa, porém, sem alterar sua essência.

Entendemos que agregar dados de fontes variadas contribui para um olhar mais ‘completo’ sobre um determinado fenômeno. Nesse sentido, corroboramos com Hammersley e Atinkinson (1995, p.232) ao afirmar que, a triangulação de dados “não é meramente combinar diferentes tipos de dados em si, mas, configura-se como uma tentativa de relacionar os diferentes dados de tal maneira que as várias ‘ameaças’ à validade da análise sejam minimizadas”.

Nesse sentido, analisamos os dados a partir do método qualitativo, visto que os objetivos propostos vão em direção a uma compreensão mais densa de objetos que, por natureza, são complexos e precisam de um detalhamento em nível descritivo/valorativo.

4.1 OS JOGOS ESCOLARES INTERNOS

O primeiro evento estudado foram os jogos internos de uma escola privada confessional do município de Vila Velha (ES), os quais denominamos de Jogos A. Desta competição participaram os alunos de 5ª à 8ª série (6º ao 9º ano) do ensino fundamental, com idades entre 11 e 15 anos. Estes alunos foram aleatoriamente distribuídos em quatro grupos representados pelas cores: verde, vermelho, amarelo e azul.

A cerimônia de abertura dos Jogos A aconteceu às 9 horas na quadra poliesportiva da escola no dia 19 de junho de 2010. No decorrer de uma semana os alunos disputaram quatro modalidades esportivas: futsal, handebol, voleibol e basquete. Durante este período, foram realizadas entrevistas guiadas[40] [41] (APÊNDICE D) com três professores responsáveis pela organização dos jogos e da cerimônia de abertura. As questões abarcavam o planejamento da abertura dos jogos, o sentido e significado do evento e os valores celebrados na cerimônia de abertura.

A mesma técnica de entrevista (APÊNDICE E) foi utilizada com quatro alunos que participaram das apresentações artísticas na cerimônia de abertura. Os alunos foram selecionados incidentalmente a partir da disponibilidade no momento em que os pesquisadores estiveram na escola. As questões que permearam a entrevista corresponderam ao sentido atribuído à abertura dos jogos, aos significados dos elementos protocolares que apareceram na cerimônia, à relevância do evento e aos valores celebrados na abertura.

Vale salientar que os dados advindos deste evento se constituem como secundários, uma vez que as entrevistas foram realizadas pelos estudantes de iniciação científica com o intuito de aperfeiçoar os instrumentos de coleta de dados.

---

[40] De acordo com Richardson (1999) nas entrevistas guiadas exploram-se determinadas questões a partir de uma ‘guia de temas’, o que não implica que as perguntas sejam previamente formuladas, mas, podem ser produzidas no decorrer do processo, sem uma ordem pré-estabelecida.

[41] Vale salientar que em todas as entrevistas utilizamos um gravador de voz, o qual permitiu a transcrição das falas dos entrevistados com fidedignidade e um aprimoramento na análise das mesmas.

4.2 OS JOGOS INTERESCOLARES

O segundo evento que integrou o corpus de dados deste trabalho foi realizado por uma escola privada confessional da cidade de Vitória (ES), aqui denominados de Jogos B. Este evento envolveu cinco escolas pertencentes à mesma rede de colégios das cidades de: Ubá (MG), Brasília (DF), Rio de Janeiro (RJ), Belo Horizonte (MG) e Vitória (ES). Os alunos participantes tinham idades entre 11 e 17 anos, e cursavam entre a 5ª série (6º ano) do Ensino Fundamental e o 3º ano do Ensino Médio. Nestes jogos foram disputadas as seguintes modalidades esportivas: futsal, handebol, voleibol e basquetebol.

A observação da cerimônia de abertura destes jogos aconteceu no dia 18 de agosto de 2010 por volta das 19 horas no ginásio do colégio. As competições ocorreram durante três dias, período em que foram aplicados questionários[42] (RICHARDSON, 1999) com 102 (cento e dois) alunos que estiveram presentes na cerimônia de abertura.

O quantitativo de alunos foi estabelecido a partir da tabela de amostragem de Gil (2002) que considera a amplitude da população e as margens de erro. Como o universo de participantes deste evento foi inferior a 1000 (mil), para uma margem de erro de ± 5%, a amostra correspondeu a, aproximadamente, o número de sujeitos (222). Desta forma, realizou-se a aplicação dos questionários com o maior número possível de alunos.

O questionário foi dividido em duas partes: a primeira envolveu questões abertas sobre os sentidos e significados atribuídos à cerimônia de abertura, assim como a representatividade dos elementos protocolares; a segunda parte, composta por três perguntas abertas e uma fechada, permeou a relação entre esporte e valores.

Posteriormente, foi realizada uma entrevista guiada (APÊNDICE G) com a professora que coordenou a cerimônia de abertura. As perguntas feitas tinham um alto grau de aprofundamento, abarcando questões concernentes à função da

[42] APÊNDICE F.

professora dentro da escola, ao planejamento da cerimônia de abertura, aos valores da instituição e aos valores celebrados na abertura, aos sentidos e significados dos elementos protocolares e a relevância do evento.

4.3 OS JOGOS NA REDE 2011

O terceiro *lócus* de coleta de dados foram os Jogos Escolares da Rede Estadual do Espírito Santo promovidos pela Secretaria de Estado da Educação, denominados Jogos na Rede. Nestes jogos participaram alunos do ensino médio (até 17 anos) de 257 (duzentos e cinquenta e sete) escolas estaduais. Os Jogos na Rede ocorreram em duas etapas: (1) etapas regionais, realizadas em onze municípios do Espírito Santo e organizadas pelas Secretarias Regionais de Educação (SRE); e (2) etapa final, composta pelas equipes que venceram as etapas regionais. Nestes jogos foram disputadas as seguintes modalidades esportivas: futsal, handebol, voleibol, basquetebol e atletismo[43].

A cerimônia de abertura observada – etapa final dos Jogos na Rede 2011 – foi realizada no ginásio de esportes Jayme Navarro de Carvalho na cidade de Vitória (ES) às 17 horas do dia 22 de setembro de 2011. Participaram desta cerimônia alunos de diversas escolas estaduais de diferentes municípios, assim, houve uma dificuldade no acesso aos estudantes. No entanto, foram realizadas entrevistas guiadas com sete alunos de uma escola estadual de Viana (ES). Todavia, dentre os sete alunos entrevistados cinco não praticavam esporte e suas respostas foram inconsistentes (os alunos responderam “não sei” para a maioria das perguntas), o que inviabilizou a análise e discussão dos dados obtidos. Desta forma, as entrevistas com alunos não foram incorporadas neste trabalho.

Com dois organizadores foram utilizadas entrevistas guiadas (APÊNDICE H)

[43] Corridas de: 100 metros, 200 metros, 400 metros, 800 metros, 4x100 metros, 1500 metros, 3000 metros; arremesso de peso; lançamento de disco; salto em distância; e salto em altura.

objetivando compreender os sentidos, significados e valores atribuídos à cerimônia de abertura e seus elementos, bem como identificar a percepção dos mesmos sobre a relação entre esporte e valores.

4.4 AS OLIMPÍADAS ESCOLARES 2011

O quarto evento que integrou esta pesquisa foram as Olimpíadas Escolares 2011 (OE 2011), que foram realizadas pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB) em parceira com o Ministério do Esporte e o Governo Estadual do Paraná. As Olimpíadas Escolares são competições que acontecem em nível municipal, estadual e nacional, tendo caráter classificatório e eliminatório em cada uma de suas etapas. Nessa perspectiva, compreende-se que os atletas participantes da etapa nacional dos jogos estariam mais adaptados aos aspectos técnicos, táticos e ao conjunto de regras e regulamentos dos esportes de competição. Concluímos então que estes participantes da etapa nacional das OE 2011 são os mais representativos desse segmento esportivo.

Em todos os seus níveis, as Olimpíadas Escolares são divididas em duas categorias: a primeira envolve estudantes de doze a quatorze anos e a segunda, estudantes de quinze a dezessete anos. A categoria de quinze a dezessete anos foi escolhida para compor os sujeitos do presente estudo em virtude de um maior amadurecimento psicológico e um possível aprofundamento temático.

A coleta de dados na etapa nacional das OE 2011 ocorreu na cidade de Curitiba - Paraná, entre os dias 2 e 6 de dezembro de 2011. Segundo informações oficiais do COB[44], participaram da competição 3.641(três mil seiscentos e quarenta e um) alunos-atletas de 26 (vinte e seis) delegações. Os estados que tiveram representação na competição foram: Acre, Alagoas, Amazonas, Amapá, Bahia,

[44] Disponível em: http://www.olimpiadasescolares.com.br/noticias/noticia.asp?id=17606

Ceará, Espírito Santo, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins. Além das delegações do Distrito Federal e da cidade-sede, Curitiba.

As modalidades esportivas envolvidas pela competição compreendem nos esportes coletivos: futsal, basquetebol, voleibol e handebol; e nos esportes individuais: atletismo, ciclismo, ginástica rítmica, judô, natação, taekwondo, tênis de mesa e xadrez. A etapa nacional das OE é dividida em dois grupos de competições, nos primeiros cinco dias disputam-se as modalidades individuais e nos demais (últimos cinco dias) são realizadas as modalidades coletivas.

Assim, foram sujeitos da pesquisa os alunos-atletas das modalidades individuais. A seleção dos sujeitos foi norteada pelo objetivo de alcançar a maior representatividade possível, dentro dos limites do instrumento utilizado para a coleta. Dessa forma, foram selecionados incidentalmente para responder a entrevista guiada (APÊNDICE I) dois alunos-atletas de cada delegação, totalizando 58 (cinquenta e oito) sujeitos. As questões buscavam identificar os valores, os sentidos e os significados atribuídos à cerimônia de abertura e seus elementos, bem como a concepção dos alunos sobre os valores que permeiam a prática esportiva.

Para compor a amostra dos organizadores foram selecionados três membros do Comitê Olímpico Brasileiro, os quais foram responsáveis pela cerimônia de abertura. Com estes sujeitos também foram realizadas entrevistas guiadas (APÊNDICE J) a fim de identificar os valores orientadores do evento, os sentidos e significados da cerimônia de abertura e seus elementos e a visão dos mesmos sobre a relação entre esporte e valores.

5. A EMULAÇÃO DE VALORES NAS CERIMÔNIAS ESPORTIVAS ESCOLARES

Neste capítulo organizamos a análise elaborando uma triangulação entre os dados advindos da observação de cerimônias de abertura de jogos esportivos escolares, de entrevistas com alunos-atletas e respectivos organizadores de cada evento.

Dado o grau de institucionalização em relação ao Movimento Olímpico, iniciamos a análise a partir das Olimpíadas Escolares 2011, considerando a maior complexidade do evento enquanto fenômeno a partir do qual pretendemos investigar as relações entre valores, esporte e cerimônias. Optamos, portanto, por não obedecer a uma ordem cronológica na apresentação dos dados em relação aos jogos escolares observados.

De tal maneira, os resultados e discussões em torno das OE 2011 foram apresentados em dois momentos: (1) o cerimonial de abertura e suas representações; e (2) a relação esporte e valores para alunos-atletas e organizadores envolvidos no evento.

Em seguida, a partir das análises feitas em torno das OE 2011, buscaremos focalizar as especificidades dos demais eventos (de dimensões locais/regionais e sem direta associação ao COB). Decerto, diversas variáveis permeiam cada um destes eventos esportivos, o que os fazem se aproximarem em determinados aspectos e se distanciarem em outros. Nesse sentido, buscaremos destacar as possíveis similaridades e/ou diferenças entre os eventos locais/regionais e as OE 2011.

5.1 A CERIMÔNIA DE ABERTURA DAS OLIMPÍADAS ESCOLARES 2011

Nesta seção, apresentaremos as narrativas de alunos-atletas que participaram da cerimônia de abertura das OE 2011, bem como as dos organizadores do evento, buscando identificar elementos que sejam complementares em suas falas, que os aproximem e/ou os distanciem no que se refere, sobretudo, ao que representa a cerimônia de abertura para estes atores.

Em geral, tanto alunos-atletas quanto organizadores reconhecem a relevância da realização de uma cerimônia de abertura. Quando questionados sobre por que estas cerimônias esportivas acontecem, foram recorrentes respostas que atribuem à ocasião uma finalidade objetiva e imediata: declarar os jogos abertos. Em determinadas falas, porém, elementos adicionais e peculiares às falas dos alunos-atletas podem ser percebidos, como:

> ATLETA PIAUÍ 2 - Para declarar a abertura dos jogos. **Cada evento grande tem que ter uma abertura, assim como tem nas Olimpíadas e na Copa do Mundo**.
>
> ATLETA PARÁ 2 - Por causa da **mídia**[45].

Verifica-se que há uma clara alusão à noção de grandiosidade, que está representada tanto na referência à Copa do Mundo e aos Jogos Olímpicos, quanto à mídia. Tal grandiosidade, se compreendida a partir da teorização de MacAloon (1984), aponta para o sentido ‘espetacularizante’ que emoldura os Jogos Olímpicos e, como é possível constatar a partir das falas mencionadas, mostra-se tangível também em jogos que emulam o modelo olímpico.

Essa moldura do ‘espetáculo’ refere-se à construção de algo que é feito para ser exibido, visto, notado, e isto inclui a mídia, os espectadores e/ou os próprios participantes. Ao situarmos a mídia como exemplo nessa dimensão do ‘espetáculo’ pode-se constatar que o cerimonial de abertura compõe o *status* de grandeza de determinado evento esportivo de tal forma que chama a atenção da mídia, ao

[45] Grifos nossos.

mesmo tempo em que a presença da mídia parece legitimar a grandeza do evento, numa relação de reciprocidade.

Embora a noção de espetáculo seja um destaque importante dentre as respostas dos alunos-atletas, houve também referências à dimensão festiva que 'justifica' a realização do cerimonial de abertura:

> ATLETA PERNAMBUCO 2 – A cerimônia é para fazer uma festa antes de levar a sério as competições.

De fato, a coexistência do 'sério' e do 'festivo' tanto de maneira intrínseca à cerimônia quanto de maneira geral faz parte da configuração específica que caracteriza os Jogos Olímpicos como uma performance cultural. Nesse sentido, nas Olimpíadas Escolares, a conservação da estrutura olímpica que concilia uma atmosfera alegre (gênero festival), em contraste com o 'sério' (que permeia principalmente as competições esportivas em si), parece reproduzir a configuração olímpica também em sua capacidade de provocar representações variadas.

Outro fator presente nas narrativas dos alunos-atletas refere-se à tradição histórica que, por si só, aglomera uma gama de significados simbólicos vinculados à ideologia olímpica com seus elementos ritualísticos (tocha, pira, etc.). As falas abaixo parecem confirmar que a associação entre ritual e tradição, tal como aponta Segalen (2002), parece responsável por perpetuar certos mitos, e no caso abaixo, a importância de certos ritos:

> ATLETA SANTA CATARINA 1 - É uma questão histórica, tem a tocha, que vem desde a Grécia [...].
>
> ATLETA PARANÁ 2 – A cerimônia serve para chamar os atletas para dar início ao campeonato e também é importante porque tem toda a cerimônia da pira [...].

Demonstra-se com isso, que os elementos ritualísticos e/ou vinculados à tradição histórica são também evocativos e chamam a atenção. Vale pontuar, baseando-se em MacAloon (1984), que é o espetáculo que lhes atribui visibilidade e capturam a atenção dos envolvidos para a tradição, os símbolos e assim, para a dimensão mais centrípeta da performance cultural, neste caso, o ritual.

Nesse sentido, baseando-se nas respostas dos alunos-atletas entrevistados nesse

estudo, parece possível sugerir que eventos que se pautam no modelo olímpico, tendem a preservar – em sua devida dimensão – a coexistência daqueles gêneros performativos identificados por MacAloon (1984): espetáculo, festival, ritual e jogo.

Em menor recorrência, outros aspectos também foram mencionados pelos atletas sobre o porquê se realiza a cerimônia de abertura, tais como: um momento para apresentação das delegações e atletas; para obter informações sobre o evento; para conhecer os organizadores; e que serve de incentivo à participação dos alunos-atletas.

É importante salientar que atletas, espectadores e autoridades em geral percebem e/ou vivenciam diferentemente cada um dos gêneros da performance, tal como enfatiza MacAloon (1984). O autor não está se referindo apenas à subjetividade dos atores sociais (público, atletas e autoridades) para com a performance, refere-se principalmente às posições que estes atores ocupam na dinâmica social existente, de forma que tais posições influenciam o que e como eles percebem e/ou vivenciam o evento.

Nesse sentido, apesar de existirem traços comuns com as respostas dos atletas, no discurso dos organizadores das OE 2011 destacam-se fatores peculiares à posição que ocupam naquela dinâmica social quando questionados sobre o porquê se realizam as cerimônias:

> ORGANIZADOR 1 – **É um início festivo para o evento**, apresentar os participantes, **realizar os juramentos** e dar **as boas-vindas para os atletas**. **Mostrar para todos quem está organizando o evento, a cidade-sede e se há patrocinadores, este é um bom momento para expor a marca dele porque há uma grande concentração de pessoas.**
>
> ORGANIZADOR 2 **– É necessário para fazer um padrão de evento olímpico.** União das delegações. **Mostrar as delegações e a cidade-sede**. **Marcar o início aos jogos.**
>
> ORGANIZADOR 3 - Serve de boas vindas para as pessoas que vem de outros estados e para **mostrar a cidade-sede**, é uma obrigação da cidade, assim**, mostra-se os valores [sic], a cultura da cidade** [...] E para **declarar aberto os jogos**.[46]

Nas narrativas acima apresentadas, podemos perceber similaridades com as respostas dos atletas no que se refere a: “um início festivo”, conhecer “quem está

[46] Grifos nossos.

organizando", "declarar os jogos abertos", etc. Entretanto, fatores como "mostrar a cidade-sede" (cultura e valores), expor patrocinadores e seguir a um padrão "olímpico" caracterizam a peculiaridade da visão dos organizadores sobre o que as cerimônias representam.

É interessante destacar que, se redimensionarmos a análise de DaMatta (2006) de que a cidade que hospeda os Jogos Olímpicos utiliza a cerimônia para promover e celebrar valores locais (da cidade/país anfitrião) percebemos que, em justa medida, as Olimpíadas Escolares também se tornaram uma oportunidade – nesse caso, a partir de uma vitrine nacional – para que as cidades-anfitriãs sejam promovidas culturalmente, politicamente e/ou economicamente na visão dos organizadores (como destinos turísticos, por exemplo).

Outro fator interessante nesse sentido refere-se à fala do Organizador 1, que chama a atenção para o fato de a cerimônia ser o momento de maior concentração de pessoas no mesmo local. Constata-se com isso, que os organizadores percebem que a cerimônia de abertura é um espaço profícuo para a profusão de mensagens, tal como destacam Morágas, MacAloon e Llinés (1996). Tais mensagens perpassam desde a questão ideológica até – e, mais notoriamente na fala dos entrevistados nesse estudo – a questão da propaganda e divulgação da cidade-sede[47].

Ao discorrerem sobre o que representa a cerimônia de abertura, exceto pela resposta do Organizador 2, a questão ideológica parece de forma implícita:

> ORGANIZADOR 1 – É o único momento em que nós temos todas as equipes participantes em um único local.
>
> ORGANIZADOR 2 - Marca que o evento começou**. Fala da história dos elementos do protocolo olímpico [...] celebração da amizade e da paz.**
>
> ORGANIZADOR 3 – É um momento único na vida desses atletas, ao participarem de um evento tão **grandioso**.[48]

A questão ideológica permanece implícita na fala dos organizadores quando estes se referem ao planejamento do cerimonial de abertura das OE 2011. Como um evento oficialmente atrelado ao Comitê Olímpico Brasileiro, esperadamente houve

---

[47] É importante destacar que nos Jogos Olímpicos não é permitida a exposição de marcas e patrocinadores nos locais de competição tampouco durante a cerimônia de abertura.

[48] Grifos nossos.

um protocolo a seguir e, nesse sentido, reconhece-se tacitamente o seu conteúdo ideológico:

> ORGANIZADOR 1- A cidade já tinha o planejamento da cerimônia de abertura há alguns meses. Nós do Comitê Olímpico chegamos uns 10 dias antes para ajudar nesse planejamento. Tem um protocolo do Comitê que tem que ser seguido. O protocolo é do Comitê e a cidade organiza a parte artística-cultural [...].
>
> ORGANIZADOR 2 - A gente se baseia no protocolo do COI [Comitê Olímpico Internacional]. Na verdade, o COI é a instituição máxima do Movimento Olímpico [...] Então, o COI tem uma publicação chamada 'A carta olímpica', onde estão registrados todos os temas importantes que regem o Movimento Olímpico, dentre eles a cerimônia de abertura [...] Obviamente, nós tentamos adaptar a localidade onde está sendo realizado o evento.
>
> ORGANIZADOR 3 - Passamos o protocolo que tem que ser seguido, quem faz o roteiro somos nós, e a gente sugere que tenha sempre uma atração no início que dure cinco minutos, que não seja uma coisa longa. A gente sugere que só pode ficar quatro autoridades no palco, um representante do ministério, do COB, do governo e um da prefeitura; e que estes discursos só durem até 2 minutos cada um. E nós somos bem rigorosos nisso. A gente incentiva que eles mostrem um pouco da cultura deles, mas que sejam coisas jovens que fale [sic] com o público.

Em tese, o protocolo é diretamente ligado à mensagem ideológica que se pretende ser reconhecida e compartilhada entre os participantes, trata-se da articulação entre 'forma e conteúdo' tal como discutida por Morágas, MacAloon e Llinés (1996). De fato, os organizadores citam como referência para a cerimônia das OE 2011, a Carta Olímpica, o estatuto do Movimento Olímpico onde estão descritos seus princípios fundamentais[49].

De certa maneira, a cerimônia de abertura é o momento dos Jogos Olímpicos que mais concentra e conserva a estrutura de um ritual a partir do seu protocolo (e intrínseco a ele os símbolos, ritos, etc.). De fato, ao retomar a discussão do ritual (e seus elementos) como um sistema complexo de comunicação simbólica (PEIRANO, 2003), percebe-se que a noção de que o mesmo é constituído de seqüências ordenadas e padronizadas de palavras e atos se manifesta de forma clara nas cerimônias de diferentes jogos escolares.

Se, a partir do protocolo, a mensagem é efetivamente difundida parece difícil

[49] Segundo Tavares (2003, p. 113-114) os princípios fundamentais do Movimento Olímpico constituem-se em um "conjunto de idéias que fundamentam, ou pelo menos deveriam fundamentar, uma ética positiva para o esporte competitivo e uma função social para o esporte. A este *corpus* de valores, Pierre de Coubertin chamou de Olimpismo".

mensurar, mas, temos subsídios para pensar que a cerimônia parece manter sua eficácia social situada na produção das crenças. O fato é que, como pontua Segalen (2002), a eficácia social do ritual depende de símbolos que possam ser reconhecidos coletivamente. E, nesse sentido, os atletas entrevistados, quando questionados sobre o que mais gostaram na cerimônia de abertura das OE 2011, mencionam fatores ligados à esfera ritualística do evento, como a tocha e/ou a pira presentes em respostas de 29 entrevistados[50].

Os alunos-atletas também mencionaram estes dois elementos do protocolo (tocha e pira) como aqueles que mais os emocionaram. Nota-se, porém, que a menção a estes momentos esteve ora associada ao seu significado histórico/simbólico, ora às aspirações dos entrevistados como atletas:

> ATLETA MATO GROSSO 1 – A tocha me emocionou mais. Eu pensei: **"– Nossa! Um dia eu posso fazer isso"**.
>
> ATLETA MINAS GERAIS 1 – A tocha, porque quando a gente vê **aqueles atletas a gente pensa que está mais próximo para ir para os Jogos Olímpicos em 2016** [51]. Acho que isso é uma parte muito interessante e que nos ajuda.
>
> ATLETA RIO DE JANEIRO 1 – A tocha, **por causa do símbolo que ela representa**, que para a gente é o que mais importa.
>
> ATLETA PARAÍBA 1 - A pira, porque o atleta que acendeu, acendeu com um jeito de guerreiro que incentivou a nós atletas.
>
> ATLETA PERNAMBUCO 2 – A pira, **porque é o fogo simbólico dos Jogos.** [52]

Parece confirmar-se com isso, que a tocha e a pira são, de fato, os elementos do ritual que representam um estado liminar (MacALOON, 1984), um rito de separação da vida cotidiana. Com isso, seja a emoção relatada pelos atletas provocada pela aspiração em protagonizar um destes momentos um dia, seja pelo seu significado simbólico, esse é um "rito de passagem" que demarca muito bem a transição da rotina e vida cotidiana a uma condição de tempo e espaço "extraordinário".

---

[50] Em sequência apareceram: o show musical (19%), as apresentações artísticas (12%), o desfile das delegações (10%), e por fim, os discursos.

[51] Há de se considerar uma peculiaridade deste evento no que se refere à tocha e ao acendimento da pira. Estiveram presentes para estes momentos da cerimônia atletas que são ídolos nacionais em diversas modalidades, como: Daiane dos Santos (ginástica), Emanuel (vôlei de praia), Vanderlei Cordeiro (atletismo), Hugo Hoyama (tênis de mesa). Esse fator contribuiu para que estes momentos (tocha e pira), de acordo com a justificativa dos alunos-atletas entrevistados, tenham sido eleitos como aqueles que mais gostaram.

[52] Grifos nossos.

De maneira geral, estes são exemplos que ilustram a maior recorrência nas falas dos entrevistados quanto ao momento que mais os emocionaram, mas, houve também menções ao hino nacional, às apresentações artísticas, ao desfile das delegações e aos atletas nacionais famosos que lá estiveram (isoladamente, sem qualquer associação à tocha e ou à pira).

5.1.1 Elementos protocolares: representações e significados

Nesta seção, apresentaremos os dados obtidos a partir da observação em suas duas dimensões: a) contextual – a organização dos espaços, a decoração, o roteiro dos eventos, elementos presentes nos rituais, músicas, coreografias, falas e discursos e etc.; b) e dos sujeitos – participação, indumentárias, ações e interações.

A partir disso pretendemos analisar a fala dos alunos-atletas e organizadores quanto à forma e o conteúdo da cerimônia das OE 2011, enfatizando as percepções que lhes são peculiares, as complementaridades, convergências e possíveis divergências sobre as representações de cada elemento do protocolo seguido no evento.

De modo geral, o público presente durante a cerimônia foi composto pelos próprios atletas que participavam das OE 2011, pelos técnicos e membros das delegações, pelos árbitros, organizadores e voluntários do evento e, em menor número, por familiares dos alunos-atletas, principalmente, da cidade de Curitiba-PR.

No que se refere à ornamentação do ginásio onde foi realizada a abertura[53], observamos a utilização de *banners* que circundavam o espaço central do ginásio, nos quais estavam os símbolos das instituições envolvidas na realização do evento: Prefeitura Municipal de Curitiba, Governo Estadual do Paraná, Ministério do Esporte e Comitê Olímpico Brasileiro. Destaca-se o fato de que não havia apelos à dimensão

[53] Ginásio central da Universidade Positivo.

festiva e/ou simbólica do evento, como, por exemplo, o uso faixas com mensagens, imagens, etc. Vale salientar que a partir de outros aspectos foi possível perceber as mensagens ideológicas que se pretendeu associar às OE 2011, como nas apresentações artístico-culturais, que promoviam a integração entre os atletas de todas as delegações.

O único elemento na decoração que remeteu à dimensão ideológica e/ou ao conteúdo das OE 2011 na cerimônia refere-se ao texto "Diga não ao doping", presente nos *banners*. Parece claro que esta mensagem é inerente ao contexto da prática esportiva de alto rendimento. De certa maneira, este item da decoração trata-se do primeiro apelo explícito ao conteúdo ideológico da cerimônia, pois, a mensagem tem um apelo visual que antecede qualquer elemento protocolar (tais como os discursos, por exemplo) [54].

A partir de Morágas, MacAloon e Llinés (1996) podemos interpretar que essa mensagem em destaque na decoração do ambiente, revela uma preocupação importante daquilo que se espera ser minimamente reconhecido, respeitado e/ou compartilhado pelos participantes do evento.

Os registros feitos a partir da observação demonstram que, quanto à forma, o cerimonial de abertura das OE 2011 foi composto por momentos bem demarcados e identificáveis pelos espectadores e alunos-atletas participantes da cerimônia. Tal consonância, no entanto, se torna menos tangível no que se refere ao conteúdo do cerimonial de abertura.

A abertura foi conduzida por um mestre de cerimônia que iniciou o evento com a entrada das autoridades políticas: Governador do Estado do Paraná, Secretário de Educação do Estado, Diretor Geral das OE 2011 e Secretário Municipal de Esporte e Lazer de Curitiba (representante do prefeito). Estes permaneceram sentados em cadeiras em cima no palco ao lado da atração musical, onde atrás havia um grande *banner* com as logomarcas dos órgãos responsáveis pelo evento – Prefeitura de Curitiba, Governo do Estado do Paraná, Ministério do Esporte, Comitê Olímpico Brasileiro.

[54] É importante notar que tal como os emblemas das instituições envolvidas na realização dos jogos (prefeitura, governos, secretarias) essa frase está associada à vinculação do evento à uma instituição, a World Anti-Doping Agency (WADA).

Do ponto de vista protocolar, a representatividade política (no sentido de autoridade administrativa) é comum em cerimônias de abertura esportivas de jogos escolares, sobretudo aquelas que emulam o modelo olímpico. Neste processo, as influências institucionais (políticas, socioeconômicas, ideológicas, etc.) pesam sobre a forma como os jogos são emoldurados.

Vale ressaltar que, embora, determinado evento possa emular o modelo olímpico, cada elemento da cerimônia, como pontua Durantez (2000), está passível de sofrer algum grau de domesticação, ou seja, as cidades/países sedes incutem significados nacionais/locais próprios nos rituais e isso perpassa a forma como apresentam estes elementos e as mensagens que associam a eles.

a) AS APRESENTAÇÕES ARTÍSTICAS

Nos Jogos Olímpicos as apresentações artísticas geralmente compõem o início do cerimonial de abertura. Isso se repetiu na cerimônia de abertura das OE 2011. A atmosfera espetacular e festiva esteve marcadamente presente no início da cerimônia, com a apresentação de uma atração musical que entreteve o público à medida que este se acomodava nas instalações do ginásio.

O segundo momento da abertura foi marcado por uma apresentação artística de ginástica rítmica[55]. A apresentação aconteceu no centro do ginásio e durou aproximadamente dez minutos. Arcos, bolas, cordas e fitas estiveram presentes durante a execução de coreografias que acompanharam uma trilha sonora conhecida pelo público presente[56]. Ao final da apresentação as ginastas ergueram as bandeiras do Brasil e do Paraná.

É preciso atentar para o fato de que as apresentações artísticas acomodam a atmosfera espetacular e festiva, separada de estruturas mais formais, solenes e rígidas da cerimônia (MacALOON, 1984). De fato, quando questionados sobre o que

---

[55] Um grupo de cerca de 50 meninas com faixa etária entre 5 e 17 anos de um clube de ginástica da cidade de Curitiba.

[56] Foram executadas as músicas: 1) “Waka-Waka” da cantora Shakira – que ficou famosa por ser tema da Copa do Mundo de Futebol de 2010 na África do Sul; 2) e a música infantil “Baile dos passarinhos”, executada por programas de TV como “O balão mágico” e o “Programa do Gugu”.

representam as apresentações artísticas das cerimônias os alunos-atletas associaram a este momento palavras como:

> ATLETA AMAZONAS 2 – Foi bacana, a banda animou o pessoal a dançar.
>
> ATLETA ACRE 2 – Acho que é um momento para animar, relaxar, se sentir mais à vontade [...].
>
> ATLETA SANTA CATARINA 2 – Estimula a gente a interagir, a relaxar.

Em suma, as apresentações artísticas do cerimonial das OE parecem compor a dimensão do espetáculo que, como afirma MacAloon (1984) funciona como uma forma de 'recrutamento' (neste caso, um recrutamento para o início da cerimônia). Esse recrutamento que ocorre a partir do 'show', dá margem para que os símbolos e gestos que concretizam a dimensão ritual se realizem quando toda a atenção do público estiver concentrada neste acontecimento.

De acordo com Todt (2009) as apresentações artísticas buscam oferecer o desenvolvimento humano global e harmonioso, além de fomentar alianças com as artes. Embora os alunos-atletas entrevistados não tenham associado diretamente as apresentações artísticas ao âmbito da cultura e da arte, constata-se que este é um momento atraente para os alunos, que indica o caráter hedonístico construído dentro da cerimônia.

A partir da fala dos organizadores, constata-se que nas apresentações artísticas reside a maior flexibilidade no que se refere à promoção do local a partir da cerimônia:

> ORGANIZADOR 1- **É o momento de mostrar a cultura do estado e da cidade**. Enriquece a abertura e deixa-a mais atrativa.
>
> ORGANIZADOR 2 – **É a cara da cidade**. O que a cidade tem a oferecer de atividade artístico-cultural.
>
> ORGANIZADOR 3 – Mostra o que a cidade tem de melhor. Representa a cidade. [57]

Após a atração musical e a exibição de ginástica, foram executados dois vídeos (com duração aproximada de dez minutos) em um telão localizado de frente para o palco. O primeiro vídeo falava sobre a cidade sede – Curitiba –, ressaltando sua

[57] Grifos nossos.

arquitetura, urbanização, instituições universitárias, áreas de lazer e suas riquezas naturais. Esse vídeo representa explicitamente a oportunidade de promover os valores e a cultura da cidade anfitriã, tal como ocorre com os JO no momento festivo, como assegura DaMatta (2006).

Assim, o programa artístico da cerimônia de abertura das OE 2011 serviu aos propósitos de entretenimento recrutador, sendo a apresentação do vídeo de Curitiba o elemento de celebração da cultura local, da história, identidade e tradição da cidade.

O segundo vídeo exibido na abertura foi produzido pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e continha imagens de alguns elementos olímpicos (bandeira e tocha), e imagens de atletas em modalidades esportivas que fazem parte dos Jogos. Marcadamente esse momento apresentou-se como uma transição aos elementos protocolares mais formais da cerimônia.

b) O DESFILE DAS DELEGAÇÕES

Fotografia 1 – Delegações participantes das Olimpíadas Escolares 2011

(Fonte: arquivo pessoal)

Após as exibições dos vídeos, teve início o desfile das delegações, as quais estavam representadas por cerca de 10 alunos-atletas cada uma. As delegações entraram em duplas e estavam identificadas por uma placa (transportada pelas

atletas que participaram da apresentação artística de ginástica); e pelas bandeiras de seus respectivos estados (carregada por um aluno do grupo da respectiva delegação). Além disso, todos os alunos-atletas trajavam seus uniformes. Era perceptível a euforia dos espectadores durante a entrada de sua delegação.

Esse elemento do protocolo é característico de competições esportivas e apresenta-se neste estudo como aquele cujo significado apresenta maior convergência entre alunos-atletas e organizadores.

Em geral, os alunos-atletas consideram que o desfile das equipes participantes representa a oportunidade de apresentar as delegações, nesse caso, os estados:

> ATLETA ACRE 2 – Para representar cada estado, assim todos sabem quem está participando.
>
> ATLETA ALAGOAS 1 – Aquele momento mostra os estados presentes, todos que vão competir.
>
> ATLETA CEARÁ 1 – Aquele momento mostra as delegações que vieram representar cada estado, que vieram de longe inclusive [...].
>
> ATLETA DISTRITO FEDERAL 2 – Representa a importância da presença de cada estado, de todos os atletas que estão representando seus estados.

Em menor recorrência, foram citados fatores como: o respeito, a união, a harmonia, a confraternização e a igualdade. Tal como os atletas, os organizadores enfatizaram que o desfile permite que todos conheçam as delegações, além disso, houve a menção à união dos atletas pelos respectivos estados:

> ORGANIZADOR 1 – Serve para apresentar todos os estados que participam do evento.
>
> ORGANIZADOR 2 – Mostra quem vai competir [...]. Unidos pelo Estado, como nos Jogos Olímpicos eles estão unidos pelo Brasil.
>
> ORGANIZADOR 3 – Trata-se da representatividade das delegações [...]

c) O HASTEAMENTO DAS BANDEIRAS

Este é um elemento protocolar não tão específico à cerimônia de abertura de um evento esportivo, ou seja, as bandeiras estão presentes em outras performances

culturais, tais como em eventos políticos, militares, culturais, etc.

De acordo com Tavares (2003, p.221), “[...] tal como as equipes esportivas, a bandeira é um símbolo forte de identificação de comunidades nacionais”. Nos Jogos Olímpicos as bandeiras nacionais ficam hierarquicamente abaixo da bandeira olímpica, em todos os sentidos.

Na abertura das OE 2011, as bandeiras não foram hasteadas e sim carregadas por um grupo de guardas-mirins. Nesse sentido, com as delegações perfiladas no centro do ginásio, os guardas-mirins municipais entraram portando as bandeiras do Brasil, do estado do Paraná, da cidade de Curitiba, do Comitê Olímpico Brasileiro e das Olimpíadas Escolares.

Assim, nas OE 2011, o plano hierárquico envolveu apenas a ordem em que as bandeiras adentraram o ginásio, sendo a bandeira nacional a primeira a ser apresentada. De certa maneira, isso reflete um menor nível hierárquico em comparação com os Jogos Olímpicos, constituindo mais um exemplo da “domesticação” da cerimônia de abertura.

Tendo em vista a característica nacional das OE 2011, ressaltamos que o fator união preponderou sobre o que representou este momento para alunos-atletas e organizadores. Além disso, foram feitas alusões à dimensão protocolar, no sentido de formalidade e solenidade que, segundo alunos-atletas e organizadores faz parte de qualquer evento de cunho “oficial”:

> ATLETA MATO GROSSO DO SUL 1 – Foi gratificante e emocionante estar ali unido pelo país.
>
> ATLETA ESPÍRITO SANTO 2 – É legal ver a bandeira de todos os estados participantes e a bandeira do Brasil como símbolo da união de todos.
>
> ATLETA MINAS GERAIS 2 – Representou todos os estados, cada um com suas diferenças, mas, todos unidos pelo Brasil.
>
> ATLETA BAHIA 1 – Tem que ter, faz parte do protocolo.
>
> ORGANIZADOR 1 – As bandeiras fazem parte de qualquer evento oficial [...].
>
> ORGANIZADOR 2 – É parte do protocolo, um momento de respeito à bandeira nacional.

> ORGANIZADOR 3 – São as principais bandeiras naquele momento, com a representação da cidade-sede, dos estados participantes e a união em torno da bandeira nacional.

Foi possível perceber também representações similares e complementares sobre este aspecto a partir da fala de atletas e organizadores das OE 2011, tais como: honras à cidade-sede, ao estado e à nação e um momento de respeito.

d) O HINO NACIONAL

O hino nacional foi executado pela mesma atração musical que se apresentou no início da cerimônia das OE 2011. Em geral, para os alunos-atletas das OE, o hino nacional executado representou o patriotismo, o orgulho do país, dos estados e a união. O sentido de união prevalece também nas falas dos organizadores:

> ORGANIZADOR 1 – É o momento de nos postarmos como cidadãos brasileiros.
>
> ORGANIZADOR 2 – O hino nacional quando toca em um evento esportivo é muito emocionante. Naquele momento você esquece que o outro é seu adversário e fica todo mundo unido pelo Brasil.
>
> ORGANIZADOR 3 – É de praxe, o hino olímpico ou o brasileiro. É para ressaltar o patriotismo.

Uma peculiaridade referente às falas dos atletas é a de que houve significantes menções ao hino como um momento que inspira o desejo de representar o Brasil em competições esportivas:

> ATLETA RIO DE JANEIRO 2 – Quando toca o hino eu fico pensando em um dia poder representar o país.
>
> ATLETA MINAS GERAIS 2 – Dá vontade de representar o Brasil um dia [...] dar o seu melhor.

Embora a ideia de internacionalismo seja fundamental para o Movimento Olímpico como ideologia, ao observar o protocolo do evento e o próprio ambiente dos Jogos, constata-se facilmente que eles estimulam a associação entre os atletas e seus países em momentos tais como a execução de hinos, o hasteamento de bandeiras,

etc. (TAVARES, 2003)[58].

Nas falas de alunos e organizadores das OE 2011, o hino apresentou-se como uma expressão direta da noção de representação nacional que, decerto, agrega arranjos complexos quanto a seus sentidos e significados (dados os objetivos e peculiaridades das Olimpíadas Escolares 2011). Vale lembrar que a estrutura dos Jogos Olímpicos pretensamente acolhe uma comunidade internacional, já nas OE, conserva-se essa estrutura enfatizando-se, sobretudo, a comunidade nacional.

e) OS DISCURSOS DAS AUTORIDADES

Ao analisarmos a presença dos discursos de autoridades na esfera ritual de cerimônias esportivas, é importante lembrar a concepção de que “palavras e atos” também são constitutivos dos rituais, ou seja, os elementos que compõem o ritual não se encerram nos elementos protocolares estritamente vinculados aos símbolos (PEIRANO, 2003, p. 11).

O primeiro a proferir sua fala na cerimônia das OE 2011 foi o diretor geral do evento. Ele saudou os demais colegas da mesa e, em nome do Comitê Olímpico Brasileiro, agradeceu o governo do estado e a prefeitura de Curitiba pelo apoio na realização dos jogos. Por fim, desejou sucesso a todas as delegações e incentivou os atletas a estarem nos Jogos Olímpicos de 2016 representando o Brasil.

Logo após a fala do diretor geral, o Secretário Municipal de Esporte e Lazer de Curitiba (representante do prefeito) expôs seu orgulho por estar sediando o evento e exaltou a participação dos embaixadores, atletas expoentes brasileiros, como grande incentivo para os alunos-atletas. Ressaltou ainda sobre o legado deixado na cidade para as crianças e jovens com relação aos espaços para prática de esportes. O secretário finalizou seu discurso dando boas vindas a todos os atletas.

Em sequência, o Governador do Estado do Paraná iniciou seu pronunciamento

[58] É preciso ressaltar, porém, que a ideia de internacionalismo não existiria sem a ideia de nação. Na ideologia olímpica não se trata, portanto, de sublimar o nacional (TAVARES, 2003).

recepcionando as delegações e dizendo-se honrado por sediar as OE 2011 – etapa de 15 a 17 anos. Falou brevemente sobre a relevância do esporte para a sociedade, salientando aspectos relacionados à saúde, à educação e a socialização. O governador garantiu uma melhor estrutura para a prática esportiva no estado, assim como mais bolsas para os atletas. Ressaltou também as competições que o estado vai sediar no ano de 2012, como o Campeonato de Futebol Feminino Sub 20, e exprimiu seu desejo de que o Paraná se torne referência nacional de práticas esportivas. Por fim, como faz o chefe de estado nos JO, o governador declarou abertas as Olimpíadas Escolares 2011[59].

Estes discursos, sobretudo os do Secretário e do Governador, parecem singularizar as Olimpíadas Escolares no plano político, algo que não pode ocorrer na abertura dos Jogos Olímpicos. Decerto, o protocolo olímpico tem que estar de acordo com a ideia de que o Movimento Olímpico deve manter-se distante de influências políticas, com total independência em relação a correntes políticas e governamentais. Tal fato esclarece a oposição entre a fala de um aluno-atleta e um organizador sobre os discursos feitos:

> ATLETA SÃO PAULO 1 – É uma questão política.
>
> ORGANIZADOR 3 – [...] Ali não é um momento político, não tem que fazer campanha, nada.

Em geral, para os atletas entrevistados, os discursos das autoridades servem aos propósitos de conhecer quem organiza os jogos, aprender sobre o esporte e servem também de incentivo/motivação. Tais representações são comuns às respostas dos organizadores. As peculiaridades das falas dos organizadores nesse aspecto foram: a representação de boas-vindas, a oportunidade de discursar sobre a história dos elementos do protocolo e ressaltar valores do esporte.

> ORGANIZADOR 1 – Esses discursos são feitos para que eles [as autoridades] possam dar as boas-vindas aos atletas e declarar aberto os jogos.
>
> ORGANIZADOR 2 – [...] Na verdade é para mostrar quem está recebendo os atletas, dando boas vindas e boa sorte para os atletas.
>
> ORGANIZADOR 3 – Eu acho que os discursos é [sic] mais para dar boas

[59] Em geral as falas das autoridades duraram cerca de dois minutos, apenas o governador se estendeu até cinco minutos.

> vindas, declarar que a gente está muito feliz com a presença de todos e que todo mundo faça os melhores jogos, que sejam jogos limpos, com lealdade, ressaltando os valores do Olimpismo como amizade, excelência e respeito. [...] Então, estes são valores que a gente tenta passar para eles. E também saber que as pessoas estão se importando com eles. Mas, o importante é dar boas-vindas a eles.
>
> ATLETA SÃO PAULO 1 – Ajuda a nos motivar mais... Para dar boas vindas aos atletas.
>
> ATLETA RORAIMA 2 – Eles explicaram coisas sobre o esporte.
>
> ATLETA ESPÍRITO SANTO 1 – É bom para mostrar quem está organizando o evento.
>
> ATLETA RIO DE JANEIRO 2 – A gente soube um pouco mais sobre a cidade de Curitiba, sobre quem estava organizando o evento, sobre a competição.

f) OS JURAMENTOS

Os juramentos dos atletas e árbitros estão relacionados aos Jogos da Antiguidade. Entretanto, eles só foram introduzidos ao protocolo dos Jogos Modernos em 1920, com o sentido de estabelecer um compromisso solene dos atletas com as regras, o sentido de justiça, respeito e equidade (MacALOON, 1984).

É válido dizer que, embora em qualquer competição esportiva possa existir uma expectativa por parte de jogadores e público em relação a um comportamento compatível com a ideia de fair play, respeito, etc., nos Jogos Olímpicos, como pontua Tavares (1998, p. 66)

> estes acordos desenvolvidos pelas regras ou no seio da tradição de cada esporte, deixam de ser tácitos para se tornarem explícitos, celebrados através do juramento que atletas e árbitros prestam na cerimônia de abertura.

Como previsto no protocolo olímpico, nas OE 2011 uma atleta (natação) e um árbitro (ciclismo) realizaram os juramentos dos atletas e árbitros, respectivamente. Quando questionados sobre o significado deste momento, as respostas entre os

organizadores das OE 2011 pouco variaram[60]:

> ORGANIZADOR 1 - Obediência às regras e aos bons valores. Respeito.
>
> ORGANIZADOR 2 - É o momento de se comprometer de que aquele grupo que está ali vai fazer com que os jogos aconteçam na paz, no *fair play* e vai dar o melhor de si.
>
> ORGANIZADOR 3 - Faz parte do protocolo e a cidade escolhe o atleta. Lembrar para os atletas que eles têm que competir dentro das regras. E os juízes para serem imparciais.

Os atletas também apresentam em suas respostas a noção de compromisso, respeito e acrescentam aspectos como: lealdade, dignidade, seriedade, honra, verdade e consciência, como se pode notar abaixo:

> ATLETA PARÁ 1 - Com aquele juramento ali fica mais séria a coisa.
>
> ATLETA AMAPÁ 1 – Representa a dignidade e o respeito.
>
> ATLETA SERGIPE 1 – É uma questão de mostrar que atleta tem que agir **com honra, com a verdade** [...] que não pode ter atitudes anti-desportivas, senão não seria esporte seria qualquer outra coisa.
>
> ATLETA SÃO PAULO 2 – Todos os atletas tem que ter a **consciência de respeitar as regras e os outros atletas**.
>
> ATLETA RIO DE JANEIRO 2 – A pessoa tem que saber o que vai fazer, **ser leal**.[61]

g) A TOCHA E A PIRA

A cada edição as OE contam com a participação de embaixadores – atletas brasileiros consagrados em suas modalidades – que realizam o revezamento da tocha, o acendimento da pira, palestras para com os alunos-atletas e algumas premiações. A edição analisada teve como embaixadores os seguintes atletas: Vanderlei Cordeiro (atletismo), Hugo Hoyama (mesatenista), Diego Hypolito e Angélica Kvieczynski (ginastas), Edinanci Silva (judoca), Janeth Arcain (basquete),

---

[60] Vale ressaltar que nesse estudo, não buscamos observar os jogos para verificar se este entendimento, proposto no juramento, perpetua-se no momento em que as competições acontecem.

[61] Grifos nossos.

Helia Souza (vôlei), Diogo Silva (taekwondo), Hernandes Quadri Júnior (ciclismo), Henrique Rodrigues (natação), Fernando Pacheco (handebol), Franklin Roosevelt (futsal), Jaime Sunye Neto (enxadrista) e Emanuel Rego (vôlei de praia).

O momento mais aguardado tanto pelo público quanto pelos próprios alunos-atletas – o revezamento da tocha – aconteceu após os juramentos, com a presença de oito embaixadores[62]. De maneira geral, os alunos-atletas destacaram a tocha como um símbolo dos Jogos Olímpicos, ou como uma representação do "espírito olímpico" e esportivo.

Na sequência protocolar, a tocha é um dos primeiros elementos que tem um elo simbólico estabelecido com a Antiguidade no que diz respeito ao fogo "sagrado" e, nesse sentido, a chama olímpica carrega uma mensagem de paz e amizade (TODT, 2009). Nas falas dos atletas sobre o que representa a tocha, apesar de pouco recorrentes, houve associações às suas raízes antigas, tais como:

> ATLETA PARAÍBA 1 – Para mim significa **o fogo simbólico dos tempos antigos**, luz.
>
> ATLETA ALAGOAS 2 – A tocha... acho que é o principal símbolo da competição, **o fogo sagrado** traz a chama da liberdade.[63]

Os organizadores das OE 2011, por sua vez, apresentam elaborações que mais consistentemente expressam o elo da tocha com a Antiguidade, além disso, também esteve presente dentre suas narrativas a conjuntura moderna de valorização do feito esportivo:

> ORGANIZADOR 1 – Mais esperado de qualquer abertura esportiva, a tocha simboliza a força, **o fogo sagrado**, a paz, integração [...]. **Os atletas olímpicos são como espelhos para os atletas das OE.**
>
> ORGANIZADOR 2 – **A tocha na verdade é símbolo, ela é o elo de ligação entre os jogos da Antiguidade, da Grécia Antiga com a Era moderna**. O fogo para os gregos era um elemento sagrado, toda casa tinha um canto com uma chama que se mantinha acesa [...] E geralmente você convida atletas olímpicos para participar do revezamento. A tocha representa a paz, a amizade. Para o COI, a tocha é o símbolo da amizade, porque ela passa de mão em mão, como se estivesse revezando a paz [...]
>
> ORGANIZADOR 3 – Momento mais emocionante de toda abertura. **Desde a**

[62] Os atletas Diogo Silva, Angélica Kvieczynski, Edinanci Silva, Henrique Rodrigues, Hernandes Quadri Júnior, Hugo Hoyama e Vanderlei Cordeiro caminharam com a tocha pelo ginásio, enquanto o mestre de cerimônia exaltava as conquistas de cada um.

[63] Grifos nossos.

> **Antiguidade o fogo é divino**. Mostra que os jogos estão abertos. Programamos para ser o ápice da abertura, aquele momento que Deus está com a gente e vamos começar a festa.[64]

Essas 'narrativas míticas' sobre a tocha permitem compreendê-la como um símbolo que ao mesmo tempo abrange a noção de rito – a ação e os gestos em torno dela –, e de mito – a partir de narrativas que produzem uma eficácia na vida social, pois, estabelecem uma ligação entre o passado, o presente e o futuro. De acordo com Segalen (2002), é essa associação que corrobora para a noção de tradição.

Vale ressaltar que a noção de tradição, entretanto, não se limita a uma mera reprodução, como aponta a autora supracitada. É preciso atentar, portanto, para a ideia de que o ritual e seus elementos compõem uma forma de ação flexível e criativa, ou seja, estão sujeitos a mudanças e transformações, inclusive na forma como são percebidos e a finalidade para a qual são utilizados.

Nesse sentido, percebe-se que nos Jogos Modernos agregou-se à tocha um significado diferente e importante para a compreensão do ritual olímpico como um fenômeno contemporâneo: conduzir a tocha trata-se de uma honraria (um reconhecimento) a um feito esportivo, o que acaba por reforçar o esforço competitivo. De fato, percebe-se nas falas dos atletas que esse significado moderno atribuído à tocha se faz reconhecido:

> ATLETA MATO GROSSO DO SUL 2 - Só os melhores podem carregar.
>
> ATLETA BAHIA 1 – A entrada da tocha foi o momento que mais gostei da cerimônia de abertura, com os atletas que são profissionais e campeões olímpicos, e eles nos incentivam a estar lá um dia.
>
> ATLETA BAHIA 2 – Dá um incentivo a estar lá um dia.
>
> ATLETA CURITIBA 2 – Gostei dos atletas olímpicos [...] ver eles ali, que já estão em alto nível é um incentivo a mais para você querer seguir no esporte [...].
>
> ATLETA ALAGOAS 1 – Ver aqueles famosos perto da gente, carregando a tocha, tudo aquilo me emocionou muito.

De fato, como aponta Tavares (2003), os atletas olímpicos se tornaram um símbolo do próprio 'olimpismo'[65] nos Jogos Olímpicos Modernos. Nesse sentido, a

---

[64] Grifos nossos.

[65] Embora seja preciso considerar que "se existe algum consenso acadêmico a respeito do Olimpismo, este reside no fato de que não há uma definição suficientemente boa do que ele seja,

‘experiência olímpica’ lhes atribui legitimidade centrando sobre a figura do atleta uma forte responsabilidade pelo legado do Movimento Olímpico enquanto ideologia.

A simbolização da tocha também foi expressa no sentido de atribuir importância a um determinado evento:

> ATLETA SERGIPE 1 - A tocha e a pira são os momentos que nós vemos na televisão na abertura de coisas importantes [...] me deixou muito emocionado de ver assim de perto.

Esse tipo de justificativa parece congruente com a noção *coubertiniana* de que as cerimônias com suas solenidades e símbolos atribuem distinção aos Jogos Olímpicos, tornando-os mais nobres, por exemplo, do que meros campeonatos esportivos mundiais (MacALOON, 1984).

Embora mencionem a tocha e/ou o acendimento da pira como momentos marcantes e/ou emocionantes, alguns alunos-atletas não conseguiram associar estes símbolos a seus significados. Quando questionados sobre o significado da tocha, por exemplo,

> ATLETA ACRE 1 – A tocha foi como levar algo muito importante nas mãos, gostei muito, mas não entendo muito.
>
> ATLETA MATO GROSSO DO SUL 1 - É um símbolo dos jogos. Não sei muito o significado, mas achei bem interessante.
>
> ATLETA CURITIBA 2 – A tocha simboliza as olimpíadas, os jogos, não sei direito [...].
>
> ATLETA AMAZONAS 1- Eu não entendo o motivo porque tem a tocha.

Outros significados também surgiram para explicar a tocha, sendo que boa parte destes significados possuíam um caráter emotivo ou comportamental, tais como: para lembrar a importância de participar, o *fair-play*, etc.

Após o revezamento da tocha, foi realizado o acendimento da pira pelo paranaense Emanuel Rego, ao som da música *We are the champions* do conjunto inglês Queen. A plataforma da pira estava localizada ao lado direito do palco, onde houve uma grande concentração de fotógrafos e cinegrafistas.

---

implicando que diferentes autores apresentam diferentes definições, o que torna difícil que algum ator possa inequivocamente simbolizá-lo” (TAVARES, 2003, p. 97-98).

Ao serem indagados a respeito do significado da pira, muitos alunos-atletas não sabiam do que se tratava ou não associavam o nome ao elemento sendo necessário demonstrar o elemento[66]. Após a explicação, as respostas sobre a pira assumiram um número considerável de diferentes significados para os alunos, que perpassa a conexão com a Antiguidade (ATLETA SANTA CATARINA 2 – "A pira é porque desde a Grécia Antiga que existe [...]"), e também o caráter incentivador relacionado à força, e à persistência (ATLETA CEARÁ 1 – "A pira é um símbolo da força da juventude"). Em geral, podemos afirmar que os alunos-atletas apresentaram indícios de que o conhecimento sobre o elemento pira é ainda incipiente.

O significado do acendimento da pira para os organizadores está associado à narrativa mítica em torno da tocha, relacionando o fogo à paz e à amizade.

> ORGANIZADOR 1 – Relaciona-se com a tocha.
>
> ORGANIZADOR 2 – A pira é para manter a chama da paz, da vida, para lembrar: olha, os jogos estão acontecendo, a paz está reinando aqui. Quando recriaram isso, é como se dissessem assim, não que o mundo olímpico vivesse numa bolha de plástico, isolada da realidade, mas é um sonho de querer que seja sempre assim. Que bom que o mundo fosse sempre assim. Vamos celebrar a paz e a amizade. É um sonho que a gente tenta trazer como real pelo menos durante a edição.

Sobretudo a partir da fala do Organizador 2, a pira e a tocha parecem constituir-se como um dos principais momentos do protocolo que dão vazão à noção de transcendência relacionada ao cerimonial olímpico como um ritual, tal como apresenta MacAloon (1984). O autor destaca que, de alguma maneira, sublima-se as relações conflituosas e hierarquias na busca por respeitar as diferenças, na tentativa de perpetuar os valores proclamados pelo evento.

Nota-se que os organizadores da OE 2011, ao preservarem estes elementos em seu cerimonial, não apenas o fazem pensando na 'forma', mas, também na representação, sentidos e significados que estes símbolos adquirem.

O significado moderno que a tocha adquiriu com relação aos feitos esportivos do atleta que a carrega, influenciou a percepção dos organizadores sobre o que o acendimento da pira representa:

---

[66] Como muitas das entrevistas foram realizadas no ginásio da abertura, onde estava localizada a pira, foi preciso apenas indicá-la. Em outras entrevistas, era evidenciado o momento em que este elemento apareceu na cerimônia de abertura, por exemplo, após o revezamento da tocha.

> ORGANIZADOR 3 - É o momento mais fotografado [...] Sempre trazemos algum atleta olímpico. Esse ano foi o Emanuel por ser da cidade de Curitiba e ser o que tinha maiores títulos ali.

O ápice do ritual, portanto, parece agregar-se ao gênero espetacular, que lhe atribui importância e, de certa maneira, contribui para que se construam tamanhas expectativas sobre ele como se constata a partir da concentração de fotógrafos, da presença de figuras reconhecidas, etc., como demonstrado na fotografia 2.

Fotografia 2 – Acendimento da pira nas Olimpíadas Escolares 2011

(Fonte: arquivo pessoal)

Percebe-se que a presença do atleta Emanuel, cumpre também a função de estabelecer o elo entre o local e o universal. Suas conquistas nos Jogos Olímpicos, com efeito, constituem uma ligação entre a imagem vitoriosa em um contexto que se propõe universal e o público para o qual se dirige naquele evento: jovens atletas, brasileiros, todos os presentes na cidade de Curitiba.

Nos Jogos Olímpicos, segundo DaMatta (2006) o ‘país’ anfitrião comumente busca enfatizar sua ‘posição’ dentro da comunidade internacional a partir da cerimônia de abertura e isso ocorre, sobretudo, a partir da programação artístico-cultural. Entretanto, parece possível dizer que na conjuntura dos Jogos modernos, o acendimento da pira por um atleta reconhecido no cenário internacional representa não apenas a valorização de suas conquistas individuais (o ‘atleta-herói’), mas,

associa-se estreitamente à imagem do seu país/cidade. A presença de Emanuel para o acendimento da pira nas OE 2011, nesse sentido, parece enfatizar a ‘posição’ da cidade anfitriã na comunidade nacional e até no cenário internacional.

Em suma, parece possível identificar que estes momentos (a tocha e a pira) demarcam a separação da vida cotidiana e ‘a transição para outro *status’,* o que nos permite analisar o cerimonial de abertura das OE 2011 pelo clássico esquema dos ritos de passagem[67] (MacALOON, 1984; PEIRANO, 2003).

Assim sendo, o final da cerimônia das OE foi conduzido pelo mestre de cerimônia, que agradeceu a presença de todos e encerrou a cerimônia da abertura com a atração musical, que convidou o público para dançar no centro ginásio. Enquanto os alunos-atletas dançavam e se confraternizavam em frente ao palco, as autoridades se mantiveram de pé conversando e, logo após, se retiraram. A banda continuou tocando por cerca de 20 minutos e os alunos-atletas permaneceram até o final.

É possível comparar este momento com a análise de MacAloon (1984) sobre as cerimônias de encerramento. Nestas, os símbolos nacionais como um todo são reduzidos, pois, os atletas adentram no estádio separados de suas bandeiras nacionais e uniformes, o que enfatiza os laços de amizade e respeito. No caso do momento final da cerimônia de abertura das OE 2011, os atletas desvincularam-se de suas bandeiras e misturaram-se no centro do ginásio retomando a atmosfera festiva do início da cerimônia e, principalmente, solidificando a noção de *communitas* (comunhão entre as pessoas).

Tendo em vista o fato de ser um evento organizado pelo Comitê Olímpico Brasileiro, as Olimpíadas Escolares 2011 explícita e cautelosamente emularam o modelo olímpico em suas cerimônias, festividades e competição como um todo. Constatamos que, embora em uma sequência distinta, os elementos que compõem o protocolo olímpico estiveram presentes na cerimônia de abertura das OE 2011, com a única exceção da simbolização da paz.

[67] Ver seção 2.4.

5.1.2 Olimpíadas Escolares, esporte e valores

É preciso considerar que, embora os Jogos Olímpicos aconteçam apenas a cada quatro anos, o Movimento Olímpico mantém um campo de influências relativamente constante. Partindo desse pressuposto, buscaremos expor nesta seção as perspectivas dos organizadores e atletas entrevistados sobre a relação entre esporte e valores.

Ao discorrerem sobre a contribuição das Olimpíadas Escolares para a formação dos jovens, é possível perceber refletida na fala dos organizadores a busca pela conciliação entre a formação de atletas de alto nível e propósitos mais amplos (educacionais, filosóficos, etc.):

> ORGANIZADOR 2 – Para a gente do COB, isso aqui é a chance de reunir as escolas [...] **Obviamente que aqui estão os nossos futuros atletas, a gente confia nisso. Você assistindo as competições você percebe isso, que aquele atleta vai chegar a 2016. Mas a grande maioria não vai ser atleta olímpico, e o que é bacana, é a experiência através do esporte, experiência de vida**.
>
> ORGANIZADOR 3 – **A gente acredita que este é o modo de desenvolver o esporte no Brasil. Então, a gente tem que incentivar a prática da educação física e a prática do esporte,** e esse é um evento que parte justamente da inclusão. Oportunidade para todo mundo, inclusão social. Então, a gente acha que através do esporte podem [sic] desenvolver outras modalidades [...] E a gente estuda modalidades que dê muitas medalhas para o Brasil [...]. [68]

Na perspectiva dos organizadores, ao contrário do amplo e controverso debate acadêmico sobre os benefícios ou não do esporte competitivo dentro e/ou fora das escolas[69], a contribuição de um evento esportivo que reúne jovens em idade escolar parece bem direcionada, ainda que parcialmente, ao sentido de massificar/incentivar a participação para que, eventualmente, surjam atletas com potencial olímpico. O Organizador 2 enfatiza:

> ORGANIZADOR 2 – [...] A gente também trabalha o esporte para além do esporte, tem a parte competitiva que nós estamos aqui para isso, mas oferecer também uma experiência para além do esporte, através do esporte,

[68] Grifos nossos.

[69] Desde a década de 1980 este debate envolve muitos autores de destaque no cenário nacional e internacional, tais como: Bracht (1992); Bracht e Almeida (2003); Stigger e Lovisolo (2009); Gaya e Torres (2004); Bento (2004); Kunz (1994); dentre outros.

> experiência de vida.

Esta concepção de “uma experiência para além do esporte” parece convergir com a motivação para a prática esportiva de um dos atletas, expressa a partir da questão ‘por que você pratica esporte’:

> ATLETA PERNAMBUCO 1 – Porque eu acho que o esporte não é só esporte, ele leva para várias áreas como educação, área de cidadania, não é só a prática esportiva. Onde eu pratico mesmo, o cara pode não ser um bom atleta, mas, pode ser um bom cidadão.

Nesta mesma questão, cerca de 80% dos alunos-atletas mencionaram a relação hedonística e com o bem-estar como elementos propulsores para a prática esportiva:

> ATLETA BAHIA 1 – Eu pratico esporte porque eu gosto.
>
> ATLETA CEARÁ 2 – Porque me faz bem tanto na parte física quanto mental.
>
> ATLETA CURITIBA 2 – Por amor. Eu comecei bem cedo e não larguei mais.
>
> ATLETA ESPÍRITO SANTO 2 – Eu pratico esporte primeiro porque faz bem para a saúde e segundo porque eu amo o esporte que eu faço.

Em uma escala menor (14%), os atletas demonstraram a preocupação com o não envolvimento com as drogas, baseada em um forte discurso de que o esporte retira o jovem das ‘ruas’ e o afasta das drogas. Embora estudos empíricos que comprovem tal relação sejam escassos, parece haver um consenso sobre este assunto que se fundamenta em uma visão utilitarista do esporte.

Este discurso, porém, apresenta um possível paradoxo, visto que, à medida que se atribui ao esporte o poder de afastar o jovem do uso de drogas, como crack, cocaína, etc., acusam-se os atletas de alto rendimento do consumo de outros tipos de drogas – àquelas referentes ao melhoramento do desempenho –, comumente chamado de doping.

Não por acaso, a atitude contra o doping figura entre os valores que a competição valoriza. Nota-se a importância atribuída à parceria das OE 2011 com a Agência Mundial de Antidoping nos *banners* que circundam a área central do ginásio (“Diga não ao doping”) e no trecho abaixo:

> ORGANIZADOR 3 - [...] Nós temos uma preocupação não só com a parte

> esportiva, mas com o meio ambiente, com a cultura, com o antidoping, tanto que nós somos o único evento que tem parceria com a WADA (World Anti-Doping Agency) [...].

O destaque a esta temática reflete-se nas respostas dos alunos-atletas quando questionados sobre o que não vale para ganhar uma competição. Cerca de 30% dos entrevistados mencionaram o doping como um recurso que eles não utilizariam[70].

Ao continuar sua fala, o Organizador 3 expõe o sentido de formação do cidadão como o objetivo maior do que a formação esportiva:

> ORGANIZADOR 3 – [...] Então, nós temos preocupação não só com a parte esportiva, mas com a formação do cidadão, que ele seja uma pessoa do bem. Pode ser que ele não seja um Giba[71], que ele não seja o maior do mundo, que não ganhe medalhas, mas que ele seja um bom cidadão e que ele faça o melhor para o mundo.

Embora o contexto da cerimônia e do próprio cotidiano do evento se apresentem com uma série de elementos que fazem alusão ao esporte de alto rendimento, o discurso do Organizador 3 parece convergir com a ideia de que o esporte pode ser uma ferramenta educacional com objetivos mais amplos, ou seja, que não se encerram na prática esportivo-competitiva em si.

Esta noção de que o esporte pode servir a propósitos educacionais mais amplos parece se confirmar na percepção que os próprios alunos-atletas têm, baseando-se nas suas vivências, sobre o que o esporte ensina:

> ATLETA ALAGOAS 1 – O esporte me ensina a ser uma pessoa melhor, tanto na parte familiar quanto na parte esportiva mesmo.
>
> ATLETA ESPÍRITO SANTO 1 – O esporte me ensina muita disciplina, com certeza, a respeitar meus pais [...]
>
> ATLETA MATO-GROSSO 1 – Não só para mim, mas, para as pessoas que às vezes não tem o que comer e roubam, matam [...] sei lá, acredito que o esporte pode mudar a vida de pessoas assim [...]
>
> ATLETA ALAGOAS 2 – Ensina a respeitar, valores, tudo [...]
>
> ATLETA PIAUÍ 2 – Além de diversão, o esporte ensina também a gente a respeitar o próximo, ensina também o *fair-play*, a educação, porque jogos

---

[70] As demais respostas citavam a deslealdade e a trapaça como atitudes inválidas numa competição.

[71] A referência de sucesso esportivo a partir da menção ao jogador de voleibol Giba incorre em alguns paradoxos relativos aos valores que o evento em questão pretende promover, visto que tal atleta foi flagrado em um exame antidoping por uso de *Cannabis Sativa* (vulgarmente conhecida como maconha) no ano de 2002, quando atuava em um clube italiano.

> escolares envolve [sic] tanto esporte quanto educação, isso tem que andar junto.
>
> ATLETA MARANHÃO 1 – O esporte ensina muita coisa, além de tirar as pessoas das ruas, ajuda na educação, ajuda as pessoas a estudarem mais, influencia a pessoa a querer ganhar alguma coisa.

Estas concepções comungam com Bento (2004) ao afirmar que estas são as possibilidades educativas do esporte que devem ser potencializadas a fim de promover a formação humana. Partindo desta visão, o referido autor reconhece no esporte um ambiente fecundo para o exercício da criação da forma humana, que se baseia em esforço, sacrifício, disciplina, renúncia, respeito, obrigações, deveres, normas, princípios e valores morais e universais.

Em contrapartida, na perspectiva crítica de Bracht (1992) estes fatores desempenham a função de adaptar os sujeitos aos valores e normas dominantes, a fim de garantir o desenvolvimento da sociedade. Para o autor, as ideias e valores desenvolvidos no esporte perpetuam o conformismo e a acomodação e um dos elementos propulsores desta formação é a obediência às regras. Este fator é citado por um dos organizadores:

> ORGANIZADOR 1 - O sentido do esporte, não só nesta competição, eu acredito, como em qualquer outra competição é a prática de atividade física, respeito às regras, respeito ao próximo, respeito aos adversários. Eu acho que o esporte traz todas essas qualidades ao ser humano que a gente carrega eternamente dentro de nós. O esporte, ele tem facilidade de incutir todos esses valores de respeito ao próximo, de cumprimento de regras. O esporte mais do que qualquer outra atividade consegue chegar mais próximo ao ser humano.

Percebe-se neste discurso uma visão essencialmente positiva acerca do esporte. Visão esta que pode incorrer na inferência de que o esporte naturalmente desenvolve aspectos sociais da conduta humana e não necessita ser mediado. Pontuamos, no entanto, que o esporte é um ambiente profícuo para problematizar e aprimorar valores e normas sociais.

Sobretudo, não podemos alegar que o respeito às regras como citado acima, seja no ambiente esportivo ou fora dele, se configure como um processo irrefletido. Cabe ao educador tratar este tema de forma questionadora, desenvolvendo em seus alunos o senso crítico com relação à obediência às regras e outros temas que circundam o esporte.

Apesar de ressaltar a preocupação com a formação cidadã dos alunos-atletas, alguns fatores presentes na cerimônia de abertura reforçam a alusão ao esporte de alto rendimento e, por conseguinte, valorizam o desenvolvimento esportivo. Por exemplo, a presença de atletas consagrados carregando a tocha até o acendimento da pira parece representar modelos para que jovens atletas possam espelhar-se.

> ORGANIZADOR 3 – [...] a gente traz os embaixadores que mostram que através do esporte eles conseguiram tudo, conseguiram uma posição, conseguiram dinheiro, conseguiram destaque, conseguiram ajudar as famílias, conseguiram realmente ser alguém na vida.

Esta fala reflete a possibilidade de uma ascensão socioeconômica através do esporte, mensagem bastante difundida pelos meios de comunicação. Enfatizam-se as conquistas econômicas e prestígios sociais, porém, aspectos relacionados ao aperfeiçoamento moral são pouco tangíveis nas falas dos entrevistados.

Neste contexto, os organizadores demonstraram posições diversas quando questionados sobre o sentido e significado do esporte dentro das OE,

> ORGANIZADOR 2 - É saúde, integração, amizade, respeito, competição, porque a vida é competir. A gente nasce competindo, o ser humano é competitivo, a gente brinca de competição o tempo todo, tem até uma frase do COI: “Vida é competição”, e você estar preparado para competir, para ganhar e para perder, e acima de tudo saber jogar limpo, o *fair play*. A gente está aqui para jogar limpo, vai ganhar o melhor, mas, sabendo que as regras são iguais. Eu acho que o esporte dentro das categorias sociais talvez seja um dos mais claros, vai ganhar os 100 metros quem chegar na frente ali... E não importa se você é branco, se é baixo, judeu... E o COB tem isso, a gente não prega religião, não prega preconceito, política... E isso é que é bacana, você celebrar esses valores todos.

> ORGANIZADOR 3 – A gente trabalha para o esporte e só pensando no esporte, porque nós realmente queremos dar a nossa contribuição para o desenvolvimento do esporte no Brasil. E a gente acredita que seja na escola, por isso que a partir de 2005 nós criamos as Olimpíadas Escolares... E vamos fortalecer a escola, porque é o nome da escola que aparece junto com o nome do estado. Então é para valorizar a escola, valorizar o professor de educação física, valorizar a prática do esporte, porque eu acho que através do esporte as pessoas ficam é... o esporte é a única língua universal [...].

E reitera:

> ORGANIZADOR 3 - O esporte hoje se desenvolve na escola, porque na realidade, se você for ver a gente tem 130 mil escolas e a gente tem 12 mil clubes.

Embora o Organizador 3 tenha, a princípio, mencionado a formação cidadã como um aspecto valorizado pelas OE, em um escopo mais amplo, torna-se perceptível

uma recorrência maior da formação esportiva como um fator preponderante neste evento. Sugere assim que o propósito da competição é desenvolver o esporte nacional fomentando sua prática nas escolas.

Quando confrontamos esse discurso com a realidade da prática esportiva dos alunos-atletas participantes das OE 2011, percebemos um dado que parece destoar deste propósito, pois, constatou-se que 80% dos alunos-atletas entrevistados são federados e treinam em clubes de suas cidades. Esse fator pode indicar que os alunos buscam complementar o desenvolvimento de suas habilidades em certa modalidade fora da escola e/ou que só encontram em clubes e escolinhas a chance de se aperfeiçoarem.

No entanto, vale salientar que no discurso do referido organizador não se trata de formar e aperfeiçoar atletas na escola, e sim de promover possibilidades de prática em prol do desenvolvimento do esporte no âmbito nacional (daí justifica-se a referência ao número de escolas, à valorização do professor de Educação Física, etc.).

A partir destes apontamentos podemos fazer alusão às concepções de Gaya e Torres (2004) e Bracht (1992; 2009). Bracht (1992) critica o esporte de rendimento enquanto elemento da Educação Física escolar, visto que esta dimensão do esporte se estruturada a partir de uma forte orientação no rendimento atlético-esportivo, na competição e na seletividade via concorrência. Com isso, este esporte iniciado e desenvolvido na escola negligencia o trato com valores de coletividade e a oportunidade de participação de todos os alunos, visto que, privilegia os mais habilidosos e o aperfeiçoamento de suas técnicas, que é condição para as possibilidades de vitória nas competições.

Para Bracht (2009), o esporte inserido no ambiente escolar deve ser mediado pedagogicamente, permitindo que todos os educandos vivenciem uma prática esportiva calcada nos sentidos do prazer, da cooperação e da saúde, e assim, menos centrada no rendimento e na competição.

Gaya e Torres (2004) corroboram com o posicionamento de Bracht (1992; 2009) acerca da inserção do esporte de rendimento nas aulas de Educação Física. De

fato, segundo Gaya e Torres (2004), o esporte de rendimento é uma prática excludente e não condiz com os propósitos da Educação Física escolar. Diante disso, Gaya e Torres (2004) propõem a inserção de clubes esportivos nas escolas, para que os alunos que desejam participar do esporte de rendimento possam aprimorar suas habilidades e representar a instituição em competições externas.

Apesar de parecer complexa e exigir mudanças estruturais no próprio sistema educacional como um todo, a proposta destes autores representa um esforço de conjugar seus posicionamentos teóricos à prática pedagógica cotidiana. Pois, para eles "o esporte de excelência não deixa de proporcionar aos seus praticantes mais jovens aspectos de alto sentido formativo e educacional" (GAYA; TORRES, 2004, p. 69).

Não obstante, competições esportivas, tais como as Olimpíadas Escolares, possuem um conjunto de valores que os orientam e que, de certa forma, representam preocupação com o desenvolvimento social e moral de seus participantes.

Quando questionados sobre os valores celebrados no evento, os Organizadores das OE 2011 demonstram-se em consonância com a mensagem ideológica do Movimento Olímpico:

> ORGANIZADOR 1 – Principalmente a integração entre todas as raças, porque nós temos aqui pessoas oriundas de vários estados do Brasil, que vem de culturas diferentes. Então, para que eles conheçam essas culturas, conheçam pessoas novas, para que haja essa integração entre esses povos e também, obviamente, como eu coloquei antes dar sequência a vida esportiva.
>
> ORGANIZADOR 2 – O COI trabalha três valores importantes que é amizade, respeito e excelência. A amizade é a tocha, é você propiciar este ambiente de integração entre as delegações, entre os alunos e a cidade. Além disso, celebra a excelência que é você dar o melhor de si naquilo que você faz. Para o COI, a excelência é realmente o lema olímpico: *citius, altius, fortius*, é o mais rápido, o mais alto e o mais forte. Obviamente que este é o lema do campeão olímpico, só que para a gente também é dar o melhor de si no esporte e na vida. Saber ganhar e saber perder é o lema do esporte: "Eu perdi, mas dei o melhor de mim", o que eles chamam de alegria do esforço: "Eu sei que eu dei o meu melhor". É isso, dar o melhor de si nas pequenas e nas grandes coisas. Então, a gente acha que as Olimpíadas celebram estes valores olímpicos.
>
> ORGANIZADOR 3 – Amizade, respeito e excelência. E a inclusão, a gente quer que todos tenham a oportunidade de participar. Tanto é que nós criamos algumas regras, por exemplo, no 12 a 14 todo mundo que vem aqui joga e tem que trocar o time. Então, é também o jogo limpo [...].

Nota-se que os valores integração, amizade, respeito e excelência são condizentes com o sentido de formação e educação dos alunos-atletas. Vale salientar que estes discursos foram reafirmados quando questionados sobre as especificidades valorativas das OE 2011.

A partir da fala do Organizador 3 evidencia-se que o engajamento das diferentes instâncias promotoras do evento representa o compromisso de tratar o esporte de rendimento, sobretudo, como um ambiente profícuo para a formação de crianças e jovens:

> ORGANIZADOR 3 - Nós nos preocupamos muito com os alunos. Não é que eles sejam grandes atletas, mas sim que sejam grandes cidadãos, e quem sabe a partir disso a gente descubra alguns talentos, que sempre acontece [...].

Decerto, os atletas reconhecem e compartilham em algum nível os valores apregoados pelos eventos que participam, ainda que estes valores sejam subjetivamente significados. Neste contexto, quando solicitados a expressarem as três primeiras ideias/palavras que viessem à mente para completar a frase: 'Esporte para você é...', verificou-se uma pluralidade de sentidos e significados acerca deste fenômeno para os alunos-atletas. Para melhor elucubrar esta questão sintetizamos na Tabela 1 as principais ideias/palavras apontadas pelos alunos-atletas:

Tabela 1 – Esporte para você é...

Ideias/Palavras	Quantidade de respostas
Vida	20
Amor	15
Saúde	9
Alegria	7
Competição	
Futuro	5
Paixão	
Amizade	4
Dedicação	
Respeito	
Lazer	
Determinação	

Disciplina	3
Confiança	2
Educação	
Diversão	
Esperança	1
Honra	
Vitória	
Fé	

Podemos compreender este fato a partir da concepção de Queirós (2004) ao alegar que os sujeitos que praticam esporte atualmente caracterizam-se pela heterogeneidade, associada a uma complexidade de fatores que norteiam os sentidos desta prática. Assim, valores românticos, hedonistas e valores tradicionalmente relacionados ao esporte, tais como competição, determinação, disciplina, etc., são polaridades interdependentes situadas em um *continuum* no repertório de sentidos de seus praticantes.

Ademais, quando questionados sobre a preferência entre a prática de esporte como lazer ou como competição, 58% dos alunos-atletas têm predileção pela prática competitiva, enquanto 8% afirmam que preferem fazer por lazer. Ao mesmo tempo, 34% dos entrevistados propendem para ambas as dimensões (lazer e competição), visto que para eles praticar esporte competitivamente também é uma forma de diversão.

Tal fato converge com a visão plural do esporte de Gaya e Torres (2004) que afirma que as diversas manifestações do esporte (lazer, rendimento, escolar) não são contraditórias, mas sim complementares. Desta forma, parece contundente a análise de Queirós (2004) ao expor que, atualmente, o sentido do esporte é variado e multidimensional,

> Nele podemos encontrar e cultivar os valores da corporalidade, da condição física e saúde, do "ter" e do "ser", do rendimento, do esforço e da procura, da acção, da dificuldade e da realização, da tensão, do risco e da aventura; e é um espaço de expressão, de estética, de configuração e criação de vivências, de sensações, de impressões e de experimentações, de comunicação, de cooperação e interacção. O desporto de competição (base das sociedades modernas) viu-se acrescido do desporto de tempos livres,

do desporto alternativo, entre outros (QUEIRÓS, 2004, p.194-195).

Nesse sentido, podemos inferir que os valores presentes na prática esportiva variam segundo os códigos e as demandas da instituição que o organiza e dos seus praticantes, coexistindo valores formativos, educacionais e hedonistas que oscilam nas percepções de cada sujeito de acordo com suas subjetividades axiológicas.

5.2 A CERIMÔNIA DE ABERTURA DOS JOGOS NA REDE 2011

Nesta seção iremos analisar e discutir a observação da cerimônia de abertura dos Jogos na Rede, assim como as entrevistas realizadas com os organizadores. Além disso, como já sinalizado no início do capítulo, estabeleceremos relações com os resultados obtidos nas OE 2011.

A cerimônia de abertura dos Jogos na Rede aconteceu em um ginásio na cidade de Vitória-ES[72]. O ginásio estava tomado por um clima festivo e uma animada competitividade entre os alunos da rede estadual de ensino da Grande Vitória que estavam nas arquibancadas. Os alunos gritavam rimas, parecendo ‘rivalizar’ uns com os outros a partir das mesmas e faziam bastante barulho.

Essa manifestação dos alunos nos remete as ‘relações jocosas’ definidas por Radcliffe-Brown (1959) como uma peculiar combinação entre amizade e antagonismo que em qualquer outro contexto social expressaria e provocaria inimizade, porém, estas atitudes não são e não devem ser levadas a sério. Em outras palavras, é uma relação de desrespeito consentido. De fato, as interações entre os alunos dos Jogos na Rede demonstrava esta sociabilidade competitiva, porém, sem hostilidade. Vale ressaltar que dentre os eventos analisados apenas na abertura dos Jogos na Rede 2011 este comportamento esteve presente.

[72] Houve um atraso para o início da cerimônia de aproximadamente uma hora causado pela espera da chegada do governador.

A decoração do ginásio pautou-se basicamente em um enorme *banner* atrás do palco com o nome do evento no centro e o símbolo do Governo do Estado e da Secretaria da Educação. Em cima do palco estavam as bandeiras: do Espírito Santo, do Brasil e dos Jogos na Rede. Nas laterais do palco havia dois telões e cadeiras que foram ocupadas pelos técnicos das equipes participantes e pelas autoridades, como ilustrado na fotografia 3.

Fotografia 3 – Cerimônia de abertura dos Jogos na Rede 2011: ornamentação do ginásio

(Fonte: arquivo pessoal)

Reconhecidamente a cerimônia de abertura dos Jogos Na Rede pautou-se no modelo olímpico, como podemos perceber a partir das falas dos organizadores quando questionados ‘por que se realiza uma cerimônia de abertura’:

> ORGANIZADOR 1 - Porque é uma questão de cultura, é uma questão que já vem desde o povo grego fazer a abertura dos Jogos Olímpicos, então assim, é uma cultura milenar mesmo. É todo um simbolismo que tem atrás disso, e mesmo esses jogos que não tem o propósito de seguir aquele ritual, a gente faz a abertura com o fogo simbólico, com a entrada das delegações, todo um ritual mesmo da cultura.
>
> ORGANIZADOR 2 - A cerimônia é o momento onde, além da gente estar possibilitando aos alunos uma interação, uma integração, nós também estamos possibilitando o aluno ser protagonista, porque na abertura o aluno tem a possibilidade de apresentar atividades de dança, de música e atividades culturais, para os outros colegas. Então, é este momento. Além da gente também resgatar as tradições que os Jogos Olímpicos, de uma forma geral, têm historicamente. Pois, os Jogos são patrimônios da humanidade, por mais que as pessoas queiram negar, ele tem [sic] esses

> valores que estão embutidos e uma abertura propicia isso. Propicia também este momento de congratular.

Destaca-se, sobretudo na fala do Organizador 1, a menção direta da cerimônia de abertura como um ritual contemporâneo, compreensão esta que não se restringe a uma dimensão religiosa. Nesse sentido, esta concepção parece convergir com as perspectivas conceituais de ritual estabelecidas por Peirano (2003) e Segalen (2002), as quais o definem como um sistema cultural de comunicação simbólica, envolvendo uma sequência ordenada de atos e palavras, e que abrange símbolos/ações simbólicas reconhecidas coletivamente, garantindo a eficácia social do ritual.

Ademais, é recorrente a alusão aos Jogos Olímpicos como modelo a ser seguido no evento em foco:

> ORGANIZADOR 2 - Se a gente analisar historicamente o que representa os Jogos Olímpicos, não é que a gente esteja trabalhando com as Olimpíadas porque a nossa visão é diferente, mas ele [os Jogos Olímpicos] [sic] representa historicamente a integração dos povos, e aqui então a integração das escolas. Representa simbolicamente, como era na antiguidade, um encontro, a possibilidade de, mesmo que tenha diferentes culturas e sendo escolas públicas elas tem também a sua realidade, então é o momento de uma apresentar para a outra, de uma conhecer a outra. Um aluno que sai lá do norte e outro aqui do sul, eles têm realidades diferentes e aí é o momento para eles estarem se congratulando.

Vincula-se um dos ideais da cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos (integração entre os povos) ao sentido para a realização da cerimônia de abertura dos Jogos na Rede (integração entre os alunos). Contudo, os organizadores afirmam que a cerimônia de abertura é igualmente caracterizada pelas particularidades do evento:

> ORGANIZADOR 2 - A gente se baseia nos grandes eventos, é lógico, mas a gente procura dar a “nossa cara”, vamos dizer assim. A gente quer mostrar aquilo que nós temos, sempre nós estamos criando alguma coisa diferente, agora, a gente segue um protocolo que, algumas coisas são das cerimônias tradicionais: a entrada do atleta, o acendimento da pira, o juramento, isso aí segue as tradições, mas outras coisas... por exemplo, antigamente nunca se iria pensar as meninas dançando hip hop, ou já teve casos aqui de dançar um ballet, dançar uma dança clássica, moderna, tudo isso.

Observa-se que este momento particularista apontado pelo Organizador 2 remete-se ao último elemento protocolar: o programa artístico. Como identificado por DaMatta (2006), a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos distingue-se em dois momentos: o universalista e solene e o particularista e festivo. O particularista

abrange, dentre outros elementos, o programa artístico, que, termina por ser, uma narrativa e uma celebração da identidade do país que recebe os Jogos. No caso específico dos Jogos na Rede, nesta ocasião, como observado, exaltam-se as identidades das escolas participantes.

A abertura foi conduzida por um mestre de cerimônia que deu início convidando o governador para compor a 'mesa'. Durante sua entrada, o governador – que foi recebido com muitos aplausos – cumprimentou alguns alunos que estavam na arquibancada e as outras autoridades – Secretário de Estado da Educação, Secretário de Estado do Esporte e Subsecretária da Educação Básica – que já estavam sentadas nas cadeiras ao lado do palco[73].

Enquanto o governador adentrava no ginásio, o mestre de cerimônia falou brevemente sobre os objetivos dos Jogos na Rede e sobre os aspectos formativos do esporte[74]. Percebe-se neste momento a intensa associação simbólica do evento com os valores pedagógicos vinculados a prática esportiva.

Em sequência foi executado o hino nacional brasileiro, o qual, conforme as concepções dos organizadores dos Jogos, é inerente a toda cerimônia, ainda que não seja no âmbito esportivo. Ao mesmo tempo em que era executado o hino nacional, nos telões eram reproduzidas belas imagens do Brasil, principalmente do Espírito Santo.

Após o hino nacional, quatro alunos de uma das escolas participantes se posicionaram ao lado do palco e cantaram o hino dos Jogos na Rede – Ouro na Vida – que foi composto por um grupo de estudantes em um concurso realizado pela organização na segunda edição do evento. Neste aspecto os Jogos na Rede se aproximam dos Jogos Olímpicos, que possuem um hino próprio, e se distanciam das OE 2011, onde foi executado exclusivamente o hino nacional brasileiro.

O desfile das delegações foi realizado por 11 alunos de uma instituição estadual de ensino, os quais trajavam um uniforme azul com o emblema dos Jogos. Cada aluno

---

[73] Destaca-se neste momento a presença da imprensa regional no ginásio acompanhando todos os passos do governador.

[74] Vale salientar que a má qualidade do áudio impediu que o público compreendesse com precisão as falas.

entrou portando uma placa com o nome das Secretarias Regionais de Educação (SRE) participantes: Afonso Cláudio, Barra de São Francisco, Cachoeiro de Itapemirim, Carapina, Cariacica, Colatina, Guaçuí, Linhares, Nova Venécia, São Mateus e Vila Velha. O Organizador 1 explicou que:

> Cada SRE [Secretaria Regional de Educação] tem vários municípios, então as 11 SREs estão participando juntas. A gente colocou umas placas avisando a comunidade ali presente e as autoridades que todas as SRE's estão participando dos Jogos na Rede 2011, e é esse o intuito.

Em seguida, os 11 alunos sentaram-se nas cadeiras ao lado do palco e teve início do revezamento da tocha. Enquanto os dois alunos selecionados pela organização desfilaram pelo ginásio com a tocha, o mestre de cerimônia discursava sobre a chama olímpica, ressaltando seus aspectos históricos e seus significados. Para os organizadores este fogo simbólico representa a força e a paz atinentes à tocha olímpica:

> ORGANIZADOR 1 - É como se aquela tocha tivesse vindo lá da Grécia. No primeiro ano até tinha um menino vestido de grego, e vinha assim abrindo... A tocha é a força, o fogo simbólico [...].
>
> ORGANIZADOR 2 - Para a gente não perder essa tradição cultural, e é um momento que todos se emocionam. O fogo é uma coisa que tem um simbolismo muito grande, e nesse sentido é tentando também dizer que com o esporte podemos promover a paz. [...] Os Jogos [Olímpicos] ele foi criado com esse sentido de buscar a paz entre os povos. Então, nós temos que entender que isso é uma cultura e que é um patrimônio da humanidade e a tocha, ela representa muito bem. Esse fogo não pode apagar, essa busca da coparticipação, do respeito, eu acho que o fogo representa muito bem isso.

Ressalta-se aqui, a partir das falas dos organizadores, a explícita correspondência deste momento com o elemento protocolar dos Jogos Olímpicos, sobretudo, no que remete a tradição. De fato, como aponta Todt (2009), um dos ideais do revezamento da tocha é promover relações internacionais de paz, respeito e entendimento.

Como estabelecido no protocolo olímpico, após o revezamento da tocha corre o acendimento da pira, que para os organizadores representa a manutenção daquilo que a tocha simboliza (a força, a paz) durante todo o período de competição. Ao chegarem à plataforma da pira, localizada do lado oposto do palco, o governador juntou-se aos alunos e os três realizaram o acendimento da pira, com muitos aplausos e euforia do público (Fotografia 4). Posicionado a frente da pira, o governador prontamente declarou aberta a quarta edição dos Jogos Na Rede.

Fotografia 4 – Acendimento da pira nos Jogos na Rede 2011

(Fonte: arquivo pessoal)

Nota-se neste momento uma singularidade dos Jogos na Rede em que o sentido político invade o ritual, fato este que também permeou as OE 2011 a partir dos discursos do Governador e do Secretário Municipal de Esporte e Lazer. Como explanado anteriormente, estas ocasiões contrapõem-se ao que é preconizado pela ideologia olímpica, na qual o plano político deve manter-se, a todo tempo, afastado.

Logo após a declaração do governador, uma aluna – atleta de futsal – proferiu o juramento do atleta[75]. Segundo Todt (2009), com o juramento olímpico dos atletas busca-se o desenvolvimento humano global e harmonioso e se estabelece condições de respeito mútuo, justiça e equidade. Dentre estes propósitos, os organizadores destacam o sentido do respeito para com os outros:

> ORGANIZADOR 1 - É um elemento cultural também, todos juntos jurando. É uma fala repetitiva, mas, os alunos estão firmando um compromisso de seguir o regulamento, respeitar o próximo, respeitar o colega.
>
> ORGANIZADOR 2 - O juramento, ele quer que o aluno se comprometa com o espírito dos Jogos, porque não é só vencer de qualquer maneira, para vencer tem que ter vencedores e perdedores, porque você não joga sozinho, então, tem que haver respeito pelo outro, sem o outro não existe Jogos, pelo menos é o que nós defendemos. E o mais importante pra nós

[75] Simultaneamente, jornalistas de uma empresa de televisão entrevistavam um aluno ao lado da plataforma da pira.

> não é o vencedor, são todos que participam dos Jogos.

Posteriormente o mestre de cerimônia convidou as autoridades para realizarem seus discursos. O Secretário Estadual de Educação foi o primeiro a se pronunciar, assim, cumprimentou as demais autoridades e explanou sobre a relevância da cultura e do esporte no âmbito escolar. Em sequência falou o Secretário de Estado do Esporte, parabenizando a Secretaria de Educação pelo evento e exaltando aspectos positivo-funcionais do esporte. Por fim, o governador finalizou este momento da cerimônia saudando o público presente no ginásio, assegurando seu apoio ao esporte escolar enquanto um importante meio para a educação, socialização e combate às drogas, e declarou novamente a abertura dos Jogos[76].

Os discursos das autoridades explicitamente permearam os sentidos positivos do esporte que, uma vez proferidos naquele contexto, parecem assumir que a realização de competições esportivas reafirma a potencialidade do esporte para o sentido de formação. Em certa medida, ao discorrerem sobre os discursos das autoridades como um momento protocolar, os organizadores apontam para a existência de uma coerência interna (que não é previamente arranjada) entre o conteúdo dos discursos e os propósitos do evento, sobretudo no que se refere ao sentido de formação a partir do esporte. Entretanto, organizadores parecem racionalizar mais esta relação:

> ORGANIZADOR 2 – Os discursos, apesar de ter as pessoas políticas, todos eles enfoca [sic] o potencial do esporte, mesmo que os discursos não sejam propostos por nós da organização, vai de encontro. **Na verdade, a nossa preocupação é com a formação e nós sabemos que o esporte não vai salvar ninguém, não vai tirar ninguém das drogas, não é essa nossa ideia, nossa ideia é que o aluno tem o direito de jogar, de praticar esporte, seja ele um bom, ou seja razoável**. Na verdade, nós não estamos preocupados em formar atletas e sim formar bons alunos, formar por meio do esporte e da Educação Física[77].

Assim como nas falas dos organizadores das OE 2011, os entrevistados dos Jogos na Rede expõem como prioridade do evento a formação cidadã dos alunos em detrimento da formação esportiva. Outro fator de destaque no trecho acima se refere ao entendimento da prática esportiva como um direito dos alunos.

O último momento da cerimônia de abertura foi destinado às apresentações

---

[76] Os discursos tiveram duração de aproximadamente cinco minutos cada um.
[77] Grifo nosso.

artísticas e culturais. Nesta ocasião foram apresentadas algumas das atividades/projetos extracurriculares desenvolvidos em três escolas participantes dos Jogos. A primeira atração contou com a participação de oito alunos de uma escola da rede estadual de ensino da cidade de Cariacica-ES. Estes alunos em conjunto com um bailarino realizaram uma apresentação de ballet clássico e finalizaram com uma coreografia *dance*.

A segunda apresentação tematizou todos os esportes presentes nos Jogos Na Rede com uma coreografia de *street dance*, desenvolvida por 12 alunos (quatro meninos e oito meninas) de uma instituição escolar da Grande Vitória-ES. Ao final, dez alunos de uma escola estadual da cidade de Vila Velha-ES juntamente com o professor de filosofia realizaram uma apresentação de dança com músicas de *hip hop* e *mellody*.

Destaca-se aqui que o programa artístico dos Jogos na Rede 2011 se distingue dos demais, visto que não celebrou de maneira organizada e estruturada a identidade local (como observado nos Jogos A e B), nem se caracterizou como puro entretenimento (como observado nas OE 2011). Assim, as apresentações artísticas destes jogos tiveram uma configuração difusa, em que se pôde constatar a busca por, acima de tudo, reforçar o protagonismo local a partir do poder criativo dos estudantes da rede estadual.

Sobre as apresentações artísticas, os organizadores caracterizaram como um momento em que o esporte e a cultura encontram-se integrados e destacaram a participação dos alunos como um aspecto relevante dentro da cerimônia de abertura:

> ORGANIZADOR 1 – **É o esporte e a cultura juntos, elementos entrelaçados. O esporte valorizando a cultura e diversas expressões**. [...] A gente tem a ideia assim de priorizar as atitudes e as expressões corporais dos alunos, de colocá-los como protagonistas dos jogos. Para eles estarem participando da abertura de uma forma bem participativa mesmo.
>
> ORGANIZADOR 2 – **É o momento dessa articulação entre Educação Física e Arte. As apresentações artísticas, eu acho que elas vêm dar o sentido que, por exemplo, nós não temos que formar só o atleta, o aluno que participa desses jogos, ele tem a oportunidade de estar convivendo com a cultura**. [...] Então, as apresentações artísticas, ela dá um tom, uma tonalidade diferenciada. Porque não é só ali jogar, acabou e vai embora, não. Então, não é só o jogo pelo jogo, são todas essas ações

> que envolve [sic] estas disciplinas articuladas.[78]

Em destaque percebe-se que os organizadores acreditam que a combinação entre esporte, cultura e a arte fortalece o sentido de formação e educação de crianças e jovens. Dentre os organizadores dos jogos escolares analisados neste estudo percebemos que a menção à valorização da arte e da cultura ocorreu de maneira explícita apenas por parte dos envolvidos na organização dos Jogos na Rede.

Ao balizarmos esta discussão a partir do modelo olímpico nota-se que, embora nas edições mais atuais dos Jogos Olímpicos modernos a conexão das práticas corporais com a arte apareça em menor destaque do que o Barão Francês Pierre de Coubertin projetou, esta questão se apresenta como um importante elo entre a ideologia Olímpica e a promoção do desenvolvimento global e harmonioso dos indivíduos (MacALOON, 1984).

De acordo com Tavares (2003, p. 168) Coubertin entendia que “somente o desenvolvimento intelectual do atleta e a combinação entre esporte e arte evitariam a transformação do atleta olímpico em um ‘gladiador de circo’”. Assim sendo, o barão esperava que os Jogos Olímpicos promovessem não só competições esportivas como também manifestações artísticas, em um ambiente de perfeita integração entre cultura física e cultura artística, dentro e fora da Vila Olímpica, estabelecendo esse fator como uma responsabilidade do Movimento Olímpico.

Embora não se possa dizer que os organizadores fundamentaram-se diretamente no Movimento Olímpico para afirmar a importância da arte e da cultura, decerto, a emulação da maneira como os Jogos Olímpicos se configuram garante espaço para que estes aspectos sejam valorizados.

Entretanto, vale ressaltar que a cerimônia de abertura dos Jogos na Rede coadunou os elementos do protocolo olímpico com suas singularidades. Consequentemente estabeleceu-se uma ligação entre os valores vinculados à ideologia olímpica e os valores do evento, os quais consistem em:

> ORGANIZADOR 1 - Eu acho assim, que é o respeito, a disciplina. Saber que tudo tem limite, as consequências de um ato. [...].

---

[78] Grifos nossos.

> ORGANIZADOR 2 - Do respeito, da disciplina, da solidariedade, da cooperação. Podemos citar aí que nós já estamos alcançando algumas coisas que pensávamos que iria demorar mais tempo. [...]

Através destes valores os organizadores buscam contribuir com a formação integral dos alunos. Eles parecem reconhecer no esporte “um lugar pedagógico por excelência” (BENTO, 2004, p. 38) e veem na vivência da competição uma possibilidade de contribuir com a formação humana:

> ORGANIZADOR 2 - Então, eu acho que a gente está preocupado em formar cidadãos. E aí o esporte, nesta perspectiva, ele pode contribuir muito. É diferente de você trabalhar o esporte apenas para formar atletas. O momento que o jovem está ali interagindo com outro jovem e ele está tendo a oportunidade de também vivenciar atividades artísticas e culturais, exposição de arte, uma orquestra, uma banda, isso aí é um momento que contribui para a formação integral dele, não só a formação intelectual, nós não podemos fragmentar. E aí o esporte tem de ser uma possibilidade das várias linguagens corporais, e o esporte é apenas uma. Nesse sentido, ele contribui sim para a formação integral dos nossos jovens.

De tal modo, é importante enfatizar, tal como aponta Bento (2004), que as vivências nas competições não são necessariamente desarticuladas da comunicação, da cooperação, da sociabilidade, etc., ou seja, não excluem a potencialidade educativa do esporte.

5.3 A CERIMÔNIA DE ABERTURA DOS JOGOS INTERESCOLARES

Nesta seção, apresentaremos os dados obtidos a partir da análise da cerimônia de abertura de um evento esportivo de caráter interescolar (denominados Jogos B), considerando suas devidas peculiaridades e dimensão. A competição, realizada entre os colégios que compõem uma rede de escolas, ocorreu em agosto de 2010 e envolveu cinco escolas de diferentes cidades do Brasil: Vitória, Ubá, Brasília, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

A celebração ocorreu no ginásio da escola anfitriã, localizada em Vitória-ES. O local contava com uma boa estrutura de som e iluminação além da participação de

artistas circenses, o que remetia à esfera ‘espetacularizante’ vista nos JO’s (MacALOON, 1984) e também, como apresentado anteriormente, nas OE 2011.

Por se tratar de uma escola de caráter confessional, esta particularidade foi esboçada na presença de uma imagem de Maria[79] no canto da quadra durante toda a cerimônia; nas orações realizadas[80]; e na tentativa de durante toda a cerimônia se contar a história da fundação da rede de escolas no Brasil, sempre ressaltando e cultuando o fundador. Este é um ponto marcadamente distinto entre a abertura dos Jogos B e as cerimônias olímpicas, uma vez que o ritual olímpico é considerado como secular (MacALOON, 1984).

No que se refere à ambientação do ginásio, destaca-se a primeira peculiaridade deste evento em relação às OE 2011 e os Jogos na Rede: a adoção de uma temática que balizou o evento, a começar pela cerimônia de abertura. O tema escolhido para os Jogos B foi: “Sagrado é...” referente ao centenário da rede de escolas no Brasil. Todo o ambiente foi ornamentado com cartazes contendo dizeres que promoviam a paz e com desenhos de vários esportes produzidos pelos próprios alunos. Isso aponta para um contexto de produção e organização dos jogos que envolvem a própria comunidade escolar (professores, alunos, autoridades administrativas, etc.).

De certa maneira, o envolvimento dos próprios alunos no processo de construção da ornamentação denota um sentido de participação mais amplo que aquele restrito à competição em si e isso se configura como uma especificidade deste evento em relação aos demais jogos anteriormente analisados. É possível inferir que essa participação estabelece um elo entre os alunos e algo feito, em certo ponto, por eles mesmos, para eles mesmos, o que nos remete à noção de performance cultural que, em parte, fundamenta-se nas proposições teóricas de Durkheim sobre a necessidade de celebrações e rituais para manter a sociedade coesa[81].

A comissão organizadora destes jogos foi composta por uma equipe multidisciplinar que envolveu professores de educação física, arte, geografia, pedagogas, dentre outros. As ações destes profissionais, muitas vezes, já se encontram demarcadas, a

[79] A rede de escolas é de orientação católica mariana.
[80] Pai Nosso e Ave Maria.
[81] Ver DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

exemplo dos Jogos B, em que os professores de educação física foram responsáveis pela confecção das tabelas das competições e os professores de arte pelo planejamento das cerimônias do evento.

Embora o evento em questão não tenha qualquer relação institucional com o COB ou o Movimento Olímpico, fica clara a partir da fala dos organizadores a busca por uma conexão com os Jogos Olímpicos. Assim, de acordo com o entrevistado, apesar da escolha de um tema específico para a cerimônia de abertura, os organizadores buscam agregar à temática proposta os elementos olímpicos:

> PROFESSOR 1 – Eu fui pesquisar os Jogos Olímpicos na sua origem, fui procurar [...], todo ano tem uma demanda de tema [...] eu queria mostrar a questão dos Jogos Olímpicos, os símbolos mais marcantes, a ideia de que o esporte conduz a paz, e essa história do colégio, deles aqui no Brasil. Então tudo isso a gente tinha que colocar dentro de uma salada só.

De fato, constata-se a partir da entrevista realizada que a presença de elementos olímpicos na cerimônia escolar torna o evento relevante para os alunos na concepção do professor, em que os significados destes elementos se encontram atrelados à ‘grandiosidade’ dos JO. Com isso, estes aspectos atribuem à cerimônia esportiva uma característica de seriedade:

> PROFESSOR 1 – O juramento é de praxe, não tem como não ter. Eu até faria, se um dia eu pudesse, faria de uma maneira diferente, mas teria essa questão daquele momento que eles juram e que eles se comprometem. [...] A educação física faz questão da presença desses elementos que para eles são elementos oficiais da abertura de qualquer jogo, digamos assim né. [sic]. Então, eu quis manter aqueles elementos até porque eles têm um significado para os alunos.

Quando os alunos foram questionados acerca do momento da cerimônia que mais haviam lhe agradado, diferentes momentos são citados. Grande parte deles destacou a apresentação artística circense como uma prática interessante, difícil e pouco comum. A tocha ocupou o segundo lugar entre as respostas, para eles ela simboliza uma ideia de seriedade, paz entre os times, além da capacidade de despertar emoções. Com uma menor recorrência encontramos o desfile das delegações como um dos momentos que mais agradou os alunos, sendo caracterizado pela afetividade e pela confraternização.

Quando os alunos foram indagados a cerca do que mais os emocionaram também citaram diversos elementos. A tocha ocupou um lugar de destaque para os alunos,

sendo considerada por estes como um elemento simbólico diretamente associado à ideia de paz e aos Jogos Olímpicos diretamente, despertando emoções, além de conferir seriedade ao evento[82]. Ocupando o segundo lugar, encontramos o desfile das equipes participantes, a este quesito os alunos atribuíram um sentido de união e seriedade.

A cerimônia de abertura dos Jogos B foi conduzida por um casal de artistas vestidos de palhaços, que deram início ao evento contando brevemente a história da rede de escolas no Brasil. Pelo fato de o evento em questão acolher outras instituições do país, a escola de Vitória utilizou em sua cerimônia elementos que remetessem e identificassem a cultura local. A identidade capixaba[83] foi enfatizada logo nos momentos iniciais da cerimônia, cuja primeira apresentação contava com crianças que empunhavam casacas[84]. Elas dançavam ao som da música *Mulher Rendeira*, na qual demonstrava o congo[85] e sua forte expressão no cenário capixaba.

Com isso, podemos inferir que esse processo de promoção do local – como se constata nos JO em assertiva de DaMatta (2006) – se manifesta mesmo em jogos com menor dimensão e complexidade.

Após a breve apresentação da cultura capixaba, os mestres de cerimônia convidaram as diretoras das escolas participantes e da mantenedora da rede de colégios para compor a mesa das autoridades. Em seguida, teve início o desfile das delegações.

A partir da observação do desfile constata-se que a ideia de celebração da identidade e do local, nestes jogos, não se restringiu apenas à cidade e/ou nos atos da delegação anfitriã do evento. No momento da entrada das delegações, as escolas representantes de cada estado optaram por apresentar aos espectadores a essência da cultura de seu estado utilizando músicas, símbolos, adereços e caracterizações de artistas que contribuíram para a cultura de suas cidades foram evidenciados neste momento.

---

[82] Isso demonstra alguma convergência com os resultados obtidos a partir das OE 2011.
[83] Gentílico do estado do Espírito Santo.
[84] De acordo com o dicionário Houaiss, quando relacionada ao regionalismo (Espírito Santo), casaca significa “instrumento musical que se assemelha ao reco-reco, muito usual em bandas de congo” (HOUAISS; VILLAR; FRANCO, 2007).
[85] Gênero musical brasileiro, típico das regiões litorâneas do Espírito Santo.

A escola de Vitória optou por apresentar além do congo, uma tartaruga, referente a um projeto de conservação de tartarugas marinhas presente no estado. A delegação de Ubá destacou a principal produção agrícola da cidade – a banana – e a personalidade de Ary Barroso[86]. Ao som de *Cidade Maravilhosa*, a equipe do Rio de Janeiro apresentou o Zé Carioca[87]. Os alunos de Belo Horizonte entraram ao som de músicas que remetiam ao estilo sertanejo universitário.

Essa configuração parece nova dentre os jogos analisados, nos quais o desfile das delegações ocorria apenas com o uso de uniformes, placas e/ou bandeiras na identificação dos grupos. Nesse sentido, este fato pode indicar que encontramos num evento com menor dimensão e complexidade, um maior espaço para a flexibilização de outros elementos protocolares que no caso dos JO, como vimos, está mais concentrada nas apresentações artísticas.

Não parece difícil constatar na abertura destes jogos – que emulam o modelo olímpico a partir de seus símbolos e protocolos –, a existência de duas estruturas: uma que evidenciava o caráter singular; e outra que salienta o aspecto universal (DaMATTA, 2006). Neste caso, para demarcar o caráter singular, aspectos da cultura capixaba foram expostos na cerimônia de abertura, uma vez que era justamente a escola do Espírito Santo que sediava o evento. Em contrapartida, celebravam-se e evidenciavam-se aspectos relevantes a todos os estados participantes, como por exemplo: o centenário da rede de escolas no Brasil; o culto ao fundador do colégio e a presença da imagem de Maria.

Com efeito, observa-se nos JO que o país sede busca enfatizar e expressar a sua localidade, porém, a cerimônia em si busca a todo o momento ressaltar ideais de equidade e universalidade, conforme as considerações de DaMatta (2006, p.197):

> Tudo indica, portanto, que nos Jogos o universal engloba o local e o nacional. Em outras palavras, todas as competições modernas (esportes que deixaram de ser “jogos”, danças ou rituais) são arbitradas e legitimadas em contextos onde o universal tem predominância e poder englobador. Se o localismo surge em eventos importantes durante o decorrer das competições olímpicas, ele se dissipa dentro das ritualizações universalistas que a todo momento colocam o disputante (e o espectador)

[86] Compositor brasileiro de música popular, nascido na cidade de Ubá em Minas Gerais (1903-1964).
[87] Personagem de um papagaio criado na década de 1940 pelos estúdios Walt Disney para representar o estereótipo do brasileiro, que se tornou um mascote do estado do Rio de Janeiro.

> tanto como membros de uma nação mas também como indivíduos livres e autônomos.

Contudo, os símbolos olímpicos como anéis, pira, tocha e juramento utilizados na abertura dos Jogos B garantiram o caráter universal do evento, sem, no entanto, englobar a esfera singular. Nesse contexto, foram elaborados rearranjos que equilibraram e, em certos momentos, inverteram esta relação entre singularidade e universalidade.

Após o desfile das escolas participantes, é anunciado o momento solene da cerimônia de abertura, e então, quatro alunos adentram o ginásio com as bandeiras do Brasil, da França (país sede da rede de escolas), do Espírito Santo e dos Jogos. Em seguida, uma das pedagogas da escola-sede realizou as orações do ‘Pai Nosso’ e ‘Ave Maria'. E, posteriormente, foi executado o hino nacional brasileiro. O hino tocado e as bandeiras significaram para os alunos basicamente o respeito, o patriotismo, a representação do país e dos estados, a união e a solidariedade.

O juramento foi o próximo elemento da cerimônia e representou para os alunos um momento de firmar um compromisso, o respeito às regras e aos adversários, assim como o incentivo ao espírito de equipe e de competição. De maneira geral as respostas estão vinculadas ao ideal do *fair play* e a boa conduta esportiva dos alunos-atletas.

Os símbolos olímpicos também apareceram no momento das apresentações artísticas executadas pelos alunos da escola de Vitória. Eles construíram na quadra, com grandes faixas, a imagem dos anéis olímpicos, enquanto outros alunos se dispuseram em círculo ao redor dele e se curvavam, o que representava o sentido de reverência e respeito. Dentro de cada anel, foi colocado o nome de cada cidade que participava dos jogos, conferindo aos espectadores um sentido de paz e união. Tal fato corrobora com o sentido proposto no protocolo olímpico.

Em seguida houve uma apresentação denominada pela organização do evento de “Canção de Paz”, em que uma artista circense realizou malabarismos pendendo entre dois tecidos. A trilha sonora nesta ocasião foi composta por músicas instrumentalizadas. O público também participou deste momento erguendo lenços brancos que foram distribuídos na entrada do ginásio. Este diálogo entre “atores” e

espectadores envolve um sentido de comunhão e, ao mesmo tempo, compõe uma esfera espetacularizante, tal como aponta MacAloon (1984). Vale salientar que, dentre as cerimônias analisadas, apenas na abertura dos Jogos B o momento do protocolo olímpico de simbolização da paz esteve marcadamente presente.

> PROFESSOR 1 - Aquele momento de homenagem não foi só para falar sobre a paz, que na questão [sic] a menina representava o anjo, como se fosse o anjo da paz, ou uma pomba como vocês quiserem definir a paz, seria a pomba da paz.

Com relação às apresentações artísticas, estas foram vinculadas a um momento de alegria, diversão e entretenimento por grande parte dos alunos, o que converge com as considerações de DaMatta (2006) ao alegar que esta ocasião constitui-se como a parte festiva da cerimônia de abertura.

Outro elemento que compõe a cerimônia de abertura dos JO e foi emulado por estes jogos foi o revezamento da tocha olímpica e o acendimento da pira. No evento aqui analisado, este momento foi dramatizado por 11 alunas da escola de Vitória, que representavam o acendimento do fogo olímpico pelas sacerdotisas gregas do templo de Hera[88] (Fotografia 5). Como se pode observar, ocorre novamente à tentativa de reprodução do que é realizado nos JO na cerimônia escolar.

Fotografia 5 – Dramatização do acendimento do fogo olímpico nos Jogos B

(Fonte: arquivo pessoal)

[88] Ritual tradicionalmente teatralizado que ocorre no sítio arqueológico de Olímpia (Grécia) e que marca o início do revezamento da tocha até a cidade-sede dos Jogos.

A representação destes símbolos para os alunos, em muito se assemelha àquelas apresentadas por alunos-atletas das OE 2011. Por exemplo, quando perguntados sobre o significado da tocha os alunos a destacaram como um símbolo, ou como uma representação do espírito olímpico e esportivo. Quanto à pira, ocorreu o mesmo fenômeno das OE 2011: os alunos precisaram de uma breve explicação para associar o nome ao elemento. A partir disso, porém, estes alunos apresentaram uma noção mais definida sobre a pira, associando-a a duração dos jogos e à paz.

Após o acendimento da pira, a diretora do colégio anfitrião declarou a abertura oficial dos Jogos Interescolares e explanou sobre o centenário da rede de escolas no Brasil. Além disso, assim como nos outros eventos analisados, a autoridade fez menção aos valores do esporte e ressaltou a potencialidade da prática esportiva em formar cidadãos.

Houve grande variação entre as respostas dos alunos sobre a representatividade do discurso realizado pela diretora. Foram citadas, por exemplo, finalidades objetivas em relação a este momento: explicar e transmitir informações referentes aos jogos, dar as boas vindas aos participantes e iniciar oficialmente a competição.

De fato, tal sentido de finalidade objetiva, parece repetir-se em relação às falas dos alunos-atletas das OE 2011. Porém, os alunos dos Jogos B também associaram ao discurso a ideia de que os organizadores pretendem demonstrar os seus sentimentos e anseios para com a competição.

Explicitamente, os organizadores da cerimônia dos Jogos Interescolares buscaram relacionar o ideal olímpico à estrutura valorativa da rede de escolas, uma vez que a axiologia presente nos JO é vista por estes profissionais como um instrumento fundamental para o processo educacional como um todo. Os estudos de DaCosta fazem justamente este apontamento e, assim,

> [...] sugere aos professores e técnicos não tomarem os princípios do Olimpismo como inertes, mas como ‘ideias vivas’ que tenham o poder de refazer a todo instante nossas noções de esportes e seu potencial para as discussões de fundo ético (DaCOSTA, 2007, p. 26).

5.3.1 A relação entre esporte e valores nos Jogos Interescolares

Houve dificuldade por parte do organizador em distinguir os valores específicos promovidos neste evento e os valores do esporte como um todo. Em geral, para ele, o esporte promove o desenvolvimento dos alunos, enfatizando temas como disciplina, respeito, independência, responsabilidade, entre outros.

Tal fato pode ser elucidado a partir da concepção *durkheiminiana* de que quanto mais complexas são as sociedades, mais genéricos são seus valores, o que possibilita que uma maior parcela de indivíduos a elas pertencentes se identifique e constitua sua cosmologia. Destaca-se ainda, que a rede de escolas tem orientação confessional, assim, a emulação dos JO está condicionada a este fator religioso e aos valores orientadores da doutrina.

Ao discorrer sobre os sentidos, os significados e a relevância dos Jogos, o professor entrevistado mencionou a dimensão competitiva do esporte como uma ferramenta para a educação, socialização e desenvolvimento de crianças e jovens:

> Primeiro é uma forma de confraternizar, a escola sempre pensa dessa forma, [...] um momento de descontração [...]. E trabalhar valores que nem sempre na sala de aula são possíveis de se trabalhar, até porque ganhar e perder é muito importante, porque a gente aprende naquele momento dentro do esporte, mas a vida toda vai ser assim, existe momento em que tudo vai dar certo, vai ter momento que nada vai dar certo. E o esporte favorece a convivência e educa os jovens para o bem.

Este discurso corrobora com a concepção de Bento (2004) ao afirmar que a vivência da competição é um exercício para a formação humana. Por sua vez, quando questionados sobre as palavras que associam ao esporte, os alunos aludiram com maior recorrência os termos: competição, disputa, jogo, diversão e saúde. Ao relacionarmos esse dado com as palavras mais citadas pelos alunos das OE 2011 (vida, amor, saúde e alegria)[89], parece existir uma considerável convergência e, ao mesmo tempo, uma diferença interessante.

No que se refere à semelhança, os termos comuns alegria/diversão e saúde evidenciam, respectivamente, a relação hedonística e utilitária dos entrevistados

[89] Ver Tabela 1.

para com o esporte. Já a diferença refere-se à ideia de que, de certa maneira, havia de se esperar que os alunos participantes de um evento como as OE 2011, que envolve etapas classificatórias e tem um nível técnico superior, apresentassem significações ao esporte mais atreladas ao aspecto competitivo. Entretanto, as noções de jogo, disputa e competição estiveram entre as palavras mais citadas pelos alunos dos Jogos B.

Quando questionados sobre o que os leva a praticar esportes, os alunos dos Jogos B apresentaram respostas variadas, sendo mais recorrentes palavras como: felicidade, diversão, lazer e amor. De certa maneira essas palavras reforçam a relação hedonística como elemento propulsor para a prática esportiva, fator que também esteve presente entre os entrevistados das OE 2011 e foi discutido a partir da acepção de Queirós (2004).

Em contrapartida, percebe-se que a vitória no esporte parece ser um elemento importante/sério para os alunos entrevistados nos Jogos B, uma vez que ao serem questionados sobre o que vale para ganhar no esporte, houve considerável recorrência de respostas que diziam 'tudo' ser válido para vencer[90]. Porém, a pergunta contrária (o que não vale para ganhar no esporte?) levou os alunos a um momento de reflexão, o que os fez citarem fatores como a desonestidade/trapaça, o desrespeito e a violência como aspectos que não são válidos para alcançar a vitória.

Outro dado interessante no que se refere à relação esporte e valores sob a perspectiva dos alunos diz respeito à preferência dos mesmos sobre o esporte como lazer ou competição. Houve um equilíbrio entre as respostas, em que 35% dos atletas preferem a prática esportiva de lazer; 32% preferem o esporte de competição e 33% combinam lazer e competição na sua prática esportiva. Nas OE 2011, as repostas foram mais equilibradas entre aqueles atletas que preferem o esporte de competição e aqueles que combinam ambas as dimensões[91]. Embora haja essa diferença, em geral, estes dados atestam o sentido multidimensional do esporte tal como afirma Queirós (2004).

---

[90] Além de fatores como raça, união e treino.
[91] Ver seção 5.1

5.4 A CERIMÔNIA DE ABERTURA DOS JOGOS ESCOLARES INTERNOS

Ponderando as devidas proporções e populações, analisaremos nesta seção o evento com menor grau de complexidade, a cerimônia de abertura dos jogos escolares internos de uma instituição da rede particular de ensino, localizada na cidade de Vila Velha-ES, denominados de Jogos A.

A realização destes jogos está presente no cronograma anual da escola, sendo assim, a cada ano define-se uma temática a ser abordada na cerimônia de abertura:

> PROFESSOR 1 – Nós já temos um parâmetro porque todo ano tem esses jogos internos. Então, a gente segue isso todo ano e vai incrementando aquilo que não deu certo e as temáticas, como esse ano foi a Copa. A gente só vai fazendo a adaptação ao tema da festa [...].

> PROFESSOR 2 – Bom, esta é uma celebração que já está no calendário escolar. Trabalhamos a mais de 15 anos com este evento. A cerimônia de 2010 já estava sendo planejada desde o início do ano. É um projeto que não é apenas uma celebração, é um projeto da escola que tem toda sua filosofia. Nós somos uma escola com uma filosofia cristã de educação. Então, desde a abertura fazemos questão de estar enfocando a palavra de Deus para que Ele abençoe o nosso evento.

O tempo de realização do evento atesta que a realização dos Jogos A faz parte da cultura escolar. As falas em destaque demonstram que a partir da cerimônia de um evento esportivo a instituição celebra e comunica a sua filosofia. Parece confirmar-se com isso que a realização de cerimônias, como se observa a partir de Durantez (2000), constrói a possibilidade de se consolidar determinados conceitos, valores e/ou identidades.

Durante a cerimônia de abertura torna-se perceptível as demonstrações da filosofia cristã da escola, como no momento de leitura da bíblia feita pelo pastor – diretor da escola. Ademais, os professores citaram como valores preconizados pela instituição o respeito, a cidadania, a socialização e disseram agregá-los à cerimônia. Neste contexto, se estabelece a relevância do evento para a formação dos alunos:

> PROFESSOR 3 – É um evento que a gente faz questão de estar trabalhando todo ano aqui na escola porque tem a questão do respeito, da cidadania, da socialização... essa parte é muito importante para nós.

> PROFESSOR 1 – Eu acho que a gente tenta ensinar a eles a respeitarem o hino, a bandeira, e principalmente a questão da integração dos alunos.

De certa forma, os alunos conseguiram apreender os valores aspirados pela organização do evento, como demonstram em suas falas ao serem questionados quais os valores transmitidos na cerimônia de abertura:

> ALUNO 1 – A importância do respeito pelos colegas.
>
> ALUNO 2 – Ter respeito pelos colegas em uma competição. Você convive mais com as outras pessoas, conversa mais.
>
> ALUNO 3 – Eu acho que é respeitar os amigos, porque não é uma competição é mais uma brincadeira... assim, união.

É importante salientar que, tal como percebido por Todt (2009), os valores proclamados nas cerimônias de abertura encontram-se inter-relacionados em diferentes momentos do ritual, ou seja, não estão representados exclusivamente em determinado elemento do protocolo olímpico. Nesse sentido, percebemos nas falas em destaque que o respeito alcança certa generalidade no que se refere aos valores apreendidos pelos alunos, fato este que também foi constatado nos demais eventos analisados.

De tal modo, encontram-se incutidos na cerimônia os apregoados valores da prática esportiva, sobretudo o respeito em sua generalidade formal, o que também pôde ser percebido nos demais eventos analisados.

Como sinalizado anteriormente na fala do professor 1, um tema balizou a cerimônia de abertura dos Jogos A em 2010: “No ritmo da Copa”, referindo-se a Copa do Mundo de Futebol. A decoração do ginásio da escola seguiu a temática através de bolas e fitas nas cores verde e amarelo. Ao lado direito da quadra havia uma arquibancada onde permaneceram os pais dos alunos.

A cerimônia foi conduzida por uma pedagoga da escola que iniciou o evento convidando as alunas do 4º ano do ensino fundamental para apresentarem a coreografia da música *A taça do mundo é nossa*. As vestimentas utilizadas estavam em consonância com o tema da cerimônia.

Em seguida, o pastor – diretor da escola – leu trechos selecionados da bíblia que ressaltava a importância da atividade física para a saúde dos jovens e explanou

sobre as potencialidades do evento para a confraternização entre os alunos. Vale salientar que, assim como na cerimônia dos Jogos B, o caráter confessional da escola esteve incutido em toda a abertura. Nota-se que este caráter dos Jogos A e B não colocaram em segundo plano a mensagem positivo-funcional em torno do esporte. Nestas cerimônias, os discursos das autoridades buscaram conciliar os valores relacionados ao caráter confessional das escolas e os valores do esporte.

Prosseguindo a abertura, a pedagoga falou sobre a história da Copa do Mundo de Futebol, enquanto dez alunos do 5º ao 8º ano apresentaram uma coreografia com a música *Wavin' Flag*[92], com roupas nas cores da bandeira do Brasil. Logo após, ao som da clássica música do cantor americano Michael Jackson: *We are the world*, quatro alunas adentraram na quadra portando as bandeiras do Brasil, do Espírito Santo, da cidade de Vila Velha e a bandeira da escola.

Ainda com a mesma música ao fundo, teve início o desfile das delegações. As equipes participantes estavam representadas por cores: verde, vermelho, amarelo e azul[93]. Neste momento muitos alunos acenavam para seus pais que estavam na arquibancada.

Acompanhando a temática adotada, 32 alunos entraram com as bandeiras dos países que iriam participar da Copa do Mundo de 2010, ao mesmo tempo, a pedagoga falava sobre os países e suas bandeiras, que foram confeccionadas pelos próprios alunos do ensino fundamental nas aulas de Arte[94]. Vale salientar que a última bandeira a adentrar no ginásio foi a do Brasil, assim, permaneceram em quadra duas bandeiras brasileiras com diferentes sentidos e significados, enquanto a primeira referia-se a um elemento protocolar, a segunda estava relacionada com a representatividade do país na Copa do Mundo de Futebol.

Em sequência, um aluno do 8º ano entrou no ginásio carregando a tocha e percorreu um pequeno percurso ao redor da quadra ao som de *Chariots of Fire*[95] até acender a

---

[92] Música do cantor K'naan, lançada em 2009, sendo escolhida por uma empresa de refrigerantes para a divulgação e vinculação da empresa à Copa do Mundo de Futebol da África do Sul.

[93] Os alunos foram distribuídos aleatoriamente nas cores, independentemente das turmas as quais eles pertenciam.

[94] Este fato converge com os Jogos B, em que a comunidade escolar (professores, alunos, autoridades administrativas, etc.) participaram da produção e organização dos jogos.

[95] Esta música foi trilha sonora do filme de mesmo nome, composta pelo músico grego Vangelis.

pira[96]. Historicamente, a escolha do atleta que conduzirá a tocha até o acendimento da pira tem, muitas vezes, forte carga simbólica[97]. Nesse sentido, de acordo os professores/organizadores, a escolha do aluno ocorreu de uma maneira pedagógica, em que o aluno-atleta é indicado por ter um bom desempenho tanto escolar quanto esportivo. Percebe-se com isto a tentativa de comunicar e legitimar uma mensagem que a escola deseja ter a sua imagem associada.

> PROFESSOR 1 - É a parte pedagógica da escola junto com o pessoal da Educação Física que escolhe o aluno que vai carregar a tocha. [...] É uma honraria, porque o aluno ele não tem que ser só excelente nos esportes, ele tem ser um exemplo de um modo geral para a escola, porque ali ele acaba sendo um exemplo para os outros alunos.

O momento subsequente da cerimônia foi a execução do hino nacional brasileiro, com todos de pé direcionados para a primeira bandeira do Brasil que entrou no ginásio. Após o hino, foi realizado o juramento do atleta por uma aluna do 6º ano do ensino fundamental. Ao final do juramento, os alunos dirigiram-se a seus pais que estavam na arquibancada e, então, o pastor declarou a abertura oficial dos jogos.

Tanto para os professores/organizadores quanto para os alunos que participaram desta cerimônia de abertura, os elementos protocolares como a tocha, a pira, o juramento, dentre outros, corroboram para a conexão entre os jogos da escola e os Jogos Olímpicos.

> PROFESSOR 2 – Apesar de ser uma festa para os alunos, a gente leva muito a sério tudo... tem o espírito olímpico, por isso a tocha é acesa, tem o juramento do atleta. Fazemos questão de ter a tocha olímpica com algum aluno carregando para simbolizar aquele fogo olímpico, no mesmo sentido que tem nas Olimpíadas, que fica acesa aquela pira olímpica por muito tempo, até terminar as Olimpíadas. O nosso objetivo é também que o fogo olímpico traga essa paz, essa união, que tem toda essa simbologia.
>
> ALUNO 3 - Significa muita coisa, tipo... a abertura das Olimpíadas “né”...achei muito emocionante.
>
> ALUNO 4 - Achei bem legal, assim... Essa sensação de estar mesmo em uma Olimpíada, pelo menos eu senti. Talvez um de nós ao sair dessa escola possa fazer parte de uma Olimpíada de verdade.

---

[96] Este momento foi muito aplaudido pelo público.

[97] Por exemplo, a escolha de Muhammed Ali em 1996 (Atlanta, EUA) representou uma reparação pacifista à perda de sua medalha olímpica por ter se recusado a lutar na guerra do Vietnam. Em 2000 (Sydney, AUS) a escolha da atleta de origem aborígene Cathy Freeman representou a escolha australiana de uma identidade multicultural politicamente correta. Por outro lado, em 2008 (Beijing, CHN), a escolha de Li Ning foi uma homenagem a própria história olímpica da China.

Decerto, os elementos olímpicos utilizados nas cerimônias de abertura dos jogos analisados remetiam à ideologia olímpica e seus valores são apreendidos pelos participantes, ainda que a partir de suas singularidades subjetivas.

O último momento da cerimônia de abertura foi marcado pelas apresentações artísticas das escolinhas de esportes da instituição. O primeiro grupo a se apresentar foram as alunas do ballet, que dançaram ao som das músicas *Chica Chica Boom Chic* e *Aquarela do Brasil*. Posteriormente, as equipes de futsal e basquete desfilaram pela quadra, entoadas por músicas de *hip hop*. Por fim, oito alunas fizeram uma apresentação de ginástica rítmica com a música *Brasileirinho*.

De acordo com os alunos entrevistados, o momento das apresentações artísticas foi o que causou mais emoção e o que eles mais gostaram, devido ao sentido festivo e espetacular. Como já discutido a partir de MacAloon (1984), de fato, é esta ocasião que 'atrai' o público para a cerimônia de abertura.

Como observado, a cerimônia de abertura dos Jogos A pautou-se na celebração da identidade brasileira na Copa do Mundo de Futebol, através da decoração, das músicas e das vestimentas nas apresentações artísticas. Ao mesmo tempo, a presença de elementos do protocolo olímpico, a partir de suas simbologias reconhecidas coletivamente, garantiu o sentido universal do evento.

Para DaMatta (2006), a Copa do Mundo de Futebol e os Jogos Olímpicos estabelecem, à sua maneira, elos entre o local e o universal, sobretudo, a partir das cerimônias de abertura. Nesse sentido, os Jogos Olímpicos reúnem, de modo geral, rituais universalistas que enfatizam a coletividade e a igualdade. Em contrapartida, no Campeonato Mundial de Futebol o universal encontra-se englobado pela singularidade de uma única modalidade esportiva.

Desta forma, ao utilizar elementos protocolares de um evento pretensamente universal em uma cerimônia que celebrava uma singularidade, as relações entre o global e o local, o universal e o singular, se estabeleceu de maneira tênue e complexa na cerimônia de abertura dos Jogos A. Neste contexto, tal como nos Jogos B, constatou-se que o universal não englobou o singular, e sim que estes momentos coexistiram e oscilaram em certas ocasiões das cerimônias de abertura.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo foi norteado pelo intuito de compreender os sentidos, significados e valores que envolvem a realização de eventos esportivos escolares, pontualmente a partir de suas cerimônias de abertura.

Nesse sentido, a análise e discussão sobre a emulação de valores olímpicos em cerimônias esportivas escolares foi delineada a partir de três eixos principais, a saber: 1) as representações e significados das cerimônias de abertura para alunos e organizadores; 2) os elementos protocolares presentes nas cerimônias escolares e seus significados valorativos segundo os atores (alunos e organizadores); e 3) a relação entre esporte e valores para alunos e organizadores.

No primeiro eixo, nota-se que as cerimônias de abertura dos jogos escolares são percebidas por alunos e organizadores como momentos que atribuem grandeza, seriedade e importância aos respectivos eventos esportivos. Constata-se que tais percepções convergem com o aparato conceitual mobilizado neste estudo para compreender o termo cerimônia (DURANTEZ, 2000; MORÁGAS, MacALOON e LLINÉS, 1995).

Ao mesmo tempo, organizadores e alunos relacionaram a cerimônia de abertura à ideia de festividade e confraternização entre os participantes, como um momento que precede à dimensão mais ‘séria’: a competitiva. A atmosfera ritualística também esteve presente nas respostas dos entrevistados, vinculada à noção de que a cerimônia ocorre porque segue a tradição, reúne história e símbolos. Nesse sentido, as representações e significados acerca do porque e para que se realizam cerimônias de abertura em eventos esportivos permearam dimensões semelhantes àquelas que circundam os Jogos Olímpicos, sobretudo, o espetáculo, o festival e o ritual (MacALOON, 1984).

No segundo eixo, percebemos que os jogos escolares em geral apresentaram os mesmos elementos protocolares presentes nos JO: discursos, juramentos, bandeiras, tocha, pira, hinos, etc. Porém, estes foram ordenados diferentemente,

com maior ou menor elaboração no que se refere às tecnologias e demais recursos utilizados por cada evento.

Nesse contexto, parece possível afirmar que quanto menores em proporção e participação foram os jogos analisados, identificou-se menor rigidez na apresentação da sequência dos elementos protocolares e até no comportamento dos envolvidos na cerimônia. É importante afirmar que esta assertiva não parte de um pressuposto gradual/proporcional. A ideia é que ao isolarmos as OE 2011 pode-se percebê-las como um evento que, esperadamente, obedece criteriosamente o modelo olímpico como um padrão – o que está relacionado ao fato de o evento ter relações diretas com o COB – ao passo que, se agregarmos os demais jogos como um grupo, nota-se que estes emulam o modelo olímpico apresentando, no entanto, variações tanto na ordem quanto na maneira que apresentam os símbolos e elementos olímpicos.

Em outras palavras, constatou-se que à medida que os jogos escolares apresentam características mais 'locais' (com o envolvimento de menos escolas e menos alunos), a 'forma' das cerimônias parece configurar-se de maneira mais flexível, sobretudo, no que se refere a como e em que ordem os elementos protocolares são dispostos ao longo da cerimônia. Destaca-se, nesse sentido, que a participação da comunidade escolar na produção dos eventos foi maior nos eventos de menor dimensão e população (Jogos A e B).

Esse fato se repete no que se refere ao 'conteúdo' do cerimonial. Como foi possível ilustrar, foi nos eventos menores que temáticas foram adotadas pelos organizadores para balizar os cerimoniais. Comprova-se, porém, que as temáticas escolhidas não sobrepujaram a presença dos símbolos e elementos olímpicos.

No que se refere às representações valorativas destes elementos e símbolos, percebemos que os entrevistados, participantes e organizadores dos diferentes eventos escolares, apresentaram, majoritariamente, ideias convergentes. Estas representações nos permitem inferir que o caráter ritual da cerimônia é objetivamente pouco compreendido em termos de significados, mas, temos subsídios para pensar que a cerimônia parece manter sua eficácia social situada na produção das crenças.

Desta maneira, corrobora-se com a concepção de Segalen (2002), a qual afirma que os símbolos desempenham a função de condensação, unificação e polarização dos significados. Assim, os eventos analisados seguiram o modelo olímpico tanto através da presença e apresentação dos elementos protocolares (tocha, pira, juramento, entre outros) como através de suas representações, o que pode exprimir um reconhecimento coletivo acerca dos valores e símbolos olímpicos.

Seguindo às hipóteses do estudo, percebeu-se que os ‘jogos’ e ‘olimpíadas’ escolares analisados emularam as cerimônias olímpicas e seus valores ao mesmo tempo em que promoveram sua identidade e valores específicos, percebidos, sobretudo, dentro da programação artística das cerimônias. Entretanto, constatou-se a partir das falas dos organizadores que as especificidades valorativas dos seus eventos não são claramente distinguíveis em relação aos Jogos Olímpicos e/ou aos valores associados ao esporte como um todo.

Verificou-se que, tal como ocorre na abertura dos Jogos Olímpicos, as cerimônias escolares analisadas apresentaram os dois momentos distintos identificados por DaMatta (2006): o universalista, que abarca sobretudo os elementos protocolares, e o particularista, um momento festivo composto, principalmente, pelo programa artístico. Contudo, vale salientar que estes momentos não aconteceram isoladamente durante as cerimônias, mas, em muitas ocasiões coexistiram e oscilaram.

Seguindo a concepção de DaMatta (2006) nas cerimônias olímpicas o universal engloba o local, no entanto, nas cerimônias escolares analisadas, sobretudo dos Jogos A e B, estas dimensões sofreram rearranjos, ao passo que houve um equilíbrio nesta relação entre universal e local, e, em certos momentos, houve até uma inversão. Por isso, trabalhamos com a compreensão de que estes jogos emulam o modelo olímpico, porém, não imitam.

No terceiro eixo da análise refletimos sobre a relação entre esporte e valores em eventos que envolvem finalidades pretensamente pedagógicas (declaradas pelos organizadores dos jogos escolares) e, ao mesmo tempo, estão sujeitos parcialmente às lógicas que orientam o esporte de alto rendimento.

Embora esta relação pareça conflituosa, os discursos dos organizadores direcionaram-se para a possibilidade de conciliar a formação de atletas de alto nível e propósitos mais amplos (educacionais, filosóficos, etc.). Tal arranjo e a concepção de “uma experiência para além do esporte” apresentam-se em consonância com discursos apresentados por alunos-atletas das OE 2011 e demais jogos escolares.

Ademais, constatou-se que as autoridades que discursaram em todos os eventos analisados, ressaltaram os aspectos positivo-funcionais da prática esportiva. Ao propor uma simetria de valores orientadores entre esporte e vida social, os organizadores reafirmam a crença na relevância social do esporte, perspectiva também presente nas respostas dos alunos-atletas.

Com efeito, embora haja uma disparidade considerável entre o nível técnico dos participantes das OE 2011 e dos demais jogos escolares, os alunos-atletas em geral associaram a sua relação com o esporte tanto a valores tradicionais do esporte, como disciplina, determinação, competição, quanto ao caráter hedonístico e utilitário, como foi possível observar a partir das recorrentes menções à prática esportiva e o amor, a saúde, a paixão, o bem-estar e o gosto. Desta forma, identificam-se nas concepções dos participantes dos jogos analisados posições alocadas em um *continuum* de polaridades interdependentes envolvendo o dever e o prazer, o singular e o plural.

Tendo em vista o relativismo axiológico que permeia as sociedades contemporâneas, podemos concluir que as apropriações dos JO e seus valores a partir dos eventos aqui analisados são singulares, baseadas na realidade local, porém, coexistem com a emulação de um modelo que se propõe universal o que ajuda a explicar a intensa assimilação formal das cerimônias olímpicas nas incontáveis olimpíadas e jogos escolares que se realizam todos os anos Brasil a fora.

Por fim, através da análise dos dados obtidos emergem-se outros questionamentos acerca da realização de jogos escolares, tais como:

- Como os valores celebrados nas cerimônias de abertura se estabelecem durante a competição?

- De que forma estes eventos contribuem significativamente para a formação dos alunos?

- Qual o potencial destes jogos em integrarem um programa nacional de Educação Olímpica endossado pelo Comitê Olímpico Brasileiro?

Considerando o contexto atual, tais questionamentos podem cunhar bases para a produção de trabalhos relacionados a valores olímpicos no Brasil, e assim, tornar mais tangível o desenvolvimento do Movimento Olímpico, para além de apropriações fortuitas em jogos e olimpíadas escolares.

7. REFERÊNCIAS

ALKEMEYER, T.; RICHARTZ, A. The Olympic Games: from ceremony to show. **Olympika**, v. 2, p. 79-89, 1993.

BENTO, J. O. Desporto para crianças e jovens: das causas e dos fins. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (Orgs). **Desporto para crianças e jovens**: razões e finalidades. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 21-56.

BRACHT, V. A Criança que Pratica Esporte Respeita as Regras do Jogo...Capitalista. In: OLIVEIRA, V. M. **Fundamentos Pedagógicos – Educação Física:** flexões e reflexões. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987.

BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

BRACHT, V. **Sociologia Crítica do Esporte**: uma introdução. 3 ed, Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

BRACHT, V.; ALMEIDA, F. Q. A política de esporte escolar no Brasil: a pseudovalorização da educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 24, n. 3, p. 87-101, maio 2003.

CAPARROZ, D. A. de S. Educação Física Escolar: Educar em Valores. In: CONGRESSO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA DE CIÊNCIAS DO ESPORTE DO ESPÍRITO SANTO, 3., 2006, Linhares, ES. **Anais...** Linhares: Unilinhares, 2006. 1 CD-ROM.

CARRARD, F. The Olympic Message in Ceremonies. The Vision of the International Olympic Committee. In: MORAGAS, M.; MacALOON, J.; LLINÉS, M. (Eds). **Olympic ceremonies**: historical continuity and cultural exchange. Lausanne: International Olympic Committee, 1996, p. 23-28.

CAVALCANTI, K. B. A Função Cultural do Esporte e suas Ambigüidades Sociais. In: DACOSTA, L. P. **Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa**. Rio de Janeiro: Palestra, 1981. p.301-319.

DaCOSTA, L. P. (Org.). **Olympic Studies**: current intelectual crossroads. Rio de Janeiro: Gama Filho, 2000.

DaCOSTA, L. P. et al. **Manual Valores do Esporte SESI:** Fundamentos. Brasília: SESI/DN, 2007.

DaCOSTA, L. P. **A reinvenção da educação física e desporto segundo os paradigmas do lazer e da recreação**. Lisboa: DGD, 1987.

DaMATTA, R. Em Torno da Dialética entre Igualdade e Hierarquia: Notas sobre as Imagens e Representações dos Jogos Olímpicos e do Futebol no Brasil. In: _____. **A bola corre mais que os homens**: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 2006, p. 172-204.

DaMATTA, R. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. **Revista USP –** Dossiê Futebol, n. 22, p. 11-17, 1994.

DURANTEZ, C. The Olympic Torch. **Olympic Review**, v. XXVI, n. 33, p. 16-23, 2000. Disponível em: http://www.la84foundation.org/OlympicInformationCenter/OlympicReview/2000/OREXXVI33/OREXXVI33m.pdf. Acesso em: 06 de jan de 2012.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

GAYA, A. Sobre o esporte para crianças e jovens. **Revista Movimento**, Porto Alegre: UFRGS, ano VII, n 13, dezembro, 2000. p. 1-13.

GAYA, A.; TORRES, L. O esporte na infância e na adolescência: alguns pontos polêmicos. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (Orgs). **Desporto para crianças e jovens**: razões e finalidades. Porto Alegre: UFRGS, 2004, p. 57-74.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HAAS, A. N. et al. Cerimônia de abertura dos Jogos Pan-americanos 2007: uma avaliação a partir de parâmetros olímpicos. In: DaCOSTA, L. P. et al. **Legados de Megaeventos Esportivos**. Brasília: Ministério do Esporte, 2008. p. 317-329.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HAMMERSLEY, M; ATKINSON, P. **Ethnography**: principles in practice. London: Tavistock, 1995.

HEINEMANN, K.; PUIG, N. El deporte em la perspectiva del año 2000. **Papers**, n. 38, p. 123-141, 1991.

KLAUSEN, A. M. Introduction. In: _____. (Ed.) **Olympic Games as a cultural perfomance and public event**. New York: Bergham Books, 1999, p. 1-8.

KIRST, F. **Esporte e Valores Sociais**. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Federal do Espírito Santo, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Vitória, 2009.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994.

LÉVI-STRAUSS, C. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1985.

LLINÉS, M. The History of Olympic Ceremonies. From Athens (1896) to Los Angeles (1984). An Overview. In: MORAGAS, M.; MacALOON, J.; LLINÉS, M. (Eds). **Olympic ceremonies**: historical continuity and cultural exchange. Lausanne: International Olympic Committee, 1996. p. 63-80.

LOVISOLO, H. **Educação física**: a arte da mediação. Rio de Janeiro, Sprint, 1995.

LOVISOLO, H. Sociologia do Esporte: Viradas Argumentativas. REUNIÃO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS. Caxambú, **Anais**... São Paulo: ANPOCS, 2002. 1 CD-ROM.

MacALOON, J. J. Introduction: cultural performances, cultural theory. In: _____. (Ed.). **Rite, drama, festival, spectacle**: Rehearsals toward a theory of cultural performance. Philadelphia: ISHI, 1984. p. 1-15.

MacALOON, J. J. Olympic Games and the theory of spectacle in modern societies. In: _____. (Ed.). **Rite, drama, festival, spectacle**: Rehearsals toward a theory of cultural performance. Philadelphia: ISHI, 1984. p. 241-280.

MacALOON, J. Olympic Ceremonies as a Setting for Intercultural Exchange. In: MORAGAS, M.; MacALOON, J.; LLINÉS, M. (Eds). Olympic ceremonies: historical

continuity and cultural exchange. Lausanne: International Olympic Committee, 1996. p. 29-43.

MARILLIER, B. **Jogos Olímpicos**. Lisboa: Hugin, 2000.

MARQUES, A. Fazer da competição dos mais jovens um modelo de formação e de educação. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (Orgs). **Desporto para crianças e jovens**: razões e finalidades. Porto Alegre: UFRGS, 2004. p. 75-96.

MORÁGAS, M.; MacALOON, J.; LLINÉS, M. (Eds). **Olympic Ceremonies:** Historical continuity and cultural exchange. Lausanne: International Olympic Committee, 1996.

PEIRANO, M. (Org.). **O dito e o feito**: ensaios de Antropologia dos Rituais. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2002.

PEIRANO, M. **Rituais ontem e hoje.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

QUEIRÓS, P. Para um novo enquadramento axiológico na participação de crianças e jovens no desporto. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (Orgs). **Desporto para crianças e jovens**: razões e finalidades. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004. p. 187-198.

RADCLIFFE-BROWN, A. R. **Structure and Function in Primitive Society.** London: Cohen and West, 1959.

RICHARDSON, R. J. et al. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.

SEGALEN, M. **Ritos e rituais contemporâneos**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

STIGGER, M. P. **Esporte, lazer e estilos de vida**: um estudo etnográfico. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

STIGGER, M. P.; LOVISOLO, H. R. **Esporte de rendimento e esporte na escola.** Campinas: Autores Associados, 2009.

TAVARES, O. **Mens Fervida in Corpore Lacertoso?** As atitudes dos atletas olímpicos brasileiros diante do Olimpismo. Dissertação (Mestrado em Educação

Física) Universidade Gama Filho, Programa de Pós Graduação em Educação Física, Rio de Janeiro, 1998.

TAVARES, O. **Esporte, Movimento Olímpico e Democracia**: o atleta como mediador. Tese (Doutorado em Educação Física) Universidade Gama Filho, Programa de Pós Graduação em Educação Física, Rio de janeiro, 2003.

TAVARES, O. Valores olímpicos no século XXI. In: RUBIO, K. et al. (Orgs.). **Ética e compromisso social nos estudos olímpicos**. Porto Alegre: Ed. da PUC-RS, 2007. p. 181-202.

TODT, N. As cerimônias de abertura dos Jogos Olímpicos de verão, sob uma perspectiva da Educação Olímpica. In: REPPOLD FILHO, A. R. et al (Orgs). **Olimpismo e educação olímpica no Brasil**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2009. p. 111-122.

TORRI, D.; VAZ, A. F. Teoria Crítica do Esporte: apontamentos. **Revista Virtual EFArtigos**, v. 03, n 15, dezembro, 2005.
Disponível em: http://efartigos.atspace.org/esportes/artigo59.html. Acesso em: 10 de set de 2011.

TURINI, M.; DaCOSTA, L. **Coletânea de textos em estudos olímpicos**. v. 2. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002.

TURNER, V. **O processo ritual**. Petrópolis: Vozes, 1974.

VAZ, A. F. Técnica, Esporte, Rendimento. **Revista Movimento.** Porto Alegre: UFRGS, v. 7, n. 14, p. 87-99, 2001.

_____. Teoria Crítica do Esporte: desdobramentos, críticas e possível atualidade. Encontro Anual da ANPOCS, 27, Caxambú, 2003, **Anais...** Campinas: ANPOCS, 2003. 1 CD-ROM.

YOUNG, D. **The Modern Olympics:** A Struggle for Revival. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1996.

APÊNDICES

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

APÊNDICE A

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Prezado Sr(a),

Eu, Ana Gabriela A. Medeiros, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), apresento-lhes a pesquisa intitulada "Valores em Jogo: cerimônias esportivas como rituais seculares de emulação de valores", desenvolvida sob a orientação do Prof. Dr. Otávio Tavares, que tem por objetivo analisar os sentidos, significados e valores envolvidos na realização das Olimpíadas Escolares 2011, com ênfase em sua cerimônia de abertura. Para tanto, pretende-se realizar observações não-participante da cerimônia de abertura, com registros em vídeo, fotografia e diário de campo. Além disso, almeja-se realizar entrevistas com alunos-atletas e organizadores do evento. Nesse sentido, solicito a autorização e mediação de vossa entidade para o contato da pesquisadora com os alunos-atletas e organizadores, para que então possam resolver sobre a possível participação nesta pesquisa.

Desde já agradeço a atenção,

Ana Gabriela Alves Medeiros.

Maiores informações e/ou dúvidas,

_____	_____
Orientador: Prof. Dr. Otávio Tavares Pesquisador Responsável tavaresotavio@yahoo.com.br	Mestranda: Ana Gabriela Medeiros Pesquisadora – (27) 8127-9381 gabimedeirosef@gmail.com

_____, _____ de _____.

_____

Assinatura do responsável

APÊNDICE B

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

1. ANÁLISE DO CONTEXTO

   a) Descrição do local
   b) Descrição da ambientação
   c) Descrição dos elementos que aparecerão na cerimônia de abertura
   d) Descrição dos procedimentos (narrativas) da cerimônia de abertura

2. ANÁLISE DOS SUJEITOS

   a) Comportamento dos atletas
   b) Comportamento dos espectadores (público de um modo geral)
   c) Comportamento dos organizadores
   d) Interação entre os atletas
   e) Vestimentas dos atletas

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

APÊNDICE C
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa "*Valores em Jogo: cerimônias esportivas como rituais seculares de emulação de valores*". O motivo que nos leva a estudar este assunto é a tentativa de compreender a pluralidade de valores presentes no contexto esportivo. Neste estudo pretendemos analisar os sentidos, significados e valores envolvidos na realização do jogos escolares, com ênfase em sua cerimônia de abertura. Para isto adotaremos os seguintes procedimentos: [1] observação das cerimônias de abertura; [2] entrevistas guiadas com os alunos-atletas e com os organizadores da competição. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. Você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Este estudo não apresenta risco para você, tampouco benefícios. Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 3 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, portador(a) do documento de Identidade _____ fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e poderei modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo este termo assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

_____, ___ de _____ de _____.

_____ _____ _____

Assinatura do(a) participante Assinatura dos pesquisadores

Para maiores informações e/ou dúvidas,

Orientador: Prof. Dr. Otávio G. Tavares da Silva
Pesquisador Responsável – (27) 3335-2637
tavaresotavio@yahoo.com.br

Mestranda: Ana Gabriela Medeiros
Pesquisadora – (27) 8127-9381
gabimedeirosef@gmail.com

Caso você tenha dificuldade em entrar em contato com o pesquisador responsável, comunique o fato à Comissão de Ética em Pesquisa do pelo telefone 3335-7504 ou pelo e-mail cep@ccs.ufes.br.

APÊNDICE D

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS PROFESSORES ORGANIZADORES DOS JOGOS ESCOLARES INTERNOS

IDENTIFICAÇÃO

Idade:

Sexo:

Cargo:

1. Como foi o planejamento da cerimônia de abertura?
2. Como foram escolhidos os alunos que participaram da cerimônia?
3. Para você, qual a relevância da realização destes jogos? O que eles representam?
4. Para você, qual a contribuição deste evento para a formação dos alunos?
5. Durante a cerimônia, houve a tentativa de reproduzir os valores da escola? Em que momento? Quais são estes valores?
6. Nós percebemos que durante a cerimônia de abertura apareceram alguns elementos do protocolo olímpico, como a tocha, a pira, o juramento, qual o sentido destes elementos naquela cerimônia? O que eles representavam?
7. Notamos também, a partir da ornamentação, das falas e das apresentações artísticas que o tema da cerimônia de abertura foi a Copa do Mundo, ou o Brasil na Copa do Mundo. Como se estabeleceu a relação desta temática com os elementos olímpicos (tocha, pira, juramento)?

APÊNDICE E

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS ALUNOS DOS JOGOS ESCOLARES INTERNOS

IDENTIFICAÇÃO

Idade: Sexo:

Série: Esporte/Modalidade:

1. Qual o momento da cerimônia de abertura que mais te agradou? Por quê?
2. O que significou para você participar da cerimônia de abertura?
3. Sobre alguns elementos do protocolo olímpico que apareceram na cerimônia de abertura, como a tocha, a pira, o juramento, o que estes elementos representaram para você?
4. Esta competição é importante para você? O que ela representa?
5. Para você, que valores a cerimônia de abertura transmitiu?

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

APÊNDICE F

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS-ATLETAS DOS JOGOS INTERESCOLARES

Prezado aluno, estamos realizando uma pesquisa universitária sobre cerimônia de abertura de jogos escolares, e sobre esporte e seus valores. Você gostaria de responder nosso questionário? Não tomaremos mais do que 15 minutos do seu tempo. Nosso único pedido é que seja sincero e objetivo.

IDENTIFICAÇÃO

Idade:
Sexo:
Estado/Cidade:
Série:

Vamos começar falando sobre a cerimônia de abertura. Você participou dela?

( ) SIM ( ) NÃO

1. O que você mais gostou? Por quê?

2. O que te emocionou mais? Por quê?

3. Para você o que representa:

   - A tocha
   - A pira
   - O juramento
   - As apresentações artísticas
   - Os hinos tocados
   - Os discursos feitos
   - O desfile dos alunos atletas
   - As bandeiras

Agora, teremos perguntas sobre o esporte de um modo geral. Seja sincero e espontâneo.

1. Porque você pratica esporte?
2. O que é competição para você?
3. O que você prefere, esporte como diversão ou esporte como competição?
4. Dando uma nota de um a cinco, o que é o esporte para você? (Considerando **um** que você discorda totalmente e **cinco** que você concorda totalmente).

Diversão	1	2	3	4	5
Excitação	1	2	3	4	5
Comunicação	1	2	3	4	5
Integração	1	2	3	4	5
Disputa	1	2	3	4	5
Disciplina	1	2	3	4	5
Esforço	1	2	3	4	5
Tensão	1	2	3	4	5
Risco	1	2	3	4	5
Cooperação	1	2	3	4	5
Alegria	1	2	3	4	5
Prazer	1	2	3	4	5
Cultura	1	2	3	4	5
Saúde	1	2	3	4	5
Expressão	1	2	3	4	5
Experimentação	1	2	3	4	5

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

APÊNDICE G

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM A PROFESSORA/ORGANIZADORA DOS JOGOS INTERESCOLARES

IDENTIFICAÇÃO

Idade:

Sexo:

Cargo:

1. Quais são as suas atividades/incumbências dentro da escola?

2. Você costuma trabalhar com esses eventos?

3. Quem trabalhou na organização deste evento? E da cerimônia de abertura?

4. Quanto tempo demorou para organizar esta cerimônia?

5. Qual o grau de influência do trio gestor (diretora pedagógica da escola, gestora administrativa e diretora religiosa) na concepção da cerimônia de abertura? Elas exigem alguma coisa, fazem comentários?

6. O roteiro da abertura foi seu?

7. Em que vocês se basearam para montar a cerimônia de abertura?

8. Percebemos que havia elementos que remetiam a orientação religiosa da escola na cerimônia de abertura, como a imagem de Maria. De onde partiu a idéia de introduzi-los na cerimônia? O que eles representam?

9. Quais os valores celebrados na cerimônia de abertura?

10. Como os valores da escola apareceram na cerimônia?

11. Nós percebemos a presença de elementos dos Jogos Olímpicos, como a tocha, a pira, o juramento. De onde veio a decisão de usar esses elementos?

12. O que estes elementos representaram?

13. Qual a importância deste evento para a formação dos alunos?

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

APÊNDICE H

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS ORGANIZADORES DOS JOGOS NA REDE 2011

IDENTIFICAÇÃO

Idade:

Sexo:

Cargo:

PARTE I – SOBRE A CERIMÔNIA DE ABERTURA

1- Por que se realiza uma cerimônia de abertura?

2- Em sua opinião, o que representa esta cerimônia?

3- Como foi o planejamento da cerimônia de abertura?

4- Há um referencial para a elaboração desta cerimônia? Em que ela se baseia?

5- O que se pretende representar com:

a) O desfile das equipes participantes
b) Os discursos feitos
c) As bandeiras
d) A tocha
e) A pira
f) O juramento dos atletas
g) Os hinos tocados
h) As apresentações artísticas

PARTE II – SOBRE ESPORTE E VALORES

1- Qual a contribuição deste evento na formação dos jovens?

2- Que valores esta competição celebra?

3- Há valores específicos dos Jogos na Rede?

4- Qual o sentido e significado do esporte nesta competição?

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

APÊNDICE I

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM ALUNOS-ATLETAS DAS OLIMPÍADAS ESCOLARES 2011

IDENTIFICAÇÃO

Idade: Sexo:

Série: Esporte/Modalidade:

PARTE I – SOBRE A CERIMÔNIA DE ABERTURA

1. Em sua opinião, por que se realiza uma cerimônia de abertura?
2. Para você é importante participar da cerimônia de abertura? Por quê?
3. O que você mais gostou na cerimônia de abertura? Por quê?
4. O que te emocionou mais? Por quê?
5. O que representa para você:

a) O desfile das equipes participantes
b) Os discursos feitos
c) As bandeiras
d) A tocha
e) A pira
f) O juramento dos atletas e árbitros
g) Os hinos tocados
h) As apresentações artísticas

PARTE II – SOBRE ESPORTE E VALORES

1. Por que você pratica esporte?
2. Você é atleta federado? Você treina em algum clube ou apenas na escola?
3. Responda a seguinte questão dizendo as três primeiras idéias que lhe vêm à cabeça. Esporte para você é...
4. O que o esporte te ensina?
5. O que você prefere, esporte como lazer e diversão ou esporte como competição? Por quê?
6. Em uma competição, o que vale para ganhar? E o que não vale para ganhar?
7. Para você, o que significa participar das Olimpíadas Escolares?

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

APÊNDICE J

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS ORGANIZADORES DAS OLIMPÍADAS ESCOLARES 2011

IDENTIFICAÇÃO

Idade:

Sexo:

Cargo:

PARTE I – SOBRE A CERIMÔNIA DE ABERTURA

1- Por que se realiza uma cerimônia de abertura?

2- Em sua opinião, o que representa esta cerimônia?

3- Como foi o planejamento da cerimônia de abertura?

4- Há um referencial para a elaboração desta cerimônia? Em que ela se baseia?

5- O que se pretende representar com:

a) O desfile das equipes participantes
b) Os discursos feitos
c) O hasteamento das bandeiras
d) A tocha
e) A pira
f) O juramento dos atletas
g) Os hinos tocados
h) As apresentações artísticas

PARTE II – SOBRE ESPORTE E VALORES

1- Qual a contribuição deste evento na formação dos jovens?

2- Que valores esta competição celebra?

3- Há valores específicos das Olimpíadas Escolares?

4- Qual o sentido e significado do esporte nesta competição?